FON FON
ANNO XXV — N.º 34
Rio, 22 de Agosto de 1931
— PREÇO: 1$000 —

un air de printemps

LA REINE DES CRÈMES

MERVEILLEUSE CRÈME DE BEAUTÉ

CELLE QUI FAIT LA FEMME SI JOLIE

Idéale pour la beauté du teint
protège le visage contre le hale et les rougeurs
maintient parfaitement la poudre

Em venda em todas as boas casas do Brazil

A PHRASE QUE MATOU MAURICIO...

De HILTON SETTE

MAURICIO Restinga foi meu companheiro de collegio. Desde aquelle tempo, um rapaz impressionavel. Nervoso. Esquisito. Um menino que uma vez, lembro-me bem, tirou uma nota má em prova escripta de geographia, porque foi dizer ao professor que havia filado. E fez isso tão naturalmente como me contou depois:

— Filei porque não sabia. Fui tentado... Mas, arrependi-me. A consciencia acusou-me de um roubo. Achei mais digno assim...

No anno seguinte, elle não voltou ao collegio. Soube depois que havia embarcado com a familia para o Rio. E só. Nunca mais tive noticias. Mas não pude esquecer este seu gesto. Tanto que muitas vezes citei para meus amigos, como exemplo de altivez moral. E, quando li o outro dia, num matutino, o telegramma que narrava o suicidio de meu ex-companheiro, depois de ter sido absolvido do crime de morte por um tribunal de jury, aquella nota má me sorriu como explicação sincera do acto tresloucado de Mauricio Restinga.

Dito e feito.

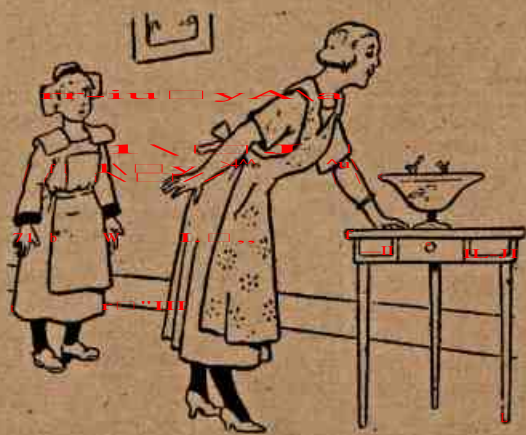
Os dias que passaram, não foram muitos. Hoje, a luminosidade da tarde, escrevia um poema. Distrahidamente. Quando o carteiro me trouxe uma carta. Via aerea. Carimbo do Rio. Sello "O que é que ha?" A pergunta do sello foi a interrogação de minh'alma. E os meus olhos, a principio indifferentes, depois interessados, e, por fim, abysmados, começaram a dançar deante da letra miuda e monotona de quem me escrevia.

Bem que podemos reler juntos:

"Meu amigo do passado:

Você, que gosta de parodiar as historias horriveis do mundo em bonitos contos que publica nas revistas daqui, deve ficar satisfeito em saber que será o unico confidente de um homem que vae morrer depois de ter sido absolvido pela justiça. Não procuro esconder este prazer ou este orgulho. Elle é natural. E' humano. E como estava dizendo, não deixo cartas. Não quero ser um suicida banal. Apenas lhe narro a minha historia nesta, que vou botar no correio antes de morrer, para você concorrer com ella a algum concurso literario. Faça um conto. Ou uma novella. Esconda meu nome num nome vulgar. Manoel das Paixões, por exemplo. E conte em poucas palavras, para não cansar o leitor, todo o motivo por que eu não quero mais viver. Assim:

Vim morar no Rio com a idade de quatorze annos. Acabei a custo o meu curso de humanidades. Não pude me formar. Empreguei-me. Quarto escripturario da Alfandega. E casei-me com a mulher que foi o enlevo de meus sonhos de rapaz. Nosso lar, meu amigo, lá em S. Christovão, era um "bungalow" simples, pobre, modesto, mas que não deixava de ter a sua victrolazinha e meia duzia de discos regionaes. Eramos felizes, sim. P'ra que negar? Só nos faltava, o que nos veiu com um anno e meio de casados: a Heleninha. Uma filha, sabe? Uma menina que veiu servir de complemento á figura da mãe, na trindade prosaicamente feliz... Mas...

(Ha conjuncções que deviam desapparecer da grammatica.) Naquella tarde de canicula, eu trabalhava em meu bureau de repartição. Curvado sobre a machina. Tiquetaqueando um officio comprido. Cheio daquellas phrases feitas e termos burocraticos. Nisto, o telephone me chamou. Não era homem de telephonemas. Assustei-me logo. Vi, num momento, a minha Heleninha desmanchando-se em sangue de uma queda desastrosa. A Assistencia na porta. Minha mulher, muito afflicta, chamando-me da venda da esquina.

Não foi nada disto. E antes fosse! Porque o telephone bancou a conhecidissima carta anonyma de todos os dramas conjugaes. Poucas palavras em voz feminina: "Vá em casa saber qual é a visita que sua mulher recebe todos os dias a estas mesmas horas." Não sei o que senti. A cabeça rodou. A vista escureceu. Só não cahi porque me ampararam. O pretexto foi uma doença em casa. Pedi para sahir. O chefe acquiesceu. Na rua, comprei um revolver. E um taxi veloz. O telephone não mentira. A tragedia foi consummada. Hoje, só me arrependo de não ter morto tambem a minha mulher. Porque ella vae ficar sendo a viuva de Mauricio Restinga... Mas o homem que me roubou a felicidade ficou bem morto, no meio da sala, com o rosto mergulhado numa poça vermelha de sangue. De bruços. Chapéo na cabeça. Quando ia fugindo, talvez... Deante do quadro, com minha mulher agarrada ao cadaver, não disse nada. A minha Heleninha é que, attrahida pelo estampido, vendo-me ainda de revolver na mão, gritou para mim, numa accusação:

— Ora, papae! P'ra que você matou o homem que me dava saquinhos de bom-bom?...

Eis a minha historia, meu amigo do passado. Agora mesmo fui posto em liberdade pela justiça de meus iguaes. Mas vou morrer. Vou me matar. Porque não poderei me esquecer mais que minha filha me accusou de ter morto o homem que lhe dava saquinhos de bom-bom..."

— Maria, mudaste a agua dos peixinhos?
— Não, senhora. Pois si ainda não beberam nada da que eu puz hontem.

A ANIMADORA

CLEMENTE Gendrin achava a vida simples porque ella lhe corria facil. E' raro os optimistas não serem poupados pela existencia. Suppõe-se que o bom humor dessa gente, afasta-lhe as miserias que recahem sobre a nossa triste humanidade.

Mas, realmente, estão satisfeitos com tudo porque não se pódem queixar de nada.

Esse rapagão, inoffensivo e risonho, tinha varias habilidades: Era um verdadeiro faz-tudo: ganhava sempre no pocker e sabia preparar inimitaveis *cocktails*. Seus amigos achavam que elle era inteiramente desprovido de talento. Nesse caso a palavra é empregada no singular. Pois Clémente Gendrin intitulava-se: homem de letras e merecia o titulo. Não porque fôsse de facto um letrado. Toda vez que eu tinha occasião de avaliar a extensão de seus conhecimentos, achava-o mais ignorante. Mas elle escrevia pequenos romances que sepultou volumosos, quero dizer, compostos pelo menos de cento e cincoenta paginas, e simples como uma risada que explóde por qualquer motivo.

Accrescentemos que a confecção dessas gentis insanidades davam-lhe muito dinheiro. Nosso alegre companheiro vivia, pois, feliz quando o azar pregou-lhe a peça de o apresentar a Viviane.

Para definil-o em poucas palavras, servir-me-ei de uma expressão trivial. Viviane achava que *tinha de ser*.

Isso significa que ella dava a tudo cá da terra, certa importancia. Com um bom senso que somente umas tantas mulheres possúem, ella queria que tudo fôsse sempre considerado segundo o seu valor intrinseco.

No fundo, era uma colleccionadora. Classificava os homens, as coisas, os acontecimentos. Accrescentemos, em abono á sua pessôa que raramente se enganava nas categorias.

De repente apaixonou-se por Clemente. Este, convenhamos, não lhe ficou devendo nada; amou Viviane loucamente.

Tratando-se de outra pessôa mil complicações teriam surgido. O marido de Viviane mostrou-se ciumento; sua ligação foi cheia de discordias, de arreganhos de dentes; molestias e viagens separaram-n'os. Mas para Clemente tudo corria perfeitamente.

O destino propicio havia-lhe presenteado com uma amante terna, fiel e seductora; elle teve a intelligencia de prendel-a bem nos braços.

O leitor já percebeu que todo esse preambulo tem sua razão de ser. Meu fim não é mostrar-lhe um individuo com todas as alegrias. Cheguemos ao drama.

Clemente, movido pela incomparavel força que se chama, a confiança em si, acumulou as "pequenas machinas". Era assim que elle chamava seus antigos humoristicos, seus contos engraçados, seus livros d'agua com assucar. Viviane ficou *enfezada*. Esse genero de literatura não lhe agradava. Achava que o amante valia mais que isso.

Havia chegado para elle o momento de se consagrar finalmente a uma obra importante, séria, começada e recomeçada, tanta vez. Ella deplorava a facilidade com que Clemente enchia duas columnas de jornal em tres quartos d'hora e um folheto de vinte mil linhas em tres semanas. Tanto insistiu que acabou por tornar Clemente, desgostoso de suas producções habituaes e que concebeu o plano, honroso, mas perigoso, de revelar a sua personalidade numa obra psychologica e profunda.

Elle foi incapaz. Ha pessôas que se não corrigem. Seus defeitos são inalteraveis. Quando quiz mudar de linguagem, sentiu que o encanto estava acabado. A coisa não ia mais; precisava vencer a seductora agilidade que lhe permittia jogar com as palavras. Soffreu para achar uma expressão exacta. Cada pagina custava-lhe mais que uma chronica; um capitulo curto tornava-se-lhe tão difficil de terminar como um longo romance. Comprehendeu que o papel do escriptor não é encher papel; aprendeu que é preciso procurar um assumpto, como um phylosopho e submetter seus personagens á dissecação, com a cruesa dum sabio.

FILIGRANAS

No céo ha uma cortina
muito ténue,
muito fina...

E' uma cortina toda azul,
pintalgada de luzes que scintillam...

Ha rendas de Alençon na barra da cortina;
nas rendas,
a brancura
suave
da morphina...

Ha um templo,
no céo;
um pagode...
um templo todo branco,
e mais rico que os templos de Stambul!

Ha um Pagode, no céo... exótico, taful...
O Pagode no qual, Princeza Lua,

De Leon Deutsch

Mediu a altura da tarefa. Levantou a cabeça já fatigada, achando a montanha muito alta. Mas estava empenhado. Quando Viviane vinha para junto delle, mal falavam de seus amores. A rapariga installava-se numa poltrona, beberricando aos goles um Porto cuidadosamente escolhido, e arvorava-se em juiz. Clemente, sentado, perto della, lia em vóz alta passagens de seus novo manuscripto, pedindo aprovação, esperando cumprimentos que não chegavam. Pois Viviane era incontentavel; difficil pouco lhe importavam os esforços tragicos que lhe gastavam o amante pouco a pouco. Criticava com perspicacia, sem indulgencia, nem medidas.

Mas, logo preferia tornar-se uma amante attenciosa. Fazia-se terna, carinhosa. Clemente dizia: "Eu quero que me admires." Ella respondia: "Eu te amo."! Então lançava sobre a escrevaninha a papelada inutil. Os beijos de que ella se mostrava prodiga, não conseguiam arrancal-o das suas preoccupações; em meio das caricias, pensavam noutra coisa; elle perguntava a si proprio, como com uma caximonia tão profunda não achava naturalmente, linha por linha, o livro que sonhava escrever...

Viviane, em breve, apercebeu-se dessa distracção. Queixou-se; sua logica feminina, ensinava-lhe, com razão, que havia tempo para tudo. Que Clemente fôsse um escriptor, ella concordava; que elle desejasse figurar entre os melhores, de bom grado aprovava. Mas que a litteratura fôsse para ella, um verdadeiro rival, não admittia.

Clemente não se preoccupava absolutamente com isso.

Agora, não cessava mais de dar golpes de espada no vacuo. Mandou varios contos, cheios das mais nobres intenções á directores de jornaes; um romance de costumes impressionou mal seu editor habitual! Foi uma série de choques. Perguntavam-lhe porque renunciára a um genero onde primava. Affirmou, aliás que esse genero, parecia-lhe execravel. Dizia ter vontade de crear, com fervor, obras importantes. Sorriam, ficava mortificado.

Seu caracter mudou, o bom humor desappareceu. Tornou-se intrigante, invejoso do successo dos outros, fez todos os papeis. Ao mesmo tempo sentia-se incapaz do menor esforço; sua imaginação estava embotada; suas mãos negavam-se a escrever; abandonou todo trabalho.

Por vezes, evocava os tempos felizes em que, comparavel a um jovem pasteleiro, fabricava, seguidamente deliciosos bolinhos litterarios, que subiam a milheiros.

Nada o perturbava então; não tinha escrupulos e não procurava saber se suas producções eram dignas de si. Mas havia bebido o veneno. A amargura havia se apoderado de seu espirito e coração. A revelação de sua mediocridade o perturbava. Nunca houvera tido, pretenções exaggeradas; não posava de genio. Mas fazendo bom conceitosinho de si mesmo, preservava-se de excesso de modestia. Agora, uma angustia o suffocava. Que faria, si não podesse mais escrever?

Viviane comprehendeu que era responsavel por todo esse mal. Achou natural animar Clemente a se tratar. Não previu que elle iria esbarrar deante das primeiras difficuldades. Tornou-se de uma meiguice mais maternal; uma especie de remorso, fazia-a mais carinhosa. Mas Clemente a repellia. Ella aborrecia-o, agora; já não podia supportal-a. Vinha resmungando dos *rendez-vous*; elle acolhia-a em sua casa, sem enthusiasmo. Como não possuia grande alma, accusava-a de seus insuccessos. Na raiva, declarou que ella a havia levado ao máo caminho. Teve a baixeza de proferir censuras. A joven creatura olhou-o com estupor e comprehendeu. Teria realmente errado em desejal-o maior? Devem então as mulheres contentar-se em acceitar os homens taes quaes são?

Porém, ella o amava, apesar dos defeitos, apesar das fraquezas, e não estava conformada de perdel-o.

Elle percebeu, ao mesmo tempo que a severidade, os rigores, as exigencias de sua amiga, tinham-se-lhe tornado indispensaveis.

Em breve ella divorciou-se. Elle esposou-a. E como o pae de Viviane possúe uma importante fabrica no Limousin, Clemente vende porcelana.

a linda Princezinha feiticeira,
ficou,
encantada,
prisioneira...

Dizem que a Princezinha quiz ser freira!
— Porque, não sei; nem m'o contaram —
mas que as Fadas dos Lagos se juntaram
e encantaram,
no céo,
a pobrezinha...
No Palacio que dorme, exótico, taful,
suspenso da cortina toda azul,
desse manto de estrellas pontilhado...
— Estrellas?
São lágrimas que a Lua tem chorado!...

E' a Lua, Salomé sentimental,
envôlta no seu manto lagrimal,
tornou-se inspiração dos namorados

EUG. LAPAGESSE

O "CARRÊGA TUDO"

MEIO dia. Sala de uma delegacia policial de suburbio. Commodamente sentado em sua cadeira de molas e fumando pachorrentamente um cigarro, o commissario prepara-se para interrogar um sujeito enorme que o "promptidão" acaba de prender.

— "Seu" commissario, fala o soldado, prendi este typo, quando assaltava o armazem lá da esquina.

— O do senhor Albino? Bem, bem. (E comsigo mesmo: "Talvez que com isto elle me faça um abatimento na conta deste mez".) Roubou alguma coisa?

— Diz o "seu" Albino que da gaveta do balcão desappareceram 100$000.

— Um anno... Um anno de colonia, no minimo!

Já sabes quem é este passaro?

— E' o "Carrêga Tudo".

— O celebre "Carrêga Tudo"?!

E o commissario deu um salto em sua cadeira.

— Elle mesmo.

— Muito bem... Muito bem!... Garanto-te a promoção... Hoje mesmo, vou officiar ao commando da Brigada... O "Carrêga Tudo"! Sim senhor... Estou de parabens! Tenho-o, emfim, nas minhas mãos! Os jornaes não farão mais troça com o meu honrado nome por causa deste gajo. Então você é...

— Sou eu, sim senhor...

— Não me interrompa!

— Somente respondi...

— Então você é o "Carrega Tudo"?! O ladrão que me tem posto quasi maluco por causa dos seus roubos audaciosos!... Qual é o seu nome?

— Innocencio da Silva.

— Innocencio?!... Que ironia!... Onde estão os 100$000 do senhor Albino?

— Não roubei nada, não.

— Veremos... Innocencio!... Esta é bôa! Innocencio!... Donde lhe vem o apellido?

— Dos jornaes.

— Dos jornaes?

— Quando eu fazia um trabalhinho qualquer, os jornaes acabavam sempre a noticia assim: "carregou tudo"... E dahi os meus companheiros começaram a me chamar de "Carrega Tudo". E o nome pegou...

— Vaes contar-me, agora mesmo, todos os roubos que fizestes na minha jurisdicção.

— Mas nesse lugar não roubei nada...

— Quero dizer, onde tenho autoridade, poder!

— Ah! Na sua zona?

— Perfeitamente, cavalgadura! Conta.

— Posso contar, senhor commissario, para lhe fazer a vontade, mas não ha flagrante...

— Já conheces a lei, hein?

— Um pouquinho...

— Conta, vamos. Começa pelo bonde.

— Não foi bonde: foi reboque...

— E' a mesma coisa! Conta!

— Era já tarde da noite e eu ia para casa, quando vi no desvio um reboque, sozinho, sem ninguem... Comecei a brincar com o carrinho e elle foi andando, andando... Até que saltou dos trilhos e correu pela rua, indo cahir numa ribanceira onde se espatifou todo... Então acabei de arrancar algumas ferragens, o relogio de marcar os nickeis, e, mais tarde, tudo foi parar

O pianista. — Senhores! Esta obra que acabam de ouvir, é a ultima das minhas composições. Terei tido a felicidade de vos agradar?

Uma vóz. — Sim, senhor, agradou. E tem agradado todas as vezes...

De Odilon D'Alencar

num ferro velho que não sei mais onde fica, por mais que me queira lembrar... Tambem a "Light" tem mais de 5.000 reboques... Um só não lhe ha de fazer falta... Não acha o senhor?

— Veremos... "Innocencio". E o caso da maceira?

— Foi assim: era um domingo e fazia muito calor. Fui para o capinzal que dá nos fundos da padaria, afim de passar por uma somnéca, quando vi que uma das portas da padaria estava entreaberta... Logo uma das portas dos fundos! Pensei que algum amigo do alheio lá estivesse e entrei para verificar melhor, mas não encontrei ninguem... Até dentro das gavetas espiei, mas não vi nada. Nem gatuno, nem... dinheiro. Ia sahir, quando reparei numa maceira de ferro ligada a um motor. De repente, tanto a maceira como o motor, rolaram pelo chão... Fiquei com mêdo que algum malvado fosse dizer á policia que eu tinha quebrado as peças, e só por isso, senhor commissario, resolvi arrastar tudo para o capinzal, pois queria mandar concertar as peças numa casa minha conhecida. Emquanto fui buscar um carrinho de mão, roubaram tudo! E eu que estava com tanto trabalho para mandar concertál-as...

— Concertál-as?...

— Sim, senhor. Dizem que ellas estão numa padaria de Cascadura, concertadas e trabalhando que é uma belleza!

— E'... E a machina de costura da senhora Maria?

— Tinha rasgado o meu paletó e, estava parafusando como havia de remendál-o, quando vi numa certa casa uma machina de costura. Entrei disposto á pedir á dona da casa o favor de costurar o meu paletó, mas com surpresa verifiquei que não havia viva alma na tal casa! Resolvi, então, eu mesmo concertál-o, mas, chi!, que costura mal feita eu fiz, senhor commissario! Parecia...

— O roubo! O roubo da machina é o que eu quero saber!

— Mas eu não a roubei. Quando acabei de costurar, não pude soltar a agulha de meu paletó, e como não podia ficar alli o dia todo, sahi arrastando a machina commigo...

— Hum!... E os outros roubos?

— Roubos, não, senhor commissario. Acontecimentos como os que acabei de contar.

— Vamos, então, ao ultimo... acontecimento. Onde estão os 100$000 do senhor Albino?

— Já disse, senhor commissario, que não roubei nada.

— Confessa, confessa...

— Fui á venda somente tomar uma "abrideira". Algum pirata roubou o dinheiro e eu agora é que...

— Máu, máu... Confessa!

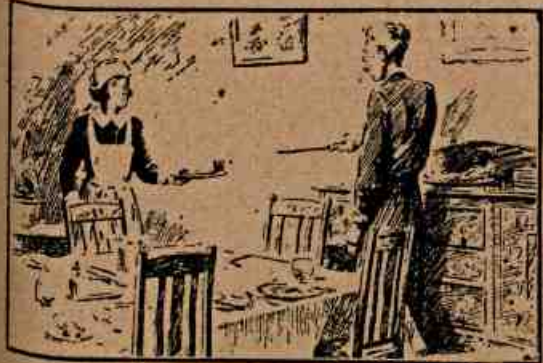
— Depois de tudo que lhe contei, o senhor acredita que tenha sido eu o ladrão dos 100$000?

— Piamente!

— Pois não fui.

— A prova?

— Si fosse eu, teria tambem roubado o... balcão!

E antes que o commissario e o "promptidão" voltassem a si do espanto que lhes causou tão singela declaração, o "Carrega Tudo" ganhando a porta da rua, "carregou" o pé no mundo...

A dona da pensão (á creada, entregando-lhe um grande osso). — Ponha isto no logar do pensionista novo. Deve agradar-lhe: elle é estudante de medicina.

LAR DESFEITO

O Renato, que estudara num dos melhores collegios do Rio, terminado o curso de humanidades, voltára a Recife, sua terra natal. Rebento de uma familia rica, bem relacionada na alta sociedade, era de esperar que a sua chegada fosse assignalada por uma festa intima, a que comparecessem as pessôas que costumavam frequentar a sua casa.

E foi o que succedeu. A' noite, o palacete do dr. Plinio, seu pae, ostentava uma illuminação deslumbrante. Dentro, vibrava a musica de uma orchestra. A decoração impeccavel denunciava o bom gosto da época. Pares sem conta deslisavam, pelos salões, ao som das valsas lentas ou dos sentimentaes tangos argentinos. De raro em raro, rompia a musica alegre de um *fox* e uma expansão communicativa sacudia os espiritos. Notava-se, porém, que o Renato, o travesso e gárrulo Renato, o bohemio incorrigivel das ferias, sentia qualquer coisa a lhe tolher aquella alacridade habitual, tão sua.

Sempre que a orchestra enchia o salão com a melodia divina de uma valsa, elle cingia a loura e enfeitiçante Helena e os dois, enlevados, alheados a tudo que lhes ficava em torno, pareciam alar-se a paragens estranhas, transfigurados pelo Amor.

No outro dia, os commentarios ferveram. Nas rodas familiares, só se falava da nova paixão.

— Ora — dizia alguem — o homem que ha bem pouco vivia a repetir que o amor era uma *blague*, que não dava preferencia a esta ou áquella "pequena", agora loucamente dominado por uma deidadezinha de olhos azues e cabellos de ouro!

Na casa do desembargador Flavio, d. Sinhá palrava:

— Mas que namoro! Era só tocar uma valsa, e lá iam os dois pelo salão. Procurei falar com o Renato, e elle quasi não me ligou. Não prestava attenção a nada. E da mesma fórma estava a Helena. Mas que mudança!

Elle nem parecia aquelle rapaz divertido das férias passadas, a conversar com todas as moças, e ella era outra, não era mais aquella menina traquinas, que vivia a encher os salões com as suas crystalinas risadas.

O amor que lhes assaltára o coração era verdadeiro, um amor que os tornára tristes, impregnados daquelle sentimentalismo herdado da alma lusitana. O namoro proseguiu com as horas felizes, em que estavam juntos, com os momentos longos e tediosos das ausencias e com as intriguinhas, que ainda mais robustecem as affeições.

Casaram-se, por fim... E um dia, no recesso feliz do seu lar, ouviram-se uns vagidos e viu-se uma rosada criancinha agitar-se num berço de arminho, macio como a pennugem que forra os ninhos. Viviam felizes...

Renato era empregado do commercio, guarda-livros de uma casa. Nas horas de lazer, fruia as delicias do lar, gozava os carinhos da esposa e entretinha-se com o filhinho, aquelle anjo, que já entreabria a bocca, mostrando, aqui e ali, encravados nas roseas gengivas, os pontos brancos dos primeiros dentinhos, como reticencias de neve...

A vida, naquelle doce e calmo abrigo, era como "um manso lago azul e sem espumas"...

Um dia, receberam o convite para a tradicional festa de Natal, em casa do seu intimo amigo Sergio. Na vespera do baile, Renato adoecêra com uma pneumonia. Mas não podiam faltar á festa, pois não havia pretexto que justificasse a sua ausencia, naquella reunião social.

A molestia prendeu-o ao leito e elle mandou que sua mulher o representasse no baile, comparecendo em companhia de uma familia de suas relações. A festa correu animadissima, muito illuminada, cheia de risos, vibrando ao som das musicas modernas.

E, no outro dia, quem ouvisse os commentarios da roda do jardim do desembargador Flavio, onde sempre se congregavam as mais perversas linguas para as apreciações de todos os acontecimentos sociaes, saberia que o Lucas, o rico Luquinhas, que possuia cem contos no Banco, producto de uma herança, havia namorado escandalosamente a Helena.

Dez dias depois, o pobre Renato, já em começo de convalescença, mais ainda preso ao leito, recebia, pela vóz de seu maior amigo, — o Lopes — esta noticia brutal, que quasi lhe arrancou a vida:

— A Helena fugiu hoje para a Europa, em companhia do Lucas.

E' impossivel imaginar-se a dôr que golpeou seu coração.

Viver num lar, ao lado da esposa idolatrada, acariciando o fructo do seu amôr e assistir abruptamente, ao desmoronamento do castello de sua felicidade...

BANDEIRANTES

As areias das praias vicentinas ficaram lá longe.

Bandeirantes!
Agora pisam as areias do Ivatutuhy...
Foi preciso ser forte para ir ao sertão!

Atravessaram a floresta densa, a matta equatorial;
Subiram fraldas de serras,
Calcando ribanceiras,
Indo aos contra-fortes das montanhas,
Varando chapadões virgens,
Transpondo o rio encachoeirado ou cortando a terra incerta;

O indio tinha enfeites que mostravam a riqueza do sólo!

Onde o vermelho encontrára aquellas pedras verdes?
Onde o ouro?

Lá. Além. No seio verde da floresta.

De A. Marrocos de Araújo

Só mesmo uma alma forte, afeita aos embates do destino, ás procellas da sorte, poderia supportar aquelle choque sem se entregar ás allucinações da loucura... Mas o Renato possuia fortaleza de espirito. Continuou a habitar a mesma casa. Pagava uma criada, que lhe fazia os serviços domesticos e tratava da criancinha, que fóra abandonada criminosamente pela mãe ao completar apenas um anno de existencia.

E assim ia vivendo... Nos dias uteis trabalhava e procurava demorar mais tempo no escriptorio. Quando demandava sua casa, erma de alegria, sua alma se enlutava.

Nem mesmo o seu bebê com os gritinhos frequentes, que de quando em quando cortavam o silencio da casa, trazia prazer ao seu coração.

Vinha-lhe logo á lembrança a triste sorte que aguardava o pequenito, privado dos carinhos maternos, sem os cuidados de mãe, que sempre guiam as crianças na quadra traquinas e buliçosa da infancia. E assim se lhe iam escoando os dias, vazios de contentamento e cheios de desgostos...

HELENA, a infeliz adultera, tomara com o Lucas um luxuoso paquete e, ao cabo de dez dias de viagem a bordo, em que só se viam a esmeralda liquida dos mares e a cúpula de saphira do firmamento, chegara ao Velho Mundo. O paquete atracou em Lisbôa. Os dois, tonificados pelos ventos, que sopram em alto mar, sentiam-se fortes e rejuvenescidos, e agora pareciam pisar um paraiso.

Percorreram todos os meandros de Lisbôa, visitaram Coimbra, Porto e resolveram proseguir viagem. Atravessaram a Hespanha, transpuzeram os Pyrineus, gozaram as delicias de Paris, sentiram a amenidade do clima da Suissa e demandaram Veneza, a encantadora cidade das lagunas do Adriatico, onde fizeram os poeticos passeios de gôndola, banhados pela luz da lua, que parecia lançar sobre a terra uma chuva impalpavel de prata diluida.

Já de volta, demoraram em Sevilha, onde uma fascinante hespanhola, loura como uma virgem de Albion, roubou o coração de Lucas. Havia tres dias, este não apparecia á Helena, que, como uma louca, passava horas e horas a esperar, á janella de uma pensão, que surgisse o vulto do seu bem amado. Mas, nada...

No fim do terceiro dia, recebeu uma carta, nestes termos seccos e revoltantes: "Helena — Resolvi deixar-te. Junto a esta, o dinheiro necessario para teu transporte a Lisbôa e uma ordem para um amigo, que te fornecerá a passagem a Recife. Adeus."

Um choque brutal abalou o coração de Helena. Desfalleceu. Mas recobrou animo e emprehendeu a triste viagem da volta.

O que se desenrolou no seu espirito, quando poz os olhos novamente nas aguas irrequietas do mar e nos amplos céos, que se arqueavam muito azues, não se póde descrever.

Afinal, pisou Recife como a mais infeliz, a mais torpe, a mais vil das mulheres.

* * *

ESTAVA Renato debruçado sobre uma estante, trabalhando na escripta da casa de que era empregado, quando o seu amigo Lopes se aproximou e murmurou aos seus ouvidos:

— A Helena chegou hoje da Europa, sozinha.

O pobre Renato não disse palavra. Estendeu os braços sobre a estante, inclinou a cabeça e ahi ficou immovel cerca de uma hora. Depois, tomou o chapéo e o paletó e dirigiu-se para casa. Lá se encarcerou e nunca mais poz os pés na rua.

Helena chegara abatida, já com os pulmões roidos por uma tuberculose, e procurára (com que vergonha!) uma sua irmã que morava no interior, lá para os arredores de Buique.

Pouco tempo depois, o Lopes, que vez por outra percorria as cidades do sertão, como viajante de uma casa commercial, estava, uma tarde, em Buique, quando lhe communicaram que naquelle dia morrêra, victima de uma hemoptyse terrivel, a inditosa Helena.

Concluidos os negocios nessa localidade, o viajante voltou a Recife.

Ao chegar, o seu primeiro cuidado foi procurar Renato para lhe communicar a noticia da morte de Helena.

Dirigiu-se para a casa de que era empregado o desventurado marido e interpellou um dos auxiliares:

— Onde está o Renato? Ainda mora na mesma casa?

— Ainda pergunta o sr. pelo Renato?

— ?!

— Partiu, ha tres dias, a cabeça com uma bala.

de Sebastião Fernandes

E guiados pelos ventos, cursos de rios ou estrellas,
iam ao sol e á chuva
No jogar da vida nas partidas da morte.

Contra a tocaia dos primogenitos da terra,
das féras dos grotões
das febres dos pantanos
As levas dos homens de aço!

Ah! quando lutaram na "selva selvaggia".
Com os caciques dos sertões invios!

Tapajós! Vupabussú! Gectinha Ityporanga!

Tudo isso são marcos immortaes
dos que dilataram as divisas de nossa terra!

Bandeirantes!

Escriptores e Livros

A Academia Brasileira de Letras distribuiu os seguintes premios de 1930, obras publicadas em 1929:

Poesia — *Enternecimento*, de Henriqueta Lisboa; menções honrosas: *Roseira brava*, de Palmyra Wanderley, e *Meu palacio de estrellas*, de José Venturelli Sobrinho.

Poesias avulsas (assumpto historico) 1.º premio — Sr. Oliveira e Silva; 2.º premio, sr. Murillo Araujo, autores, cada um, de uma poesia sobre a *Primeira missa no Brasil*.

Romance — *Brulhaha*, de Pedro Motta Lima, e *Insania*, de Odecio Bueno de Camargo. Menções honrosas: *A doce filha do juiz*, de Alberto Deodato; *A escalada*, de Chermont de Brito, e *Anel simbolico*, de Aurelio Pinheiro.

Contos e Novellas — *Pussanga*, de Peregrino Junior, e *Espelhos de Almas*, de José de Mesquita. Menções honrosas: *Ouvindo estrellas*, de d. Alice Leonardos da Silva Lima; *Costela de Adão*, de Berilo Neves; *Pantomimas*, de Sebastião Fernandes, e *O rancho*, de Alvaro de Alencastro.

Theatro — *Pierrot*, de Paschoal Carlos Magno.

Erudição — *O 25.º Canto do Inferno de Dante*, de Guedes de Mello. Menções honrosas: *Junqueira Freire, sua vida, sua época, sua obra*, de Homero Pires; *Carta de Pero Vaz de Caminha*, de Joaquim Ribeiro, e *Contemporaneos*, de Gonzaga Duque.

O ROMANCE DO AMOR — Campos Lima — Emp. Literaria Fluminense — Lisbôa — 1391 — 5$

O sr. Campos Lima escreveu *O romance do amor*, não um romance de amor... Trata-se do esboço *duma nova moral sexual*, segundo o aviso que se lê abaixo do titulo do livro.

Sueiro Mendes, pacato cidadão portuguez, casado com uma Helena angelica, com filhos, apaixona-se pela Mariquinhas, collegial, filha de uma familia amiga. Esse grande amor desperta a desconfiança da esposa, e da familia da menina.

Sueiro Mendes percebe que o seu *caso* não passa de uma psychose, mais ou menos pathológica, mas, prosegue.

E em duzentas e sessenta paginas do livro, o sr. Sueiro Mendes não faz senão trepar aos carros electricos, apertar a mão da pequena, e escrever uns versos ingenuos, detestaveis, sem maiores consequencias...

Por fim, o herõe faz uma viagem á Russia, troca de nome, favorecido por um episodio revolucionario inverosimel, uma trapalhada, e mediante procuração casa-se com Mariquinhas!

E quando o leitor pensa que a coisa vae acabar no hospicio, porque Sueiro ama *enlouquecidamente* (!), o homem extraordinario apparece a caminho da Belgica com a familia e mais a Mariquinhas.

Longe de Lisbôa, Sueiro Mendes passa então a gozar vida nova, sob o olhar complacente de Helena, sua legitima esposa, de cambulhada com os filhos!

Eis a *moral* sexual do sr. Campos Lima, autor de não sei quantos livros que tenho a felicidade de desconhecer.

Romance lamentavel, pois nem a linguagem se salva.

ELCIAS Lopes tem concluido o seu primeiro livro *Teia de aranha*. São as luminosas chronicas do nosso companheiro de trabalho que vão ser reunidas para uma vida mais longa, para que se não percam nas paginas da revista e do jornal.

MYSTERIOS DO RIO — Benjamim Costallat — Livraria H. Antunes — Rio — 1931 — 5$

HA sete annos, Benjamim Costallat lançou *Mysterios do Rio*, primeiro no jornal, depois em livro, para uma vida mais duradoira. Agora a obra reapparece em 3.ª edição. Os *Mysterios* não são um romance-folhetim; são chronicas, são contos, são reportagens, observações colhidas pelos quatro cantos da cidade, e que a penna agil de Costallat revive no seu estylo nervoso, despertando a curiosidade do leitor para conduzil-o através do Rio que poucos conhecem.

O escriptor tem a virtude de transformar themas banaes em composições attrahentes, o que lhe tem valido a conquista do numeroso publico da sua vasta obra, sempre lida com especial agrado.

RACHEL de Queiroz, Cicero Dias e Murillo Mendes conquistaram os premios distribuidos pela *Fundação Graça Aranha*, destinados aos *novos* que se destacaram no romance, na pintura e na poesia, em 1930.

Rachel de Queiroz, com o primeiro livro *O quinze*, surgiu victoriosa no Ceará, sua terra natal, promettendo para breve um novo romance.

Murillo Mendes, poeta mineiro, publicou *Poemas*, annunciando outro livro intitulado *Deus no volante*.

Cada premiado recebeu a importancia de dois contos de réis.

SOMBRAS E COLORIDOS — Avelino Argento — Sorocaba — 1931

O sr. Avelino Argento, apesar de moço, é autor de vinte e tres peças de theatro, cinco livros de versos, dois romances dramaticos (!), duas conferencias, com a promessa de mais tres volumes para breve. Como se vê, Paulo de Magalhães está seriamente ameaçado de perder o titulo de campeão dos escriptores do theatro nacional...

Um concorrente que escreve em portuguez e italiano!

Autor de tão copiosa obra, não ganhou ainda uma cadeira academica, nem sonha com a posteridade. Extraordinario!

Como é varia a sorte dos escriptores...

Sombras e coloridos, são contos e novellas. As novellas não existem, entretanto, no livro. Houve evidente erro de citação do autor, confundindo alhos com bugalhos.

São coisas parecidas, mas não semelhantes...

Dá inicio ao volume o conto *Natal*. Apaixonado do theatro, o sr. Avelino Argento tem o vicio do dialogo. Por isso, os seus contos são inteiramente dialogados, genero que só os mestres podem cultivar com probabilidade de exito.

Porém, de começo, leio isto:

"Não é necessario veláres, Noemia. Se não tens somno, ao menos o frio deve convidar-te."

Logo adeante:

"Muitos dias como o de amanhã vi passarem-se, porém... talvez..."

Este *vi passarem-se* é de arrepiar...

Um conselho amigo: antes de publicar os novos livros annunciados, faça o sr. Avelino Argento uma revisão cuidadosa dos já publicados.

Depois, então, volte, querendo...

JEAN Giono, conquistou o premio *Northcliffe* 1930-1931, com o livro *Regain*. O escriptor francez, em 1922 foi o laureado do premio Bretanno, com o livro *Colline* e no começo do corrente anno obteve o premio *Pierre-Corrard*, da Sociedade dos Homens de Letras.

ALMA (E. do Rio) — A sua carta é dessas que fazem pensar... Felizmente não pertencem á categoria das prosaicas e insipidas missivas commerciaes ou burocraticas, dos cacêtes poetas, que me chamam "illustre", "m e s t r e", "sr. doutor", "poeta" e outras coisas xaroposas e asnaticas. Ella me traz um pensamento feminino. Um pensamento de mulher que, certamente, si não fôr joven e bonita, possue a rara virtude de ser intelligente e ter espirito. Já é alguma coisa notavel para a vida futil — quasi sempre — de uma Eva...

Mas vamos á sua carta:

"Yves. Queria que você me fizesse a delicadeza de dar um pouco de atenção. E um pouco de atenção a uma desconhecida que lhe promete ser muito ligeira, não lhe fará muito prejuizo.

Yves, você pensa que uma creatura magoada por um grande desengano, pode novamente voltar a ser feliz?

Mas você dirá que todas as vidas são assim... Quando começam, sentem-se um só hino de amor, de esperança e de sonhos. São todas maravilhadas por loucas fantasias, são todas arrebatadas pelo deslumbramento do amor. E quando o mundo desfaz as ilusões e quebra os seus anseios, é que todos procuram em vão alcançar a felicidade, a felicidade que se supõe tão facil de encontrar e que nunca se encontra.

Mas as nossas frageis vidas amam os impossiveis.

E por nunca alcança-los, convertem-se em triste vida desencantada.

Eu sei Yves que você ha de se rir de mim, ha de me dizer sentimental. Mas veja si não tem razão a. — *Alma*"

Sim. Pergunta si uma creatura que já soffreu muito pode novamente voltar a ser feliz...

Ora essa! Em todo soffrimento, ha um pouco de uma felicidade sombria, mas, em todo caso, felicidade. (Note-se que não emprego o termo na accepção em que elle é geralmente tomado. Felicidade ahi significa esse anseio, essa angustia que é amar e dividir o coração entre o amor desesperado e a incerteza afflictiva que o amargura).

Uma alma sentimental, verdadeiramente amorosa — para ser grandemente feliz, necessita, antes de tudo, ser, rudemente desgraçada. E' dentro do circulo de ferro dos padecimentos silenciosos, calados, escuros e obstinados, que se encerra a alegria radiosa de amar para viver, ou de viver para amar.

Bilac synthetisou toda a philosophia do amor neste verso simples e humano:

Quem ama inventa as penas em
[que vive...

E assim é. Si elle, o que ama, não as inventa, não as crea, não as imagina, e não as cultiva com lagrimas, como um jardineiro as suas rosas, não conhecerá, jamais, os encantos da felicidade.

O amor facil, ao alcance do coração, a todas as horas; o amor que é como um doce de confeitaria — de que nem aos domingos se está privado — pode ser doce e bom uma semana, um mez; depois disso, começa a enfastiar. E no amor, o fastio, é prenuncio de que já se não é feliz. Ibsen escreveu: "Sem as lagrimas a vida seria secca". Accrescente-se: "E o amor tambem".

Mas v. ex. pergunta é, si, uma pessôa que muito soffreu, ainda voltará a ser feliz...

Depende. Como vê, o conceito da felicidade varia de alma para alma. E' relativo como a lua — que é grande, quando nova; e pequena, no quarto crescente. No emtanto, ella é uma só. E' o mesmo planeta. Assim é a felicidade.

Não creio que se possa ser feliz com a mesma creatura que se amou e desprezou friamente.

Quando D'Annunzio lamenta: "Seria grande ventura que uma nova illusão pudesse succeder a uma a n t i g a, e estabelecer em nossas almas uma troca de affectos", quer significar, numa synthese genial, que não se pode ser feliz, em amor, com uma determinada pessôa, — senão uma vez.

A creatura que hoje se ama, dado mesmo que ella possúa o segredo de renovar-se, e fazer-se, cada dia, mais bella, não será a mesma de amanhã. Amanhã ella poderá ter ganho mais uma virtude, ou mais um defeito. De qualquer modo, terá perdido em encanto.

Deus, porém, sabe escrever por linhas tortas... E deu-nos o consolo do "similia similibus, curantur". E' o remedio que se aconselha aos desgraçados do amor.

Para curar a infelicidade de um amor, só ha o balsamo de um amor infeliz.

ALMIRO BARROS (?) — Outro poeta? Ou outro *bardo?* Talvez outro "seresteiro", apaixonado pela sua Florisbella... Será?

Vejamos a sua missiva. Dois pontos:

"Yves: Grande admirador, embora, recente, de suas qualidades literarias de escol — intellectual profundo, chronista brilhante, humorista fino, que emprestam á secção "Saibam Todos" real relevo e atractivos, venho solicitar-lhe um favor.

E' uma consulta poética... e, como sei que o amigo não tolera — nem tolerará — as producções abaixo de mediocres, o que bem pode ser o meu caso, peço de antemão as devidas desculpas.

De facto é uma "massada" ter que aguentar todos "poetas" bra-

todos...

sileiros, que são tantos quantos os nossos habitantes... mas concordemos tambem que este é o unico meio pelo qual "um pobre mortal" pode aquilatar um primeiro trabalho proprio.

A' custa de esforços, como bem disse num dos ultimos numeros do Fon-Fon, *pode* surgir um trevo de quatro folhas... — foi á custa de grande trabalho que fiz o soneto junto, para o qual alguns amigos tiveram optimas palavras.

Animado por elles resolvi envial-o á pessôa que m'o havia inspirado e a quem, naturalmente, já era dedicado.

Aconteceu, porem, com surpresa minha, que esta — joven bastante gentil e intelligente — nem accusou a recepção... o que me desorientou.

E' nesta situação que me valho de seu ponderado e imparcial juizo literario, pedindo a sua opinião sobre o mesmo.

Por motivo que facilmente o amigo apprehenderá, peço o obsequio de não o publicar, como é habitual para effeito da respectiva critica.

Certo de ser attendido, fico aguardando a sua resposta, pela qual desde já sou immensamente grato.

Seu creado — *Almiro Barroz*"

Ahi está. O sr. me pede não publicar o seu soneto. Faço-lhe a vontade. Mas a carta, esta tem que vir na integra.

Lamento que, a despeito de tão calorosos elogios, o senhor não tenha conseguido abrandar o enthusiasmo que sinto em lhe render essa "significativa homenagem..."

O sr. bem a merece.

Quanto á sua ingrata predilecta, acho que ella não teve razão de silenciar um vago agradecimento, pelo soneto que se dignou enviar-lhe. Ella não foi gentil.

E' verdade que si o leu, como eu, deve ter pensado: "Mas, esse poeta é digno de lastima." E — zás! — deixou-o sem resposta.

Andou mal, repito. Devia, pelo menos, ter-lhe enviado uma penca... de laranjas...

O. LIMA (Capital) — Desculpe não ter respondido para o endereço que me deu. Seria desvirtuar a finalidade desta pagina que sempre foi informativa. Si os poetastros a transformam em *guichet* de critica literaria, a culpa não é minha.

O soneto "Suprema ventura", não figura em nenhum dos livros de Alberto de Oliveira. Esse poeta conta inseril-o na proxima 5.ª série de suas *Poesias*.

O poemeto possúe a sua historia, que foi contada pelo academico a um nosso amigo commum.

Foi esse amigo meu e delle que a trouxe ao meu conhecimento.

A historia é a seguinte:

> *Aos nossos leitores.* — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.
>
> * * *
>
> *Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.*
>
> ENDEREÇO:
>
> Rua Republica do Perú, 62
>
> Caixa Postal 97
>
> Telephone 2 - 4136
>
> FON - FON — 22 - 8 - 931
>
> *Data da consulta* ....
>
> *Nome do consulente* ....
>
> ....

Alberto de Oliveira escrevia o tal soneto, em uma hora de aula, na Faculdade de Medicina, quando um seu collega, ao surprehendel-o nesse trato com as musas, procurou debochal-o. O poeta irritou-se, mas continuou a escrever. O outro insistiu no debique.

Resultado: discussão, luta e rompimento.

Mais tarde, tendo o estudante se reconciliado com Alberto, pediu a este um soneto para offerecer á noiva. O autor d'"A Vingança da porta" cedeu-lhe o soneto causador da discordia entre ambos.

O estudante assenhoreou-se da poesia, e publicou-a, cynicamente, com o seu nome, sob o titulo: "Soneto nupcial".

Tempos depois, indo a uma festa em Nictheroy, Alberto de Oliveira foi assediado com identico pedido, por um outro namorado sem sorte.

Nova concessão do poeta, e nova publicação do "Soneto nupcial" — mas, desta vez, com o nome do namorado de Nictheroy.

O principe dos poetas achou que isso era desafôro. Resolvendo dar-lhe, publicamente, paternidade, fel-o apparecer numa revista qualquer, com a epigraphe de "Suprema ventura" — que é o titulo por que o sr. o conhece.

Eis ahi a historia tal como é, e como deve ser contada.

C. CID (Capital) — Muito agradecido pelo seu lindo retrato. V. ex. é tão bonita quanto brilhante e original, quando escreve os seus bellos contos, onde ha sempre uma nota imprevista e a malicia de um espirito vivido, irrequieto e trepidante.

Parabens.

Brevemente elle será publicado com o destaque que a sua graça e o seu luminoso talento merecem.

POETA D'AGUA DOCE (São Paulo) — Foi para cesta. Já sabe a que me refiro, não?

(*Continúa na pag. seguinte*)

FULATA (S. Paulo) — Ao ler o seu pseudonymo — *Fulata* — tomei um grande susto. Suppuz que fosse — *Mulata*. E não era nada interessante que me dirigisse a uma *Mulata*, quando v. ex. é, sem duvida, loura e bonita, e uma graciosa *Fulata* "tout court".

Mas leiamos a sua carta:

"Senhor Yves. E' esta para pedir ao querido poeta, um conselho: sendo eu noiva a mais de dois annos, e não se resolvendo Flavio (é esse o nome do meu noivo) a casar-se, fugindo mesmo a falar nesse assumpto; você não acha que eu devo dar-lhe o fóra? Com tudo isso eu vou perdendo o meu tempo, sem resultado algum. Dê-me a sua mui valiosa opinião.

Realiza-se aqui, no proximo dia 24, uma festa litero-musical. Você não quer abrilhantal-a com a sua presença? As Ituanas ficariam radiantes. Você terá aqui o meu automovel á sua disposição, pois que para o meu uso mandarei buscar o outro na fazenda. Se você vier, faremos a sua recepção com a banda de musica local.

Esperando que voce venha, envio-lhe um saudoso abraço. Sua amiguinha espiritual. — Responder para — "*Fulata*"

Eis a resposta que lhe devo:

1º — Não creio que o Flavio esteja a occupar o seu tempo. Já procurou ver si elle está enchendo o seu "pé de meia?" Si assim é, elle procura um *pé* para lhe pedir a *mão* enluvada, na esperança de calçar ou descalçar um bello *par de botas*... Salvo si elle gosta de negocios *ás meias*, isto é, salvo si gosta de outra... Nesse caso não será difficil metter a ambas no *chinello*...

2º — Si v. ex. é como a joven da almofada... Sabe que historia é essa? Certa vez, uma senhorita me prometteu uma almofada.

Chamou-me ao telephone:

— Quem fala?

— E' o Yves.

— Olhe, vou fazer-lhe um presente.

— Que presente é esse?

— Uma almofada. Veja bem que não é um "almofada" — perpetrou ella um trocadilho.

— Preferia uma "melindrosa"...

— Pois o que vae é a almofada. E desligou.

Dias depois ella me telephona outra vez, e pergunta si eu recebera o presente. Respondi uma "blague" qualquer. Ella fingiu ficar zangada. E jurou por todos os deuses que me fizera a remessa do mimo.

— Em que dia? — indaguei.

Como tudo era mentira, ella disse um dia ao acaso. E accrescentou que tinha deante dos olhos o recibo do "mensageiro".

Sabe a que dia ella fizera allusão? Um feriado muito sério: sete de setembro...

Si os seus automoveis e a sua banda musical são da mesma especie — não m'o negue.

RUY SANCHEZ (Bahia) — Veja só. Está um pobre homem na sua banca a trabalhar, burguezmente, e eis que o correio lhe traz uma carta, como esta do sr.:

"Caro sr. Yves. Saudações. Um individuo que se dá, ás vezes, o capricho de improvisar-se em poeta, compondo rimas que talvez o descomponham a si proprio, dirige-se neste momento á sua tolerante paciencia, para submetter á sua critica o "soneto" que envia junto e que, prevenidamente, julga um "só neto" da verdadeira poesia.

Sentir-se-hia agradecido si o distincto amigo

pudesse occupar um pequeno espaço da secção que dirige, com a apreciação sincera deste seu trabalho.

E, aguardando a chegada do proximo numero do Fon-Fon.

Subscreve-se attenciosamente — *Roy Sanches*"

E' claro que o homem que escreve, na sua banca, serena e burguezmente, perde o appetite para lêr, o soneto que o missivista apresenta, sob a fórma de um hediondo e infame trocadilho: só... neto!"

ALBERTO DE ARAUJO LINS (Sergipe) — Será publicado o soneto "Cordova".

MARIA (Capital) — Infelizmente o estudo de sua letra não pode ser completo. Faltou o principal: a sua assignatura verdadeira.

Entretanto, darei aqui o que pude observar e colher através os elementos que me forneceu.

A sua graphia revela um temperamento ardente, impetuoso, vibrante. Enthusiasta, v i v e n d o muito pela imaginação, v. ex. comquanto não despreze as coisas de arte, não chega a ser uma estheta. E' que existe muito de materialidade nos seus gostos. Dona de bom appetite, gosa, por isso, de saude magnifica, o que muito contribúe para que v. ex. seja uma pessôa que ama a luta e nunca se dê por vencida.

Habil no modo de se conduzir, age, não raro, ou por outra, frequentemente, com dissimulada má fé, o que em portuguez claro, significa — velhacaria.

E' preciso accentuar que v. ex. possue apenas vida interior, actividade mental, sendo, physicamente, uma creatura accommodaticia, um pouco indolente, amiga dos descanços prolongados, principalmente si o ambiente é calmo, discreto e velludoso.

Apesar de ser pouco sentimental, zombeteira, de bom humor, não impede que se incline para um estado de melancolia visivel, e contra o qual tem de lutar, algumas vezes.

A sua calligraphia denota ainda um grande amor pelo conforto, accusando mais simplicidade do que coquetteria, essa coquetteria commum ao sexo de Eva.

Observadora, consegue deduzir facilmente as coisas que se lhe deparam, com uma feição mais embaraçosa; sendo, portanto, dotada de um claro espirito assimilador. Posto que ame divertir-se á custa dos demais, sabe dosar os seus gestos e attitudes com um tom de fina cortezia.

E' precipitada, por vezes. E como é de colera facil, sujeita a explosões repentinas, não é difficil aggredir, quando se sente contrariada nos seus propositos.

Eis tudo quanto me foi dado deprehender da sua escripta, que ficou um tanto sacrificada, como já disse, com a ausencia da sua assignatura.

Grato pelo vale enviado.

MAURA (Goyaz) — Sim. Vou vêr si aproveito a sua collaboração. Tenha paciencia. Mas uma razão para que não conquiste, de prompto, a minha sympathia, é o medo que tem de assumir a responsabilidade daquillo que escreve.

Gosto das pessôas francas e decididas.

Maura... Mas, afinal, Maura diz muito pouco. Não diz nada. A propria rainha da Rumania quando escrevia, usava um pseudonymo: *Carmen Sylva*. Não achava que fosse bastante — *Carmen*. Um pseudonymo, que se constitue de um só nome, ou é dos genios — Voltaire, Stendhal, ou dos mediocres, dos timidos, dos vulgares, como eu — Yves.

TERENCIO (S. Paulo) — A sua collaboração foi entregue ao secretario.

MANFREDO (E. do Rio) — Aproveitei dois dos seus sonetos: "Ideal" e "Miragem do outomno".

HELIO CARLOS (Capital) — Sim. Entregue ao secretario, a sua collaboração.

YVES

UMA EMBAIXADA

I

JACQUES, segundo seu habito de todas as tardes, veiu ver seu amigo Ernesto. Achou-o afundado na poltrona, a cabeça atirada para traz, o olhar distrahido.

— Então! Que ha? Que se passa?

— Ah! E's tu? — disse Jacques, como que arrancado subitamente de um sonho.

— Ora essa! A menos que um outro tenha tomado a minha figura!

— Oh! Não brinques, peço-te!

— Estás doente?

— Ai de mim! Peor que isso, meu caro: estou apaixonado!

E o pobre Ernesto deixou tão comicamente sahir a phrase, que o seu interlocutor não poude evitar de dar uma gargalhada.

— Apaixonado? — proseguiu. — Não é possivel! E isso te appareceu subitamente.... sem avisar?.... Porque, si me recordo bem, quando nos separámos hontem á noite, ás dez horas, parecais entrar em casa com as idéas as mais nitidas e as mais pacificas... Apaixonado!.... Mas, conta-me isso.

E, curioso para saber "como isso tinha acontecido", Jacques tomou em seguida uma cadeira, que aproximou da poltrona, na qual seu amigo continuava sempre anniquilado.

— Pois bem! Eis — exclamou Ernesto, com um tom lamentavel... Esta tarde, pelas quatro horas... Fatigado de trabalhar no meu drama...

— Sim, tua grande obra: "As vinganças de uma mãe".... A proposito, adeanta um pouco essa machina?...

— Não, isso não adeanta.... Mas, si me interrompes desde o começo!

— Tens razão.... Estou escutando.

— Então, vendo que a grande scena do segundo acto não chegava, disse para mim mesmo: "Já sei! Para chamar a inspiração, si fosse fazer uma volta ao Bosque?"

— Bôa idéa.

— Bôa idéa? — interrompeu Ernesto, por sua vez.... Idéa fatal, devias dizer antes!.... Mas não antecipemos.... Portanto, sahi de casa. Eram umas quatro horas, disse-te. Tomo um bonde, que me conduz á praça da Estrella, e pelas cinco horas, mais ou menos, acho-me deante de uma das portas do Bosque.

— A hora em que os vadios vão dar sua volta.

— Perfeitamente.... Ando.... Viro á direita.... e chego á avenida das Acacias.

— Uma multidão alegre!...

— Sim, uma multidão alegre.... Como fazia lindo tempo, as senhoras traziam vestidos claros.... Rapido, golpe de vista maravilhoso.

— As fazendas roseas que se casam com os tons verdes das arvores.... Vejo isso daqui!....

— Passava, portanto, ha mais de um quarto de hora já, despreoccupadamente, quando, de repente....

— De repente, meus olhos cáem sobre um senhor idoso....

— E' por elle que ficaste apaixonado?

— Peço-te — retorquiu Ernesto, com um ligeiro movimento de máu humor; — si começas a caçoar!....

— Desculpa; torno-me serio.

— Então meus olhos cáem sobre um senhor idoso, a quem uma moça encantadora dá o braço.

— Começo a comprehender.

— E' malicia!

— E então?

— Então, machinalmente, olho a joven.... Ah! Meu caro, si soubesses!.... Uma estatura! Uma maneira de andar! Uns cabellos! Uns olhos! Uma tez! Um nariz! Uma bocca!

— Emfim.... estou vendo.... nada falta!

— Quer dizer que tudo ahi se acha mimoso!.... Chego perto della, passo adeante. Volto. Vejo-a novamente.... E dizendo para mim mesmo que faço mal em não retroceder, que corro o risco de deixar prender meu coração nesse joguinho, um poder invisivel me retem perto della.... Emfim, sinto-me como que atado ás suas pégadas.... E, uma hora depois, acho-me deante da sua porta, boulevard Haussemann, onde era obrigado a separar-me della.... Sem sentir, tinha-a acompanhado até seu domicilio.... Ah! Meu amigo, que angustia quando desappareceu no vestibulo!....

— E depois?

— E depois? Ora essa! Meu Deus! Experimentei fazer falar a porteira. Mas sabes como sou timido e desageitado. E as informações que pude colher sobre meu idolo não são de maneira alguma numerosas.... Senhorita Decourjeon é o seu nome.... Quanto a obter mais detalhes, isso me foi impossivel, apesar da moeda que estendi á porteira.... e que ella acceitou....

— Com effeito, como indicio não é difficultoso.

Ernesto, nesse momento, levantou-se da poltrona e deu alguns passos na sala.

— Primeiro, confesso-te, não fiquei aborrecido de não saber ainda mais. Na esperança que eu estava ainda de vir a esquecer essa moça, não valeria mais parar deante de uma impossibilidade de tornar a vêl-a? Mas, ai de mim! Não foi preciso muito tempo para ler em mim mesmo, e agora, vês que a amo para não poder amar uma outra e tornar-me infeliz toda a minha vida si não chegar a esposal-a!

— Meu pobre amigo!... Acontecimento aterrador, então?

— Sim, acontecimento aterrador!.... Que queres?

— Mas, que vaes fazer?

— Ah! Si pudesse!... Si somente fosse como tu, um rapaz intrepido, esperto, sabendo pensar no futuro!.... Ah! riscaria tudo então e iria sem ceremonia procurar M. Decourjeon, confessando-lhe a verdade: "Senhor, amo a sua filha!"

— Isso seria o melhor meio.

— Mas tu me conheces, meu amigo. Chegando deante da porta, começ

De J. Berr de Turique

ria a tremer e desceria, a correr, a escada, como um ladrão!

— E' estupido! Topete! E' o melhor meio de chegar a ser alguma coisa na vida! Si estivesse no teu logar, não levaria muito tempo para agir!

— Mas...

Aqui Ernesto parou e apoiou as duas mãos sobre os hombros de Jacques.

— Que?

— Sim... Por que não?... Talvez queiras bem?...

— Acaba!

— Ir lá em meu logar e falar por mim. Seria mesmo melhor do que si fosse eu mesmo. Descreverias meu amor, minha dôr; far-me-ias valer uma palavra. Eloquente, como és, escutar-te-iam. Então, quando eu chegasse em seguida, minha causa já estaria meio ganha.

— Perfeitamente!

— Queres então?

— Com prazer! Esse imprevisto, ao menos, é divertido! E então, do mesmo golpe, farás a tua felicidade!...

— E olha como tudo se arranja. Eu, que me desesperava tanto de ser obrigado a partir amanhã para Bourgogne, onde me chama o máu estado de saúde de meu avô! Durante minha ausencia, trabalharás por mim. E na minha volta, si eu não tiver ainda a minha partida ganha, ao menos, graças aos bons effeitos da tua embaixada, encontrarei os melhores trunfos no meu jogo.

— Entendido!

— Ah! meu amigo, como és bom!

E Ernesto, commovido até as lagrimas, estreitou Jacques contra seu coração.

II

Carta

de Jacques a Ernesto

"Meu bom amigo — Fica tranquillamente ahi em Bourgogne, e não abandones mais depressa do que deves o teu avô, ainda no começo da sua convalescença. Aqui em Paris, não perco o meu tempo. Vi o sr. Decourjeon, em casa de quem me apresentei, sob o pretexto de negocio — elle é advogado — e pude conversar longamente com elle. E' um homem encantador. Devo tornar a vêl-o na proxima semana. Tenho já as minhas entradas na praça, vê. Breve noticias novas.

Teu, affectuoso,

Jacques."

De Jacques a Ernesto

"Meu bom amigo — Eis-me agora na melhor amizade com o sr. Decourjeon. O negocio para o qual tinha necessidade de ter recorrido á intelligencia de homem de lei e, como imaginas, tirei de todas as peças parece interessál-o no mais alto grão. Parece mesmo entregar-se de todo o coração e fica furioso contra os meus adversarios imaginarios, a quem nega toda a consciencia e direito. "Processe — disse-me — processe; tenho a certeza de ganhál-o!"

Creio-te.

Mas, apesar do bom estado de negocios em que eu esteja com o pae, não tinha visto senão elle na casa e isso não me bastava; estava, portanto, me perguntando que estratagema seria preciso empregar para occasionar a conversação sobre sua filha, quando — ha um Deus para os apaixonados, vês — essa justamente entrou no escriptorio de seu pae.

— Felicito-te, meu caro! Tens gosto! Essa menina é simplesmente deliciosa!

Saudei-a o mais amavelmente que pude. Respondeu-me por um gracioso sorriso. Estamos muito bem.

Hein? Não dirás que não está bem elaborado?

Segue-se no proximo numero.

Teu — *Jacques.*

De Jacques a Ernesto

"Meu bom amigo — Estou quasi me perguntando si essa delicada menina não desconfia que venho em casa de seu pae com segunda intenção. Pura coincidencia ou vontade da sua parte, tem sempre que fazer no salão de espera quando ahi me acho. E quando estou conversando com seu pae, é bem raro si não arranja duas ou tres coisas para lhe dizer durante esse tempo.

Que graça! Que encanto!... Ah! si casares com ella, meu caro, é preciso confessar que não serás lamentado!

Somos agora quasi amigos, ella e eu; ao cumprimento que me dá, vejo bem que não estou para ella na categoria dos clientes communs de seu pae. O que queria agora era achar o momento favoravel para escorregar-lhe suavemente duas palavras sobre o teu amor por ella.... Ah! coisa incommoda, por exemplo!... Acho necessario que seja curto — pois, afinal, é por assim dizer entre duas portas que me será possivel falar-lhe.

Tratei adeantadamente de preparar minha phrase:

— Senhorita.... Um dos meus amigos morre de amor pela sua pessôa!

Que dizes disso? Ou então si me contentasse antes de murmurar-lhe ao ouvido os versos de Ruy-Blas"

Madame, un homme est
[là dans l'ombre qui le
[voile,
Qui souffre, ver de terre
[amoureux d'une étoile!

Hein? Creio que isso valeria mais? Sim, decididamente, é nesses dois versos que paro.... e breve.... amanhã talvez....emfim, na primeira occasião.... lançal-os-ei á tua adorada, procurando imitar a voz do actor Monet-Sully.

Si, depois disso, não se casar comtigo, enthusiasmada, é que não passo de um imbecil.

Affectuosamente,

Jacques."

(*Cont. na pag. seguinte*)

UMA EMBAIXADA

(*Continuação*)

De Jacques a Ernesto

"Meu bom amigo — Está feito! Estava só no salão justamente, esperando que seu pae me recebesse. Ella entrou e deu-me o bom dia. Levantei-me e... para a frente os versos de Ruy-Blas!

Ah! meu amigo, que effeito produzido por essa admiravel poesia!... Ella tornou-se rosada, depois vermelha, depois pallida; seus olhos encheram-se de lagrimas... e respondeu-me, tremendo:

— Oh! Senhor!... desconfiava bem... nas suas visitas tão frequentes!... Procure meu pae, peço-lhe... O que decidir, farei.

— Bom! Já está ahi! fallei para mim, e numa meia hora vou poder telegraphar ao Ernesto, que obteve a mão daquella que ama!

Mas eis que, por um contratempo abhorrecido, o sr. Decourjeon foi chamado com urgencia ao tribunal e mandou-me dizer que não me poderia receber senão amanhã.

Amanhã, portanto, somente a continuação desta palpitante narração.

Mas podes ficar bem tranquillo; tudo corre como si já estivesse feito! Felizardo!

Teu — *Jacques.*

III

Oh! com que impaciencia Ernesto, da aldeia de Bourgogne, onde estava, esperou o correio no dia seguinte!

Mas nenhuma carta para elle. Nada tambem no dia seguinte. Enviou, então, um telegramma. Nada de resposta.

— Que se passa, meu Deus? Que se passa? — exclamava Ernesto, com medo; ter acreditado attingir a felicidade e tornar a cahir tão depressa no nada!

Afinal, ao cabo de oito dias, sem noticias de especie alguma, apesar dos appellos desesperados, tomou a decisão de fazer a sua mala e voltar para Paris.

E é de improviso que cahe em casa de Jacques. Eram cinco horas da tarde.

— Tu?

E Jacques tornou-se vermelho como um tomate.

— Sim, eu! Acreditava-te morto! Como! Depois daquella carta, tão cheia de promessas, deixas de me escrever?

— Ah! Meu amigo, sou um miseravel, e parei a minha correspondencia comtigo, unicamente por causa da vergonha que sentia.

— Ah! Meu Deus!... Tenho medo de adivinhar!...

— Sim... Era sincero,

O passageiro (ao vagão-restaurante). — Póde-se fumar aqui?
O garçon — Não, senhor.
O passageiro — E de quem são todas essas pontas de cigarro que aqui vejo?
O garçon — Dos passageiros que não perguntaram, senhor.

entretanto, juro-te, e era somente em ti que eu pensava... Mas, quem teria podido prever?

— Afinal, o que?... Fala!... Viste o pae?

— Sim... e quando me disse: "Minha filha ama-o e consinto"...

— Infeliz! Ella acreditou, portanto, que era de ti que se tratava?

— Que fazer para desenganal-a?... Confesso que não tive coragem para isso!... Tornei-me fraco!

— Vejo isso; começaste tambem a amál-a!

— Como um louco!

— Ah! Meu Deus! Como sou infeliz!

E o pobre Ernesto poz-se a chorar. Jacques, commovido, tambem, e, com piedade, não tardou a enternecer-se, por sua vez.

E os dois amigos, sem reflectir, cahiram nos braços um do outro.

IV

Reconciliaram-se, portanto, ao fim de um instante.

— Nunca me desculparás? — perguntou Jacques.

— Como não te per-

UMA EMBAIXADA

(Conclusão)

doar? — respondeu Ernesto... Reflectindo bem, deante de uma tal belleza, quem não ficaria apaixonado?... Seu encanto, seu sorriso, sua côr loura...

Nessa ultima palavra, Jacques interrompeu seu amigo:

— Não, peço-te perdão... E' morena, decididamente!

— Seus olhos azues...

— São negros...

— Afinal, que importa!... Cada um vê de um modo a mulher que ama... E Henriqueta é a mais adoravel...

— Não... nada de Henriqueta... Suzana.

— Henriqueta, digo-te! Tenho a certeza... Na avenida das Acacias seu pae chamou-a duas ou três vezes, na minha frente, pelo seu nome...

— Henriqueta, dizes?... Ah!...

E Jacques soltou um grito para acordar toda a casa.

— Mas, então, tudo está salvo, meu velho, tudo está salvo!... Não é a mesma mulher que amamos!... Henriqueta não é a filha do sr. Decourjeon; é a sua sobrinha... E no dia em que os encontraste no Bosque, Suzana tinha, sem duvida, tomado um carro com a mãe e havia regressado mais cedo... Ah! Como sou feliz!

— Então?...

— Então, meu caro, asseguro-te o successo... e o meu casamento assegura o teu!

— Ah! meu amigo!...

— Tambem seria a primeira vez que eu não tivesse dirigido bem uma embaixada!

A menina — Papae: está aqui o mendigo que veiu hontem... não é verdade que o senhor disse que na primeira occasião que elle voltasse, iria pôl-o daqui para fóra, a pontapés?

O pae — Não; eu não disse nada, filhinha. Vá dizer a mamãe que lhe dê dez tostões, e lhe rogue que se retire.

TIROS A ESMO

As grandes tragedias não são aquellas a que o noticiario escandaloso dos jornaes dá relevo: são os enormes, reconditos, combates travados dentro de nós mesmos.

* * *

O homem precisa de amar a duas mulheres: uma para o satisfazer e a outra para contrariar-lhe os caprichos.

* * *

Só ha uma miseria maior que a tua: a dos teus amigos poderosos, que te deixam morrer á mingua.

* * *

O perfume é a creolina para os elegantes.

* * *

Ha mulheres que são como os vidros que se lacram: carecem de vacuo na cabeça...

* * *

A vida, por si só, já é uma grande miseria... Para que pensar nella, si ao nos contemplarmos ao espelho a vemos?!...

* * *

A Saudade é o arrependimento de termos deixado escapar a Felicidade...

* * *

As mulheres intelligentes são como as perolas: é preciso ser bom mergulhador para encontral-as.

* * *

De todas as realidades a mais dolorosa é a que sae pela mão da injustiça.

* * *

Miseria, não é aquella que vemos nos morros e viellas: é a que sabemos passada nos palacios e que, de longe em longe, vem ao commentario da rua...

* * *

Ha prejuizo até na sympathia — muita gente tem extirpado um olho para evitar uma ophtalmia sympathica...

* * *

A indigencia só póde ser comprehendida pela indigencia.

* * *

Certas mulheres são como as andorinhas: — presentem a má estação... dos seus amantes.

* * *

Na adversidade só ha um amigo fiel: o cão.

A riqueza e as altas posições anesthesiam a quem vem do nada...

* * *

Maior miseria não é do que implora á caridade publica, mas do que póde soccorrer e não o faz.

* * *

O homem que todos julgam de bem, escravizando-se á politiquice, é um canalha como os outros.

* * *

A assiduidade é uma bôa qualidade para o homem de negocios, porém prejudicial para quem namora...

* * *

Não ha dignidade que resista ao contagio moral.

* * *

Jamais odeies ao chefe, sem o devido julgamento dos auxiliares.

* * *

Um máo secretario põe a perder um homem bem intencionado.

* * *

Si um cidadão, reputado digno, dá o seu apoio a um estado anormal, podes mudar o teu conceito. Ahi está o proverbio: "Dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és"...

* * *

Si o contacto directo com o povo te enoja, por que te queres fazer delegado delle?

* * *

Certos officiaes de gabinete, julgando servir áquelle que o honrou com a sua confiança, levantam muralhas ás pessôas desejosas de falar com o "patrão". Enganam-se: além do odio que cavam para si, trazem a despopularidade ao protector.

* * *

Num concurso feminino de mentiras, a vencedora foi a que declarou não saber mentir. Como se reconhecem ellas!...

* * *

Ha maior miseria nos afortunados que na pobreza. Naquelles, verás as chagas, que o dinheiro ou a sorte não cicatrizam, e, na ultima, a religião, que a tudo consola.

Adonai de Medeiros

CANTO DO TERROR

O lugubre soar dum negro sino...
(Que voz cava tem este sino horrendo!...)
O tragico alarido, o atroz "crescendo"
Das chammas num inferno purpurino...

Espectros que se cruzam sem ter tino...
Estertores crueis que vão nascendo
Nas sombras, onde a turba, em se estorcendo,
Blasphema contra o latego divino...

E os rumores que ecôam surdamente...
E as escalas satanicas de risos...
E o bimbalhar phantastico de guisos...

E' o terror... o terror... Pausadamente,
Sinto tragar-me a fervida gangrena,
A convulsão voraz desta gehena...

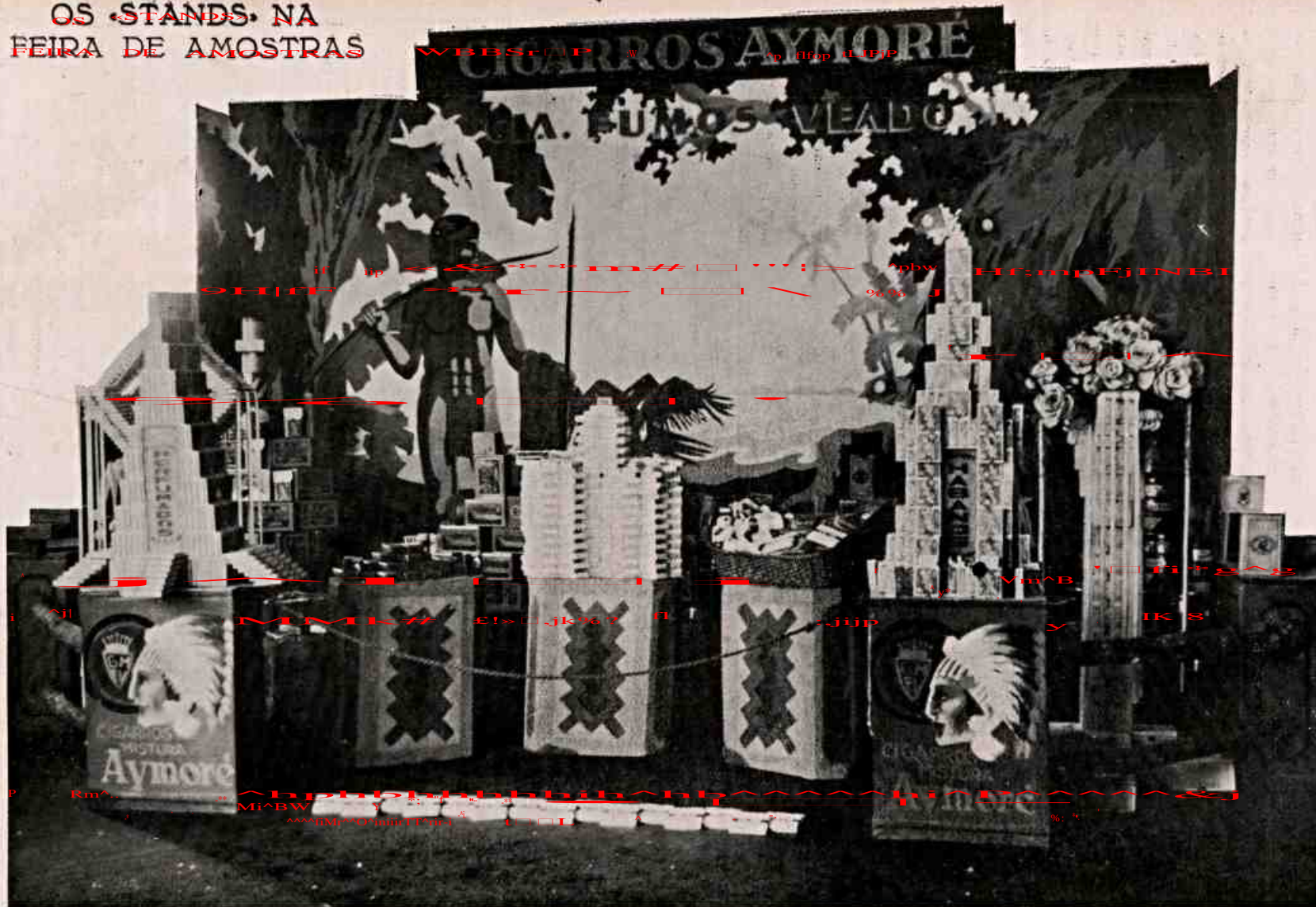
FLAVIO PODRE DE FIGUEIREDO

O lindo e elegante «stand» da conceituada Companhia Hanseatica, exposto na «Feira de Amostras», e que tem sido muito admirado pelo publico.

CURIOSA PROFISSÃO

CURIOSO officio, na Australia, é o de contador de carneiros. Nos immensos prados do continente novissimo, os rebanhos de carneiros não consistem em apenas algumas dezenas de cabeças, mas chegam a dezenas de milhares. Impõe-se a necessidade de um individuo especialista para fazer o rapido inventario (imprescindivel nas transacções commerciaes) desse artigo vivo e mobilissimo. E' isso ali tocar os carneiros e fazel-os passar por um corredor, em uma de cujas embocaduras se colloca quem os vae contar. O acudir da enorme massa de lã ondulante é interessante. O fluxo canaliza-se, e começa o desfile. Os carneiros chocam-se, rolam, seguem-se, um ou outro cae e os outros pisam, o fluxo interrompe-se, confunde-se, recomeça; só um olhar exercitado não se atrapalha e não erra na conta. O especialista conta aos tres: chegando a 99, diz uma palavra convencionada a um seu ajudante que está a seu lado e que faz um pequeno corte num bastão emquanto a avalanche passa. O contador de carneiros repete a operação diversas vezes no dia, em varios logares, com uma rapidez surprehendente e sem se enganar. Considerar-se-ia deshonrado si perdesse o fio de sua contagem, si perturbando-lhe a vista á oscillação da carneirada, fosse obrigado a pedir que se interrompesse a passagem.

Elle: — Si você houvesse naufragado, e se encontrasse em uma ilha deserta, que mais desejarias ter?
Ella. — Um "baton" para os labios.
Elle. — E si pudesse ter duas coisas?
Ella. — Dois "batons" para labios.

OS «STANDS» NA FEIRA DE AMOSTRAS

A exposição dos productos nacionaes que se verifica na «Feira de Amostras» tem despertado a admiração publica e verdadeiro enthusiasmo patriotico, não só pela variedade dos productos alli expostos, mas tambem pelo aperfeiçoamento de suas manufacturas, o que já constitue motivo de orgulho para a industria nacional. Dentre os «stands» erguidos em seu recinto merece ser destacado o da «Companhia de Fumos Veado», onde estão expostos os já afamados e deliciosos cigarros «Aymoré», que estão merecendo, muito justamente, a preferencia do nosso publico, pelas qualidades e primores de sua confecção, o que honra sobremodo a industria do tabaco no Brasil. A nossa photographia focaliza um aspecto do majestoso «stand» alli erguido e que tem sido muito admirado pelos que o têm visitado.

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 34

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 22 de Agosto de 1931

UM DIA ABORRECIDO

DEPOIS que a cidade recebeu a instituição do omnibus, perdi inteiramente o habito burguez de andar de bonde.

Obedeci a um impulso natural dos meus nervos.

Com isto não quero dizer que sou uma creatura agitada, de nervos desequilibrados, producto da civilização hodierna das grandes capitaes.

Gosto, porem, de seguir a moda... na sua evolução para tudo quanto é pratico.

Considerei que os bondes correm sobre os trilhos e param, pachorrentamente, sempre que defrontam com obstaculos.

Ora, actualmente, a moda é andar fóra dos trilhos.

Em tudo... Por que havia eu de teimar em andar de bonde?! Passei-me para os omnibus porque sempre tive ogerisa aos *taxis* e ainda não me foi dada a fortuna de possuir uma *barata* para, de quando em vez, transportar á casa uma galante figurinha que encontrasse pelo caminho, deante de um póste da Light, fatigada de esperar o bonde...

Os proprietarios de *baratas* contam *vantagens* que empolgam a nossa imaginação, acerca da influencia exercida pelos seus vehiculos no espirito descuidado das mulheres.

Deve ser verdade, porque já li em Marinetti esta coisa sublime: — *Un seduttore di razza munito de un buon automobile può tentare la conquista di tutte le donne dell'universo.*

Resta accrescentar... *si non é vero, é bene trovato.*

Hoje acordei de pessimo humor, influenciado talvez pelo tempo.

Faz um frio terrivel, frio humido, penetrante, de doer os ossos.

Abri as janellas e estranhei a physionomia de Copacabana, embuçada em nuvens baixas, côr de chumbo.

Que falta faz á gente o sol, disse com os meus botões.

E até me veio a lembrança da *Oração* do Renato Travassos.

Attende, escuta o coração afflicto:
Não me desprezes nunca, ó sol
[bemdicto!
Eu te amo! eu te amo!

Fui ao guarda-roupa e fiz um sortimento de agasalhos, pensando na felicidade dos habitantes de Nova York, onde presentemente se morre de calor.

Sim, porque deve ser triste morrer num dia como este, sem a luz gloriosa do sol...

E, com a alma gelada, sahi para a rua ainda humida do orvalho da manhã.

Na primeira esquina, não sei porque, ao em vez de subir a um omnibus, tomei o primeiro bonde que passava no momento.

Poucas pessoas, mas, á medida que caminhava rumo ao centro da cidade, ia acolhendo os freguezes habituaes.

Então comecei a observar o espectaculo, que me pareceu novo, e conclui reconhecendo ser o ambiente movimentado do bonde propicio aos mortaes acabrunhados pela tristeza dos dias cinzentos.

Especie de tonico contra o *spleen*...

No primeiro, muito calmo, um cidadão fumava um charuto detestavel.

Parecia uma chaminé vomitando fumo e fagulhas. Ameaçava a integridade das nossas roupas e offendia o nosso olfacto.

Ha uma postura municipal prevenindo o abuso, porem, o recebedor, que nós chamamos de conductor, não sei porque, achou prudente deixar em paz o fumante.

Logo adeante, um individuo, emulo do Chaby, occupou um banco onde havia quatro pessoas. E' verdade que a lotação do banco comporta cinco passageiros, mas, aquelle estava evidentemente super-lotado...

O conductor nem siquer achou graça...

Um rapaz lia um livro, pacatamente, quando o banco foi tomado de assalto por cinco meninas. Ellas entenderam de fazer o rapaz recuar até uma das extremidades do banco onde ficou *docemente constrangido*, sob o olhar complacente do conductor. O velhóte que vinha ao meu lado fixou-me; li claramente no seu olhar aquillo que a bocca não disse: — Rapazinho de sórte...

Quasi concordei em numero e caso, menos no genero.

A' minha frente, uma linda rapariga abriu a bolsa, tirou o *rouge*, o *pompom* e tratou de compor o rosto. Comprehendi o pretexto para fazer funccionar o espelhinho á procura da minha pessoa...

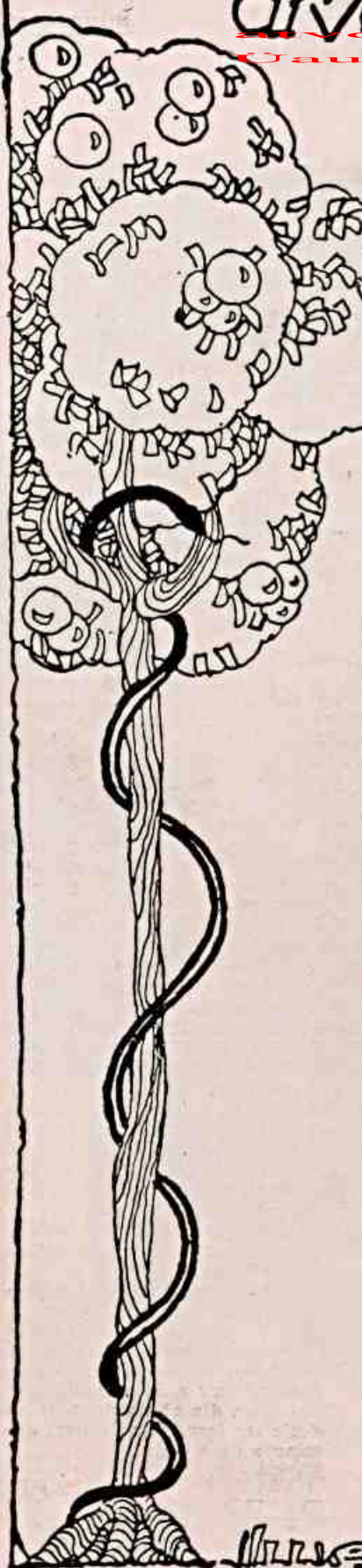
Era mais facil voltar a cabeça, encarar-me de frente. Não havia mal algum. Prestar-me-ia até um excellente favor, atenuando o meu *spleen*. As garotas de hoje são *sabidas*, disse mentalmente, preparando-me para a leitura das novidades do dia. Abri o jornal e dei com o retrato do presidente Machado, de Cuba, o homem que infallivelmente apparece, diariamente, nas gazetas cariocas.

Dobrei o jornal, tomado de panico supersticioso...

Um dia aborrecido!

A garota do espelhinho saltou, deitando-me um olhar significativo.

Parece-me que devia saltar tambem. Hesitei e o bonde partiu.

Ah!... Quando me certifiquei da asneira commettida, era tarde! Ser timido é uma infelicidade.

Deixar fugir a fortuna daquelle dia. O meu dia aborrecido que eu poderia ter transformado num dia luminoso de alegria!...

MARIO POPPE

Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

As estrellas ignoradas

NUM velho livro de Dutens, datado de 1776, Origine des découvertes attribuées aux modernes, se lê esta opinião de Aristoteles: "Viajando-se para o sul, devem-se descobrir novas estrellas." Com effeito, o philosopho fala disso entre as provas da esphericidade da terra, no tratado De Coelo. Ahi se baseou Plinio, para dizer na sua Historia Natural: "Os astros do nosso polo não são vistos dos povos do outro, por causa da convexidade intermediaria da terra." E adeante: "Taes phenomenos se observam de preferencia nas viagens maritimas, conforme os navegantes sobem ou descem os mares: então, astros que estavam escondidos pela parte proeminente do globo brilham subitamente aos nossos olhos, como se surgissem das aguas..."

Macrobio escreve nos Commentarios ao sonho de Scipião: "Assim, pois, Scipião, que jamais tivéra neste mundo a felicidade de avistar as estrellas do polo austral, logo que, pela primeira vez, livremente as contemplou tinha razão de ficar maravilhado." Tudo isto, porque, anteriormente, no referido Sonho, o grande Cicero escrevera: "Eram aquellas estrellas que nunca vimos deste lugar." E Macrobio accrescentava que jamais as veriam os europeus.

Enganou-se. Vieram as navegações e os céos, como os mares, perderam os seus velhos segredos.

F A I A N Ç A S

SONHADORAS E PLATONICAS

ANDRE' Lhéry...

Djénane...

Duas personagens que nasceram da ficção de Pierre Loti para o sonho e a fantasia das creaturas lyricas.

E' no romance "Les Desenchantées" do grande escriptor francez que elles vivem e amam sem se conhecer.

André Lhéry é intellectual. Direi melhor, é um romancista *doublé* de bello Brummel. Elegante, seductor, elle consegue, pelo espirito, desorientar o coração de Dejénane, que só o conhece através da sua obra literaria.

E Djénane? E' a creatura mysteriosa, certamente bella, encantadora, apaixonada, triste, amarga, dolorosa, e que, reclusa, encarcerada, por traz das grades dos harens, os angustiantes harens das épocas de Abdul Hamid e outros sultões gozadores, não tem outro consolo senão amal-o á distancia. Nisto, muito se parece com soror Marianna. Apenas ha uma differença flagrante entre ambas: é que a monja portugueza não era uma personagem irreal. E, si quizesse, poderia ter fugido do convento para se atirar aos braços rudes do capitão francez que tanto a desprezava...

As silhuetas que illuminam as nossas ruas.

Djénane, não! Djénane, a pobre mulsumana triste, amorosa e ardente, apaixonada pelo romancista a quem amava de longe, jamais se poderia evadir do presidio em que a tradição do seu paiz a encérrava.

Mas quanto fogo na alma erma daquella prisioneira amorosa, de olhos mysteriosos e lindos!

Pierre Loti — como era logico — faz André Lhéry esquecer essa pobre mulher, que trazia um mundo de sonhos impossiveis no cerebro em tumulto, e todas as labaredas do amor, dentro do coração desgraçado.

Esse amor tinha de ser assim: — apparentemente platonico, espiritual, irrealizavel; e devia findar como terminou: — um esquecendo o outro.

Tinha de ser assim, na ficção. Num romance. Porque o romance, sendo a copia da vida, não é, nem póde ser, uma copia fiel. Mas, na realidade, o caso absurdo. Primeiro, porque os harens já não existem. Nem mesmo na Turquia. Mustapha Kemal Pachá expulsou, de todos elles, as mulheres bonitas que eram a sua razão de ser. Depois, porque não é possivel um affecto como o de Djénane — ideal, incoherente, absurdo — a não ser quando a mulher é uma fantasia e se encontra no caso da turca apaixonada.

Mesmo assim, é bom não esquecer que o amor vence todas as muralhas difficeis. O amor é forte como a morte, disse Salomão. E assim é. E assim tem sido. E assim ha de ser.

No emtanto, sei de uma pluralidade de sonhadoras platonicas — *pour épater?* — cuja preoccupação unica é viverem a personagem infeliz de Loti — a Djénane melancolica.

E' irrisorio. E' risivel.

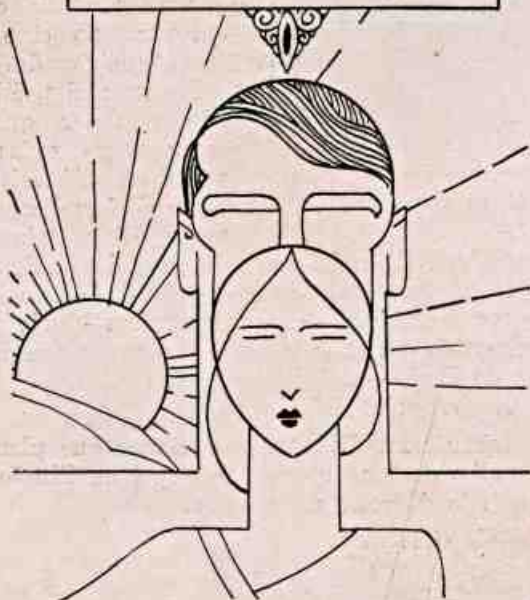
Amar como Djénane é o mesmo que plantar o galho de uma roseira de papel na illusão de que ella dê rosas naturaes...

Pois sim.

Y V E S

EU QUERO...

(Photo De los Rios)

ESTHER Squeff Silva, nome aureolado de prestigio nas letras gaúchas, honra, brilhantemente, a intellectualidade feminina do Brasil. Poetisa de sensibilidade delicada, e de um lyrismo ardente, apaixonado, a sra. Esther Squeff Silva escreveu especialmente para o FON-FON o poema, que offerecemos aos nossos leitores, nesta pagina.

Eu quero, meu amor, que a nossa historia
Fique sempre incompleta...
Quero que haja uma grande reticencia
Na infinita grandeza dessa luz...
Escuta:
Nós não sabemos o que póde acontecer...
Si a historia, ao começar, tem tanta luz, [quem sabe?!
Póde tambem no fim essa luz se apagar...

Para que, pois, amor, procurar do destino
A grande confissão?
Amemo-nos assim... nessa doce incerteza...
Prolonguemos do amor o apogêo e a belleza,
Ouvindo, no silencio, a voz do coração...

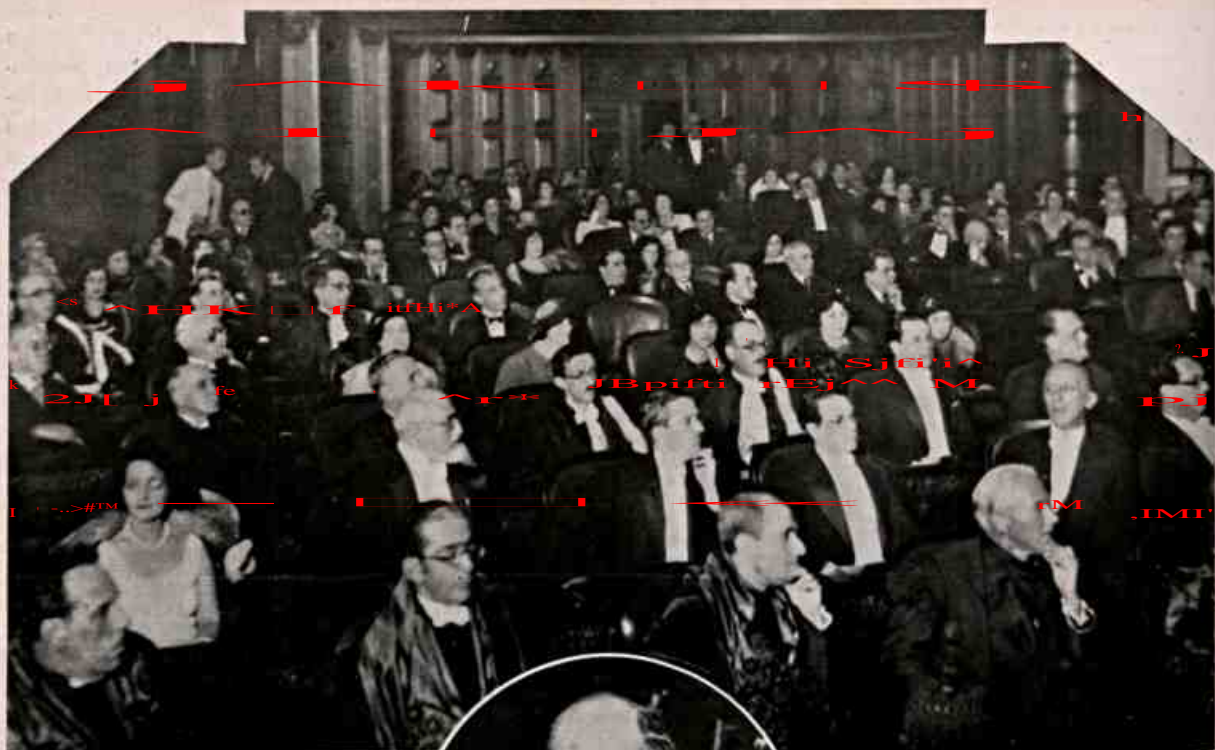
Deixa que o nosso amor seja um gozo in- [finito...
Um perpetuo vibrar de sensações...
Um renovar continuo de prazer...
Deixa que em nosso amor exista sempre
Uma impressão de eterno amanhecer...
Não procures o fim!
Nós lá sabemos o que póde acontecer?!

Si ha tanta luz, deixemos
Nossa historia incompleta!
Vivamos a illusão de tão lindo esplendor
Para que esse principio seja sempre
O glorioso final do nosso amor...

ESTHER SQUEFF SILVA

FILIGRANAS

Hermes Trismegisto, Hermes tres vezes grandes diz á alma nos velhos papyrus egypcios: " O rio de ouro vem de Osiris, a Intelligencia; o rio azul vem de Isis, o Amor; o rio purpurino vem de Ra, a Vida; e o rio de esmeralda vem de Nepthys, a Substancia universal". Esses quatro rios do paraiso dos antigos consubstanciam a existencia humana. Todos nós sahimos da Materia, navegamos pelas ondas sanguineas da Vida, bebemos das aguas azúes do Amor e acabamos por mergulhar na lympha aurea da Intelligencia Suprema, mais cedo ou mais tarde. E, quando, desta sorte, após a luta e a dor, nos reintegramos no seio divino de onde promanámos, findo o cyclo do nascimento e de morte, repousamos, esquecidos do soffrimento e do prazer, na beatitude infinita...

Muito brilhante foi a recepção que teve, domingo passado, em Nictheroy, sua eminencia d. Sebastião Leme, que, pela primeira vez, depois da investidura cardinalicia, visitou a vizinha capital. O cardeal d. Leme foi ali assistir ao encerramento da «Semana do Metro Quadrado», que se realizou aos pés do monumento de N. S. Auxiliadora. Terminado esse acto religioso, houve, no pateo interno do Collegio Salesiano, um festival sportivo, em homenagem ao illustre principe da Igreja Catholica e demais autoridades civis e ecclesiasticas. São flagrantes dessa recepção e outras cerimonias que a nossa pagina focaliza.

No edificio da Camara dos Deputados realizou-se, na noite de 11 do corrente, data da fundação dos cursos juridicos no Brasil, a solennidade da installação da primeira Assembléa Universitaria, cujos trabalhos foram presididos pelo reitor da Universidade do Rio de Janeiro, prof. Fernando de Magalhães. O grande salão do palacio Tiradentes encheu-se de elementos representativos dos nossos circulos sociaes e culturaes, vendo-se altas autoridades, magistrados, alumnos das escolas superiores e muitas familias. Falaram diversos oradores: os professores Fernando de Magalhães, Ignacio M. Azevedo Amaral, Lucio dos Santos, Castro Rebello, e o conde de Affonso Celso. A presente gravura fixa dois detalhes da cerimonia, vendo-se parte da assistencia e o professor Ignacio Amaral discursando.

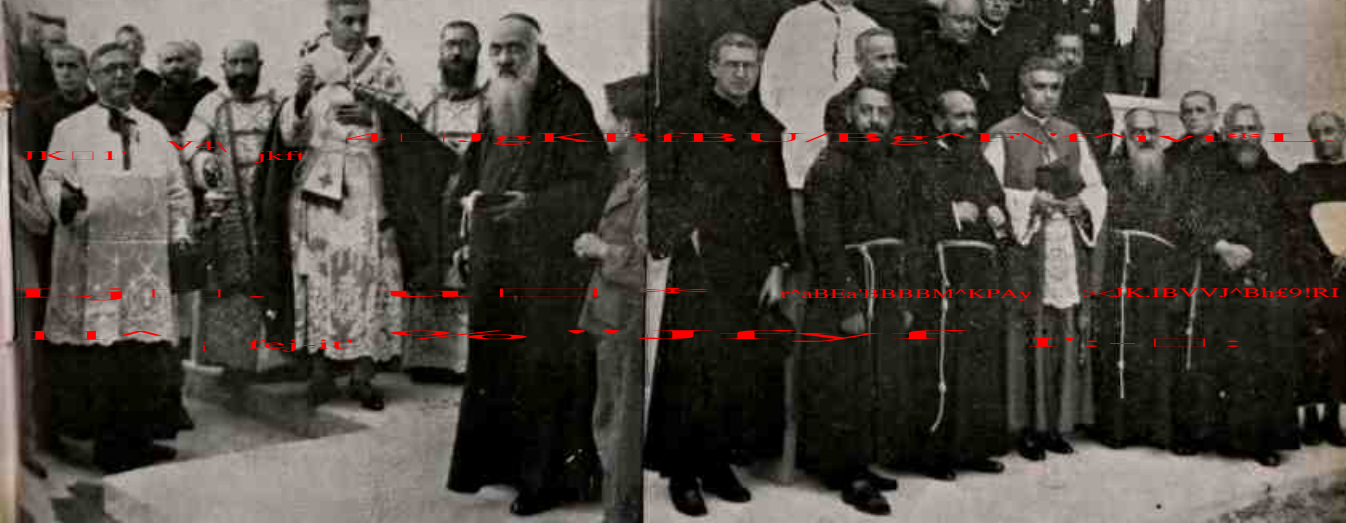
Os aviadores do Exercito prestaram, sabbado ultimo, expressiva homenagem ao major Plinio Raulino de Oliveira, ex-commandante da Escola de Aviação Militar, offerecendo-lhe um banquete, durante o qual foram commovidamente destacados os serviços do illustre militar na direcção daquelle estabelecimento. E' um flagrante desse ágape o que fixa a nossa gravura.

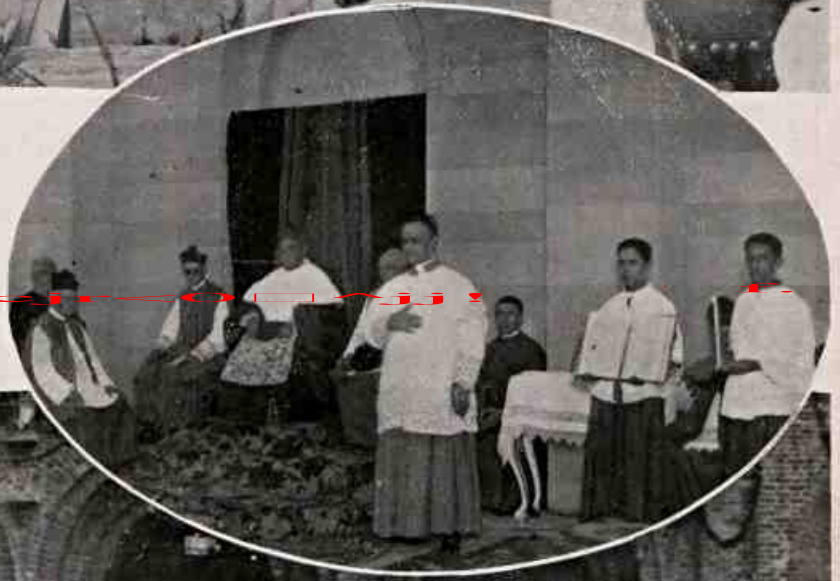
O NOVO TEMPLO DO PADROEIRO DA CIDADE

A S. Sebastião — o glorioso Martyr padroeiro da cidade do Rio de Janeiro — consagraram os benemeritos e esforçados frades capuchinhos o grandioso e lindo templo que se ergue, altaneiro, na rua Haddock Lobo, tendo, annexo, o convento da Ordem, e onde tambem ficarão guardadas as cinzas de Estacio de Sá e o marco commemorativo da fundação da metropole brasileira. A imponente cerimonia religiosa da inauguração da nova casa de Deus, erigida em honra do glorioso protector da nossa capital, realizou-se sabbado ultimo, revestindo-se o solemne acto de raro brilhantismo e majestade. Ministrou a benção ao novo templo, em cujo interior exultavam milhares de corações brasileiros, o vigario geral da archidiocese do Rio de Janeiro, monsenhor Rosalvo Costa Rego, tendo obedecido a tocante cerimonia cathulica ao ritual da Igreja. Esta pagina de FON-FON focaliza os detalhes principaes da grandiosa solennidade, tão grata á fé e ao espirito religioso da população desta capital, vendo-se, nos varios flagrantes, as autoridades ecclesiasticas, civis e militares, que nella tomaram parte, além da enorme assistencia de fieis.

TEMPLO
SANCTO SEBASTIANO MARTYRI
IN MONTUOSO CASTELLI CULMINE
AB ESTACIO DE SAA
ANNO MDLXXXIII ABSOLUTO AC DEDICATO
UNA CUM IPSO MONTUOSO CASTELLI LOCO
COMPLANATO AC DIRUTO
TEMPLUM HOC NOVUM
PRO PRISCO ILL.O REDDENDUM
EIDEMQUE GLORIOSO MARTYRI DEDICANDUM
REVERENDISSIMI PATRES CAPPUCCINI
PRO SUA ERGA DEUM PIETATE
FRATRE EUGENIO PALUMBO A COMISO SUPERIORE
[illegible] KAL. FEBRUARIAS ANNI MCMXXVIII
FUNDAMENTO AEDIFICII POSITO
GUILIELMO GATES ARTIS OPERISQUE MAGISTRO
XVIII KAL. SEPTEMBRES
ANNO MCMXXXI
MAGNA CIVIUM CELEBRITATE
CURAVERUNT INAUGURARE.

FILIGRANAS

Meus olhos se detêm numa agua forte antiga em que a paizagem clássica do Egypto me offerece á meditação o seu mysterio millenar. E ao espirito me acodem as palavras inspiradas de Schuré: "Com as pyramides que se perfilam no deserto ruivo, apparece-nos o Egypto dos Pharaós. Mais immutavel ainda do que o Nilo, impassível e abstracta, indestructivel no meio do areal que afronta, a Esphynge, indifferente á historia que deslisa aos seus pés, ella testemunha, no meio das raças e das religiões que passam, a força dos Principios absolutos e o mysterio da Eternidade." E eu me fico a scismar absorto no segredo desse monumento vetusto — synthese da natureza a desafiar com o seu sorriso de pedra a curiosidade dos mortaes...

A trasladação da imagem de S. Sebastião — o excelso padroeiro da Cidade — e de Estacio de Sá — seu fundador — da capella provisoria, á rua Conde de Bomfim, onde se achavam, sob a guarda dos frades capuchinhos do antigo mosteiro do Morro do Castello, para o rico e monumental templo da rua Haddock Lobo, foi uma das cerimonias mais tocantes e imponentes da vida catholica brasileira e que encheu de festa e enthusiasmo a nossa capital, no ultimo domingo. Prestou continencia ás cinzas de Estacio de Sá, transportadas numa carreta, o 1.º batalhão do 3.º Regimento de Infantaria. A urna, contendo os despojos do fundador da cidade foi collocada na nave principal do novo templo de S. Sebastião, em frente ao altar do Padroeiro. A' missa solenne, celebrada pelo bispo d. Justino Santa Anna, estiveram presentes o cardeal d. Sebastião Leme e todas as altas autoridades eccleciasticas, civis e militares que tomaram parte no imponente prestito, tendo falado ao Evangelho o conego Henrique Magalhães. Focalizamos, nesta pagina, os principaes flagrantes dessas magestosas cerimonias religiosas.

Vários flagrantes das cerimonias inauguraes da nova igreja de S. Sebastião, vendo-se o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro quando lançava a benção sobre o jazigo que recebeu as cinzas de Estacio de Sá e por occasião da missa solemne, e o povo no adro do magestoso templo da rua Haddock Lobo.

A urna contendo as cinzas de Estacio de Sá ao ser retirada da carreta que a transportou da capella provisoria da rua Conde de Bomfim para o novo templo de S. Sebastião, á rua Haddock Lobo. No flagrante desta pagina, vêem-se, além de sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme, altas autoridades civis e militares que compareceram ás imponentes cerimonias religiosas de domingo ultimo.

No Automovel Club de Bello Horizonte, o governo de Minas offereceu um baile aos officiaes do Exercito que se acham naquella capital tomando parte nas manobras de quadros que desde alguns dias alli se realizam. O presente grupo foi colhido num dos salões daquella sociedade, por occasião da brilhante festa, e nelle apparecem o general chefe da Missão Franceza, os secretarios do Interior, Agricultura e Educação e exmas. senhoras; o prefeito de Bello Horizonte, e os coronéis Barcellos e Baudouin.

CHROMOS

Outro dia, você me perguntou o que era o amôr.

Eu fiquei p e n s a n d o, pensando, e respondi-lhe que ia vêr no diccionario.

Você a r r e g a l o u os olhos negros e bonitos, e, certamente, fez máo juizo de mim.

Não consultei livro algum. Para que?

Si os poetas — cultivadores da Belleza e amantes do Sonho — não sabem o que é o amôr — muito menos o saberiam os philologos...

Ninguem sabe o que é o amôr. Um poeta chamado Victor Hugo disse que o amôr é a vida.

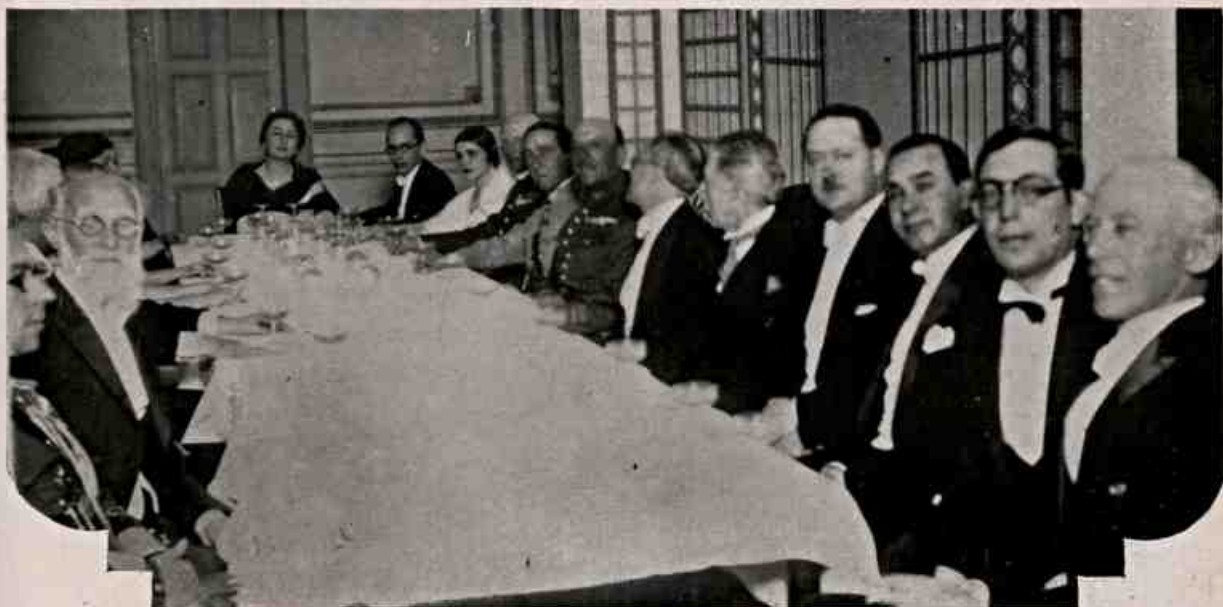
Deve ser.

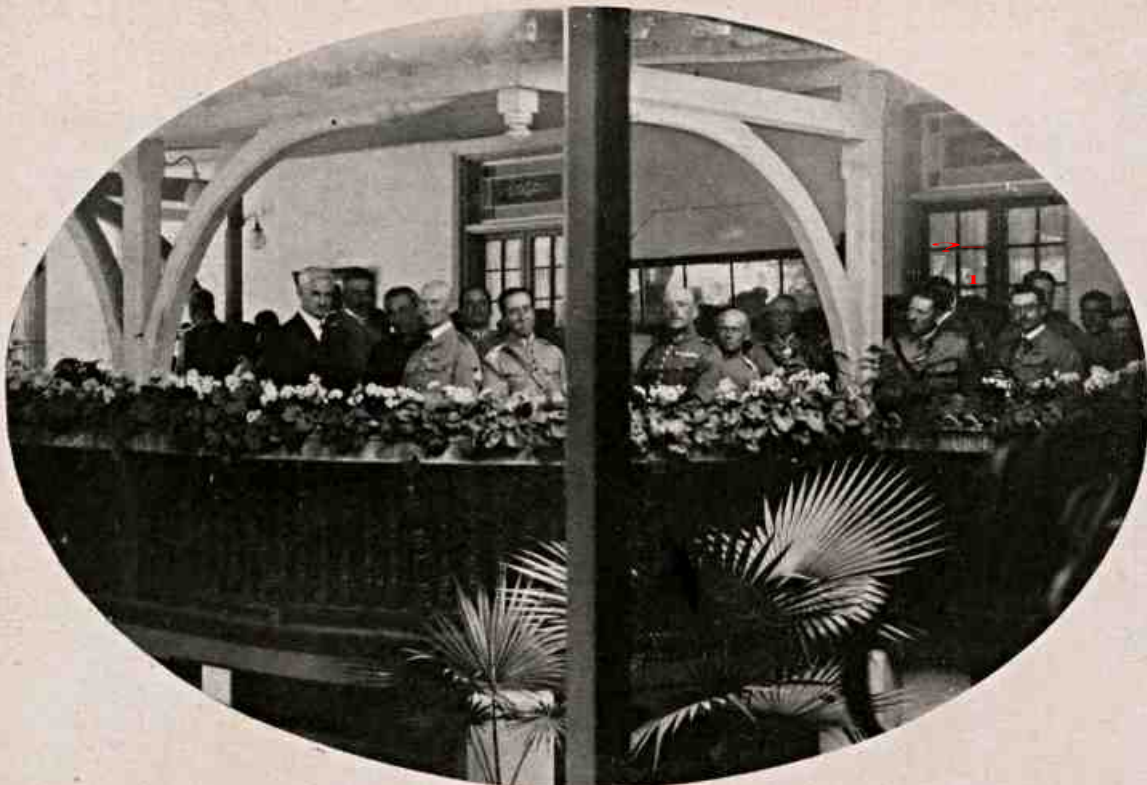
No dia em que a gente souber o que é a vida — a vida perderá toda a graça.

O amôr tambem. Si eu soubesse o que era o amôr, deixaria de amar, para sempre.

O verdadeiro valôr do amôr está justamente em não poder ser definido. O amôr não cabe numa definição, de tão grande que é.

Mas cabe no meu coração, morena, porque você móra nelle, e o amôr móra em você...

MATTOS ALÉM

A mesa do «lunch» offerecido aos convidados do baile official do Automovel Club de Bello Horizonte, vendo-se á cabeceira a embaixatriz italiana.

Com a maior efficiencia e brilhantismo, realizaram-se no campo da Gameleira, em Bello Horizonte, as manobras de quadros de officiaes da Escola de Estado Maior. Pela primeira vez esses militares se localizaram naquelle Estado central. As provas foram desenvolvidas sobre o terreno local, por uma divisão. Entre os officiaes que compartilharam das provas estavam os professores e alumnos da Escola, inclusive o coronel Christovão Barcellos, seu director, e os membros da Missão Franceza. As nossas gravuras reproduzem os aspectos mais expressivos das manobras e dos seus preparativos.

Na séde do Club dos Inglezes da mina de ouro de Morro Velho, em Minas. O general Huntziger e os coronéis Barcellos e Baudouin e outros militares em companhia de um dos directores daquella aggremiação.

BILHETES A LIXA

Por Gonzaga Coêlho

"*Minha doce amiga.* — Não resisto, neste friorento e embuçado entardecer, á satisfação de mandar-te idéas, algumas idéas revestidas do meu estylo, que "alguém", certa vez, chamou de movimentado e leve. E digo bem do meu enthusiasmo paradoxal pela physionomia apathica deste sombrio e humido correr de horas, porque é assim que mais se me aguça a tua lembrança, evocadora e linda.

Numa successão de idéas, tendo-te em espirito bem junto a mim, acodem-me, em toda sua pujança magnifica, os versos do autor de *O caçador de esmeraldas*, tão opportunos neste doce momento de metempsychoses e enleios:

"No ar socegado um sino
[canta,
Um sino canta no ar som-
[brio...
Pallida, Venus se levanta...
Que frio!"

E sinto o desejo de proseguir, recitando, si não fôra saber, mais até do que eu, amares tanto estes versos, tanto, que, sempre que podes, os dizes a mim, suavemente, com tua voz de passaro, como um gorgeio embalador...

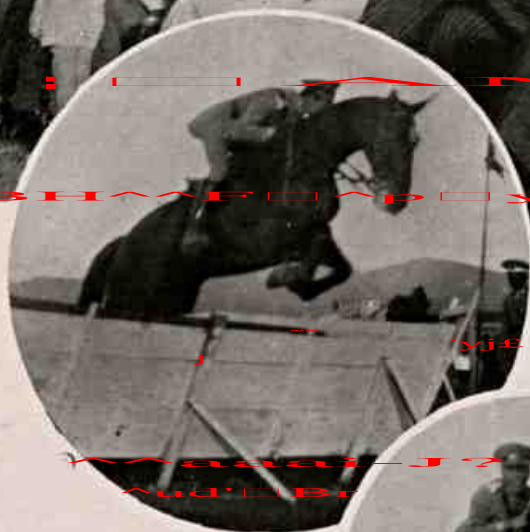
Lembras-te do que me falaste hontem, por entre o transluzir das primeiras estrellas, numa attitude graciosa de estatua olympica, a que teu olhar e tua voz humanizavam com um sorriso quente e divino? Interrogo-te, porque, para mim, quando te escuto, és como um regato múrmuro e cantante, ou como uma harpa eólea que vibrasse ao perpassar suave do vento... Mas, ficou, nitida, empolgante, a tua attitude de estatua espiritualizada pelo nosso amôr. O teu sorriso foi como a scentelha divina, que acalenta e conforta, guia e illumina. Sei que me disseste coisas bôas, tão bôas, que por isso mesmo não as guardei; não as comprehendi. Talvez por causa da minha condição humana.

Olho, da minha janella enxovalhada, a paizagem que se estende até a fimbria distante, composta de morros juxtapostos e irregulares, embuçados como as collinas de que nos fala o poeta. Na capellinha, toca um sino dolente, que me traz pelo "ar socegado" outros versos da "Surdina":

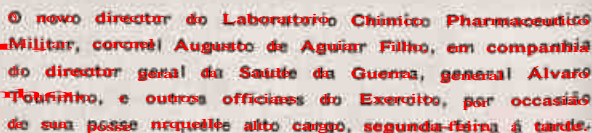
"Um sino canta. O campa-
[nario
Longe, entre nevoas, appa-
[rece...
Sino, que cantas solitário,
Que quer dizer a tua prece?
Que frio!"

E, finalmente, não são idéas revestidas do meu estylo "mivimentado e leve" o que te mando agora neste bilhete. E' o meu coração ardente, é a minha alma quente que te procura tanto neste dia frio.

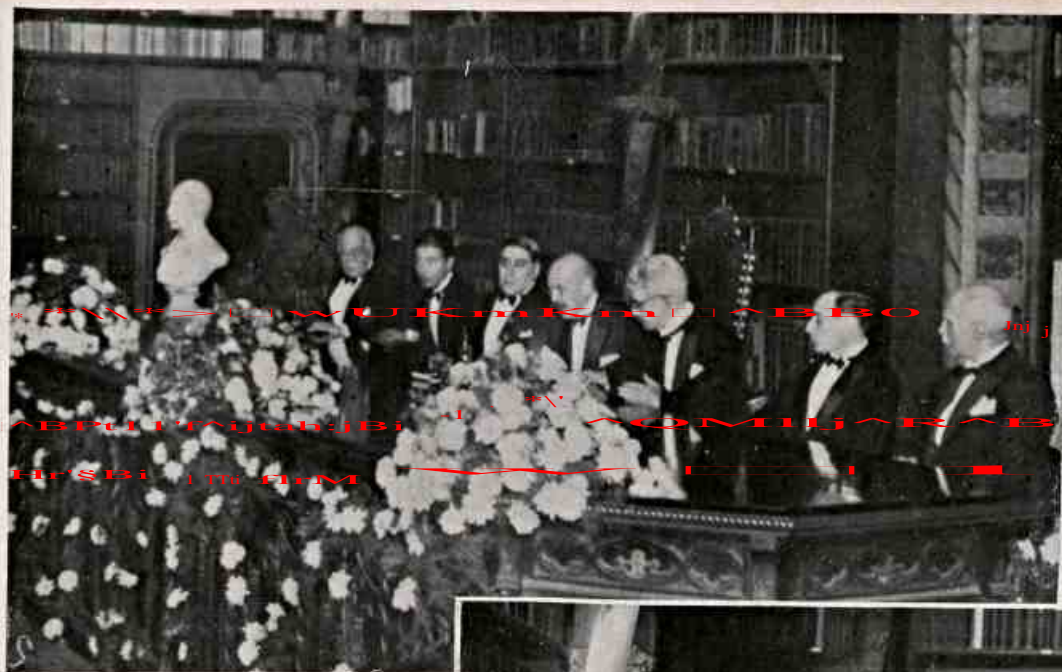
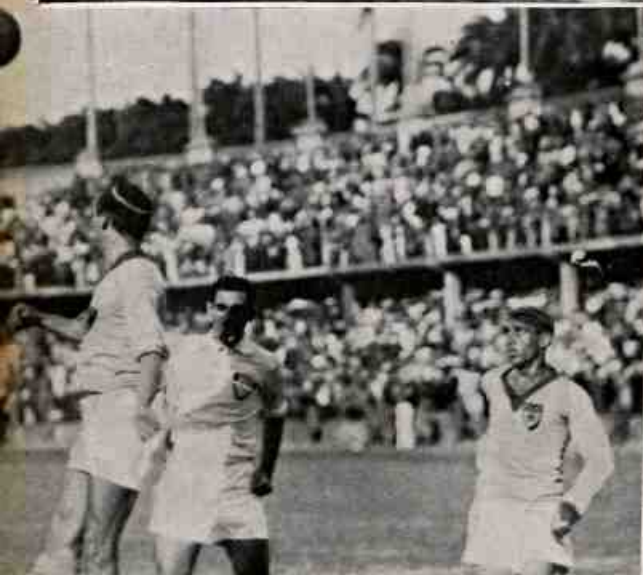
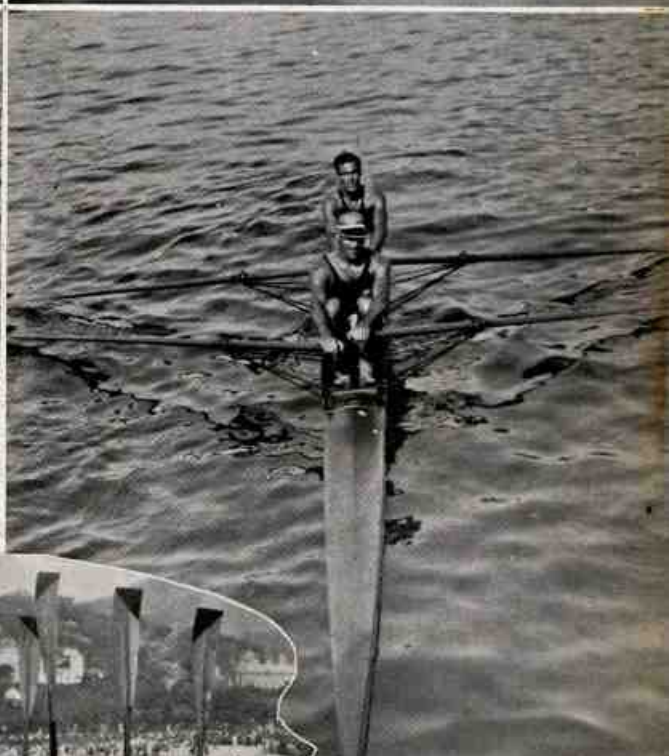
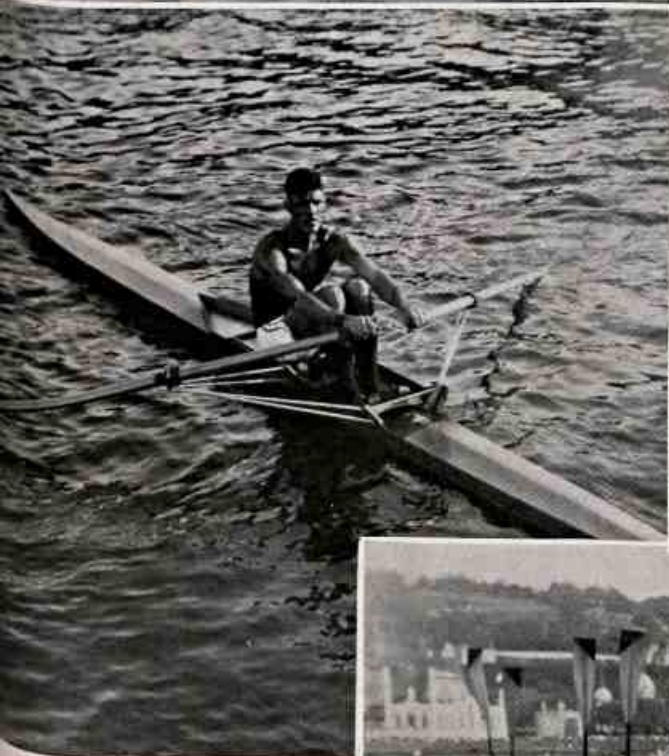
Teu — *Flavio.*"

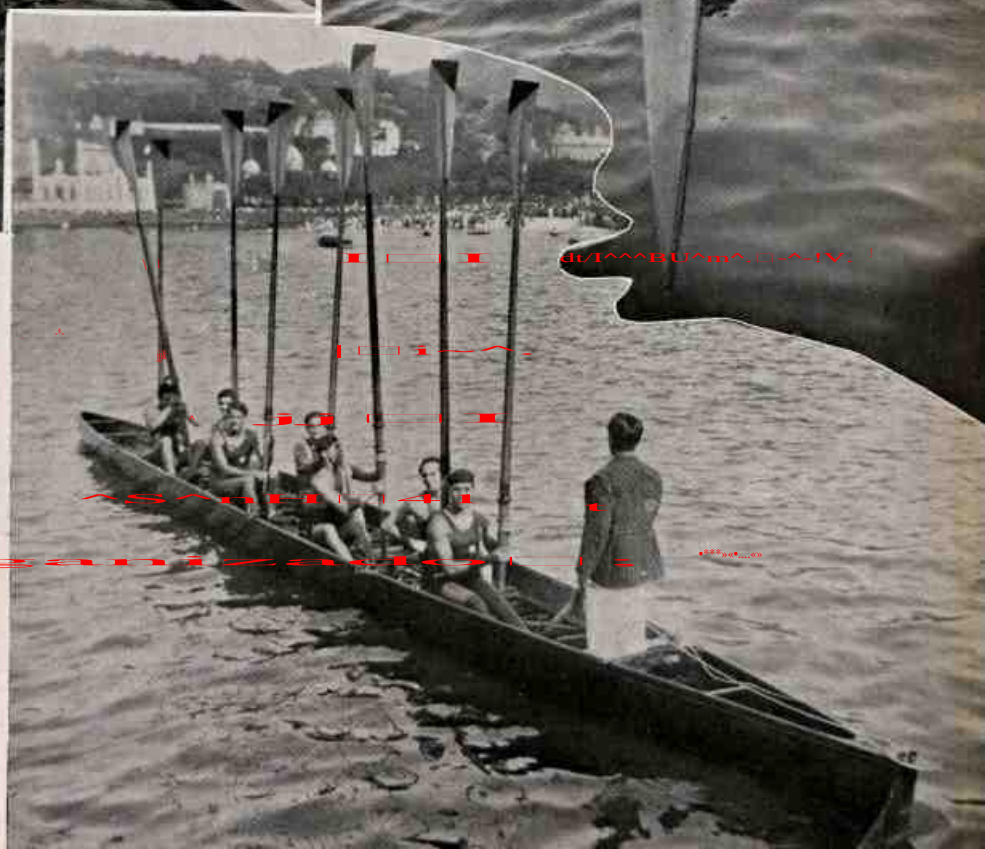
A senhorita Cristina Costa Maristany realizará, na noite de 27 do corrente, no salão do Studio Nicolas, o seu recital de canto, que será, sem duvida, uma brilhante festa de arte, dado o prestigio social e artistico da joven cantora.

Flagrantes do grande concurso hippico ultimamente realizado em Bello Horizonte, com a participação dos officiaes em manobras de quadres, naquella capital. No alto, o presidente Olegario Maciel assistindo ás provas, em companhia do embaixador italiano e dos drs. Junqueira e Capanema. Nos medalhões, tres dos vencedores. Em baixo, outros concorrentes.

O novo director do Laboratorio Chimico Pharmaceutico Militar, coronel Augusto de Aguiar Filho, em companhia do director geral da Saúde da Guerra, general Alvaro Tourinho, e outros officiaes do Exercito, por occasião de sua posse naquelle alto cargo, segunda-feira á tarde.

FILIGRANAS

Todos os que conhecem o interior do Brasil sabem que, ao pé das cruzes com que se assignala, á margem dos caminhos, o logar onde foi morto um individuo, a devoção dos passantes começa a elevar montículos de pedras. Cada uma vale por uma oração em intenção do defunto. O sertanejo reza e lança uma pedra ao pé da cruz tôsca.

E' um dos ritos mais velhos do mundo. As tribus da Africa, segundo Blaise Cendrars, incluem-no nas ordenanças divinas das suas lendas cosmogonicas. Todos os povos europeus o praticaram. Os phenicios, assegura Goffo-reil, consagravam esses seixos a Melkarth. O padre Acosta diz que os antigos guichuas e aymarás do Perú levantavam á beira das estradas esses montes de pedras, afim de terem felicidade nas suas viagens. E Paul Marcoy conta que os peruanos contemporaneos dos Incas os denominavam «apachetas» e os dedicavam a Pachacamac, creador do universo. A devoção dos transeuntes se encarregava de augmental-os diariamente.

Por motivo de sua partida para a Europa, ha dias, o industrial Monteiro Guimarães, director do Moinho da Luz, recebeu uma homenagem dos seus amigos e admiradores, os quaes lhe offereceram um almoço de despedida, com a presença de seus collegas de directoria, srs. Mario de Oliveira e Senna Pereira, e do ardoroso tribuno doutor Mauricio de Lacerda.

No salão manuelino do Real Gabinete Portuguez de Leitura realizou-se, na noite do dia 14, a installação solemne da Federação das Associações Portuguezas do Brasil, segundo a these nesse sentido approvada no ultimo congresso. A nova instituição pretende congregar, sob a mesma direcção, as centenas de collectividades portuguezas existentes no territorio nacional. Os nossos clichês focalizam a mesa da sessão, a que presidiu o sr. encarregado de negocios de Portugal, o orador official, sr. Carlos Malheiro Dias, e uma parte da assistencia desse acto solenne.

O oitavo campeonato brasileiro de football teve, domingo ultimo, um jogo de sensação nesta capital: defrontaram-se, no campo do Fluminense F. C., cariocas e bahianos, que offereceram aos nossos «torcedores», momentos como os que focaliza esta pagina.

A REGATA DE DOMINGO

A Federação Brasileira do Remo promoveu, domingo passado, na enseada de Botafogo, a mais importante regata da temporada, na qual tomaram parte remadores de todos os clubs cariocas e fluminenses, numa empolgante demonstração de sport nautico. O programma organizado pela Federação do Remo constou de 17 páreos, que decorreram animadissimos e cheios de encanto, na tarde de sol. A nossa pagina focaliza alguns flagrantes expressivos da grande regata de domingo.

O «Dia do Professor» foi commemorado de maneira festiva no Gymnasio Pio-Americano, onde, entre outras solennidades, se realizou um jantar que a directoria do estabelecimento offereceu aos representantes da imprensa e aos professores. O dr. Mario de Toledo Fonseca, director do Gymnasio Pio-Americano, antes de ter inicio o agape, disse algumas palavras sobre a significação da data que alli se festejava. A' sobremesa, falou o general Lima Mindelo, decano do corpo docente do Gymnasio, e que, em nome deste, saudou os jornalistas presentes, depois de ter agradecido a homenagem que o dr. Mario de Toledo Fonseca e exma. senhora alli prestavam ao orador e seus collegas. Por fim, o dr. Arimos Pimentel discursou em nome da imprensa, proferindo expressivas palavras de agradecimento. Após o jantar, realizaram-se animadas danças no salão de honra do Gymnasio Pio-Americano.

Mira Bank é uma artista de qualidades apreciaveis. Violinista, ella conhece bem o seu instrumento, com o qual tem alcançado brilhante e expressivo successo entre nós. Actualmente, Mira Bank dirige, com exito, a orchestra do Trianon, e ali, no theatro do Procopio, a festejada artista recebeu, ha dias, por motivo de seu anniversario, significativa homenagem da parte de seus collegas e dos innumeros admiradores que conta nesta capital.

Promovido pelos quartannistas do curso gymnasial do conceituado estabelecimento de ensino, que é o Collegio Americano Baptista, realizou-se, na penultima quarta-feira, no salão nobre do edificio daquelle educandario, á rua José Hygino, interessante festival civico-literario. Dos varios numeros do programma organizado, destacaram-se o hymno «Brasil Unido», cantado pelos quartannistas; a comedia «O dr. Nicolau», bem como a parte de canto e recitativos. O dr. Daltro Santos, professor do estabelecimento, pronunciou brilhante discurso, sendo muito applaudido. A direcção do Collegio Baptista, representada pelo illustrado e competente educador, dr. H. H. Muirhead, cumulou de gentilezas a numerosa e distincta assistencia alli reunida.

OS SETE DIAS DE "FON-FON" NO CINEMA

Cassy, uma das figuras da alta sociedade de New-York, apaixonára-se pelo seu chauffeur, um brutamontes. O resultado é que, além de escandalizar, com essa paixão, o seu circulo social, viu-se abandonada pelo pae, que a desherdou e jurou não querer tornar a vel-a.

A unica pessôa que a comprehendeu, e assim mesmo em parte, foi Dulce Morado, sua prima, casada com o sempre distincto e sympathico Tony Morado, bem mais velho que a esposa.

Para proteger a prima, que ficava, com aquelle casamento, inquietadoramente pobre, Dulce Morado, interessada pela felicidade da parenta, conseguiu que seu marido désse, como presente de nupcias ao casal, uma granja, uma pequena granja onde elles poderiam viver e obter o necessario

As mãos innocentes eram o seu perdão.

UM SONHO APENAS

Producção Metro-Goldwyn-Mayer, com

Kay Francis, Kay Johnson, Lewis Stone, Charles Bickford e outros

Sentiam-se completamente felizes!

para fazer algum dinheiro.

Daniel Wallace, entretanto, o ex-chauffeur e agora marido de Cassy, é de genio altivo, e agradecendo a offerta, declara querer viver independente, dizendo que, se elle se casára, é porque sabia que poderia sustentar uma esposa...

Cassy e Daniel iniciam, então, a sua vida de casados. Cassy, desacostumada como estava áquelle desconforto, estranhou bastante, a principio, mas comprehendendo que tudo aquillo era em proveito da sua felicidade e da felicidade de seu esposo, acceitou com coragem a situação e dentro em breve se tornava uma perfeita dona de casa. Trabalhava do amanhecer ao cahir da noite. Vivia feliz, comtudo.

Passado um anno, veiu um primogenito. Maior felicidade, ainda. Daniel era um bom marido, carinhoso, dedicado. Além disso, Dulce, sempre bondosa, apparecia de vez em quando,

Paixão!... Delirio!...

Seria um sonho?...

com um presente, um conselho, um conforto qualquer... Um dia, porém, Daniel perdeu o emprego. A situação, naturalmente, tornou-se angustiosa. Dulce, que não se dava com Daniel, desde o dia em que elle recusára o presente que ella lhe queria fazer, sentiu que seria de bom alvitre tornar a lembrar a offerta: ella e Tony dariam de bom grado a granja já offerecida. Agora — lembrou ella — Daniel não devia attender unicamente á sua altivez, mas tambem ás necessidades do filhinho, que precisa ser alimentado e ter um futuro garantido...

A custo, Daniel acceitou o presente. Installaram-se — elle, Cassy, o filhinho e a sempre enervada mas bôa Mrs. Harvey, que fôra, aliás, a primeira senhoria do casal. Dulce apparecia constantemente e já agora conversava longas horas com Daniel. Muitas vezes, mesmo, elle a acompanhou, a cavallo, pelas estradas visinhas á granja.

Por fim, deu-se uma cousa que ninguem poderia prever. Dulce appaixona-se por Daniel. Seduzira-a o feitio bruto daquelle homem. Desejava-o. Elle era qualquer cousa que não era o seu marido, o avelhantado Tony Morado. E o impetuoso foi a creatura na sua paixão, que isso não passou despercebido a seu marido, e uns dias mais tarde, numa situação afflictiva, justamente quando seu pae estava á morte, Cassy encontrou o marido e Dulce em idyllio.

Separaram-se. Tony Morado, acabrunhado, separou-se da esposa. Dulce e Daniel partiram para o estrangeiro. Cassy, orphã de pae e abandonada pelo marido, dedicou-se de corpo e alma ao filhinho. Elle foi a sua unica companhia durante o tempo em que Dulce e Daniel viveram, illudidos, fóra, na Europa. O filhinho, sem entender bem porque, via, assustado, as lagrimas da mãe, á noite, quando ella o fazia orar junto á cama. Um dia, Cassy não resistiu e escreveu uma carta a Daniel. Nessa carta ella plasmou o seu estado dalma, a paixão de o ver entregue a uma paixão illusoria. Deante dessa carta, Daniel sentiu todo o peso do seu grande erro e explicou a Dulce o seu proposito de voltar para a companhia da esposa.

E voltou, uns dias mais tarde. Dulce renuncia ao coração do homem a que ella não tinha direito.... Sua felicidade fôra um sonho apenas, tal como a de Cassy, que jamais poderia esquecer a desillusão que lhe déra o pae de seu filhinho...

Horas de paz!

Era uma accusação severa a que lhe faziam.

CORPO E ALMA

Um film da Fox dirigido por
Alfred Santel
com a interpretação de
Elissa Landi
Charles Farrell

TED Philip e Tap, aviadores norte-americanos, estavam incorporados no Corpo Britannico de Aviação, prestando os seus serviços nas linhas de frente, durante a Guerra Mundial.

Philip, que se casara ha um mez, deixou a sua esposa nos Estados Unidos, e mantem em Londres relações amorosas com Alice, uma joven um tanto mysteriosa, que lhe escrevia constantemente. Por occasião de seu anniversario, Alice envia-lhe um relogio pulseira, como recordação.

Ted e Tap reprimem o seu procedimento, por ser um homem casado, ao que Philip argumenta ser tudo obra de guerra. Tap, entretanto, era um joven dado a conquistas galantes, o mesmo não acontecendo a Ted, que de mulheres só conhecia o nome. Pacato, elle jamais bebera uma gotta de alcool, e para apparecer aos seus collegas de annos, muitas vezes elle, ás escondidas, riscava o proprio rosto com baton de rouge, e perfumava-se, sendo assim conhecido um rival terrivel de D. Juan!

Dias sombrios desenrolavam-se nas garras mortiferas da impiedosa batalha aerea. Ordens superiores estavam expedidas para seguir de madrugada uma patrulha de reconhecimento ao campo inimigo. Philip é um dos escalados. Cheio

Lia-lhes a duvida nos olhos.

de pavôr e amôr á [illegible], elle tem ímpetos de furtar-se ao cumprimento do dever, mas Ted, seu amigo, acompanha-o na penosa e heroica jornada.

Abatido pelos aviões inimigos, Philip é ferido mortalmente, ficando Ted de posse do seu relogio, para assim o devolver a Alice. Estava elle escrevendo uma carta para ella, quando um vulto esbelto de mulher surge á porta. Era Alice, que, sabendo da morte de seu amante, vinha pedir os detelhes do seu fim tão glorioso. Sabendo fascinar, foi tarefa bastante facil para aquella mulher perturbadora fazer-se insinuar no espirito, joven de Ted, que, não mais respeitando a posthuma amizade por Philip, se entregou completamente de corpo e alma áquelle amor que inesperadamente lhe inflammou o coração.

Não durou muito aquella influencia, porquanto Alice estava sendo procuarda como espiã; factos que se impunha como elementos positivos assim a accusavam. Nada demoveu no coração de Ted para acreditar que Alice fosse assalariada para espionagem. Enfrentando, tendo emfim de salval-a,

Queria convencel-o do seu amor sincero.

Ted por fim consegue provar que Alice era innocente, pois era a viuva de seu amigo Philip, e que na realidade a verdadeira Alice era outra por quem seu amigo se apaixonara com allucinação.

Terminaria aqui a nossa historia, se Ted não recebesse ordens para seguir na patrulha que partiria naquelle dia, levando entretanto comsigo a certeza que agora havia uma dedicada mulher aguardando o seu regresso!

Na defesa.

O PASSATEMPO PREDILECTO DOS ARTISTAS CINEMATOGRAPHICOS

Um dos melhores methodos que os artistas cinematographicos seguem para descançar é o de se dedicarem a um passatempo predilecto, independente do trabalho profissional, com alguma coisa que desperte verdadeiro interesse e que faça esquecer as fadigas do dia.

Por exemplo, o passatempo predilecto de Marion Davies é convidar os seus amigos para as festas em sua luxuosa residencia. Ella sente um verdadeiro prazer em organizar festas e divertir-se com os seus amigos. Emquanto que outros luminares detestam reuniões de muitas pessoas, isso constitue verdadeiro prazer para Marion Davies.

Marie Dressler, por seu lado, prefere sentar-se numa confortavel poltrona, num canto socegado de uma das salas de sua residencia. Com uma cesta de costura no collo e alguns amigos agrupados ao redor, ella conversa emquanto costura, sendo esse o seu passatempo favorito.

Marjorie Rambeau é o contrario de Marie Dressler. Se ella se puzesse a costurar, talvez tivesse um ataque de nervos. Marjorie gosta immensamente de andar pelas livrarias á procura de livros raros e antigos ou então estender-se confortavelmente numa poltrona e ler taes livros.

a
Paramount

MOSAICOS

A ESPOSA PERFEITA — Eriken, philosopho japonez, formulou as seguintes regras para o manual da esposa perfeita:

"Teu marido é teu senhor absoluto. Não lhe retruques nunca, mesmo quando tenhas razão. Cala, Soffre. Trabalha, obedece. Não sejas ciumenta, porque, em vez de caíl-o, mais o irritarás. Levanta-te cedo e deita-te tarde. Vela sempre o somno de teu marido. Não faças sésta. Mesmo que sejas casada de pouco evita as amizades com gente moça. Não sais nunca, ou sáe o menos possivel. Não te queixes. Encerra-te, alegre, no teu lar e sê trabalhadora e economica. E, tambem, sê sempre fiel, mesmo que o teu marido te engane."

O PAPEL E OS NERVOS — Sempre que se manda forrar os departamentos de uma residencia tem-se como preoccupação exclusiva combinar a côr do papel a empregar com os moveis, com as cortinas, ou com o fim a que este ou aquelle compartimento se destina. Assim, ha papeis para sala de visitas, de jantar, ou dormitorio, etc. A ninguem, geralmente, occorre a lembrança de que o ponto principal dessas combinações deve ser harmonizar a côr das paredes com o nosso caracter, com a nossa propria personalidade. E somente rarissimas pessôas, em extremo sensiveis, é que podem notar os bons ou máus effeitos de certos matizes sobre ellas mesmas ou sobre seus amigos. Das observações feitas até hoje resultou um interessante estudo das côres applicadas ás paredes das residencias e sua influencia sobre os nervos de seus moradores.

Segundo as conclusões obtidas o papel que menos excita os nervos é o de uma só côr sem qualquer desenho. As pessôas que tenham necessidade de concentrar a imaginação devem, mui particularmente, evitar as habitações forradas com papel de desenhos alegres. Aos nervosos convem o papel de côr uniforme.

O vermelho é a mais excitante de todas as côres. E' muito conveniente para as pessôas timidas, de animo fraco e sem confiança em si proprias.

As tonalidades cinza-escuro e rôxo são excessivamente depressivas para as naturezas sensiveis. Pode exceptuar-se o cinza-claro, excellente para os espiritos cansados.

O verde, sempre que não seja muito escuro, convem, em geral, para todas as pessôas nervosas. As que não o são, de modo algum encontram no amarello claro, porém não muito vivo, a excitação e o animo necessarios na luta pela vida.

O papel branco, sobretudo em habitações que tenham muita luz, é alegre em demasia, e produz no animo um certo desassocego.

As pessôas doentes devem preferir o papel côr de rosa. O violeta — assim como o preto — produzem tristeza, emquanto os tons azues causam alegria e tranquillidade.

Dos papeis com desenhos são preferiveis os que apresentam linhas verticaes, porque, segundo se observou, esta disposição das linhas, no sentido vertical, contribue para levantar, physica e mentalmente, as pessôas abatidas por soffrimentos moraes ou trabalhos excessivos.

Entre pae e filho — Como me estão sahindo caros os teus estudos, filho!
— E olhe que eu sou um dos que menos estudam...

A ORIGEM DO HOMEM — De accordo com as ultimas investigações e estudo a respeito dos ossos e objectos dos tempos prehistoricos chegou-se á conclusão de que ha mais de um milhão de annos appareceu o homem sobre a superficie da terra. Os elementos mais evidenciadores de tão remota existencia foram encontrados no centro e no sul da Asia, acreditando os geologos que dahi é que o homem emigrou para todo o ambiente da terra.

A ESCOLA DO JORNALISMO — *O director ao candidato a reporter:*

— Se tivesse de escrever um artigo sobre um thema que ignorasse, como procederia?

O candidato — Sabemos de fonte autorizada...

O director — Muito bem. E como terminaria o artigo?

O candidato — Poderiamos adduzir uma infinidade de detalhes, mas a falta de espaço...

O director — Perfeitamente. Está approvado e admittido.

NOTAS DE ARTE

DE OSCAR D'ALVA

ROBERTO CASADESUS — Nas tardes de 13 e 15 de Agosto appareceu no T. M. mais um pianista de notabilidade mundial — Robert Casadesus. Além de meia duzia de numeros extraordinarios, executou este programma: I) J. S. BACH — *Concerto italiano*; BEETHOVEN — *Sonata*, op. 57 (Apaixonada); SCHUMANN — *Mariposa*, op. 2; CHOPIN — *Fantasia*, op. 49; DEODAT DE SEVERAC — *Le retour des muletiers*; DEBUSSY — *Soirée dans Grénade*; RAVEL — *Alborada del gracioso*; II) DOMENICO SCARLATTI — 6 *Sonatas*: ns. 486, 485, 263, 487, 395 e 463; CHOPIN — 4 *Balladas*: op. 23, 38, 47 e 52; RAVEL — *Jets d'eau*, *Furlana*, *Toccata*.

Ouvindo Casadesus tivemos a impressão de ouvir um artista completo, na extensão quasi absoluta do termo. Dizemos quasi absoluta não só pela natural relatividade de todas as affirmações, mas ainda porque em sensibilidade communicativa talvez se lhe possam fazer algumas restricções em relação a esta ou aquella peça, a esta ou aquella passagem. Aliás é possivel tambem que, sob esse mesmo aspecto, muitos nada restrinjam, acceitando como processo de interpretação individual, consciente, o que nos pareceu carencia de sentimentalidade. Como quer que seja, o pianista nos commoveu e empolgou desde a primeira parte do primeiro programma. Nunca ouvimos a *Apaixonada*, tão bem interpretada, mesmo pelas maiores celebridades que aqui têm vindo, como o foi pelo extraordinario pianista francez. A execução do ultimo tempo foi de excepcional belleza. Traduziu com raro esplendor toda a epopéa de amor que nos suggere o canto final do poema beethoviano. A sala empolgada saudou com estrepitosas palmas e enthusiasticos bravos a victoria do pianista. Outra exhibição de excepcional valor: a das 6 *Sonatas* de Scarlatti. Assim como nos deslumbrou o magistral interprete no estylo magestoso do mestre de Bonn, através da "tragedia do sentimento" — uma das antonomasias por que é conhecida a grande sonata em fá menor — encantou-nos pela clareza, pela precisão, pelo colorido, pela inexcedivel perfeição com que dedilhou os poemetos do celebre sonatista italiano. E as 4 *Balladas* de Chopin?! E a *Ballada em lá bemol maior*, a mais conhecida e a mais tocada?! Como o pianista a viveu, revelando com perfeita comprehensão o poema de Mieckiewicz, que a inspirou — o *Lago de Sovitez!* Mas, sobresahindo entre todas as interpretações, porque nos pareceram inexcediveis e inexcedidas, avultam as dos poemetos da musica impressionista ou modernista. Parece impossivel desenhar com mais nitidez, com mais brilho, com mais poder communicativo, os arabescos sonoros, as dissonancias musicaes das obras de Debussy, e Ravel. Quasi sem nenhum caracter sentimental, dotadas, por assim dizer, só de belleza plastica, o que se admira nas composições do impressionismo modernista ou do modernismo impressionista são as combinações singulares, os effeitos extranhos de sonoridade, todo um dynamismo de idealizações musicaes, capaz de produzir fortes emoções de extranha, de singular esthesia. Assim nos appareceram acabadas, perfeitas, as composições dos mestres francezes nas interpretações magistraes do pianista.

Artista essencialmente francez, pela pureza, pela finura da sua arte sempre impeccavel, Casadesus occupa sem favor um lugar a parte entre as celebridades pianisticas que nos têm visitado. E esse lugar não fica abaixo mas ao lado, e ás vezes acima dessas celebridades. Se algumas o excedem em força de expressão sentimental, se os brasileiros possuimos mesmo uma pianista genial cuja sensibilidade communicativa no repertorio romantico não tem rival — Guiomar Novaes — a verdade é que Casadesus reune num só bloco as qualidades primaciaes, dos pianistas de escol, de sorte a collocál-o um dos maiores entre os grandes. Os seus recitaes foram verdadeiras festas de arte, de arte grandiosa e pura.

IBERÊ GOMES GROSSO e ALICINHA RICARDO — Dous recitaes da série — JOVENS ARTISTAS — instituida pela "E. de M. Archangelo Corelli" tiveram lugar no T. M. em a noite de 15 de agosto. O sr. Iberê tocou: BOCCHERINI — 6.ª *Sonata*; SAINT SAENS — *Concerto*; RAVEL — *Piece en forme d'Habanera*; FALLA — *Asturiana*; GRANADOS — *Intermezzo* ("Goyescas"); VOORMOLEN — *La dansa da Conchita* A senhorita Alicinha cantou: CAMPRA — *Chanson du papillon* (1710); SCHUMANN — *J'ai pardonné*; SADERO — *Fala nana bambin*; O RESPIGHI — *Scherzo* e *Bella porta di rubini* — D. SEVERAC — *Ma poupée Chérie*; CHABRIER — *Les cigales*; STRAWINSKY — *Pastorale* e *Chanson de Paracha* ("Mavra"); FALLA — *El paño moruno*, *Jota*, *Polo*.

O violoncellista patricio é dos mais justamente applaudidos. Sabe traduzir com perfeição e com belleza as musicas que executa. Demonstrou-o muito especialmente na *Sonata* de Boccherini e no *Intermezzo* de Granados. Este ultimo numero foi bisado.

A senhorita Alicinha Ricardo deliciou-nos em todos os numeros, cada qual mais difficil e mais bello. Essa joven cantora sobresahe não só pelo encanto da voz, mas ainda pela arte do canto. Não se limita a emittir e articular com mais ou menos perfeição, a cantar simplesmente, mas procura viver os poemas que interpreta. *Fa la nana bambin* e *Ma poupée chérie* foram no genero bellos spécimens de interpretação ao mesmo tempo vocal e dramatica. Numero de invulgar valor pela singularidade e pela difficuldade, a *Pastorale*, mostrou ainda uma vez os bellos dotes da cantora. Afinal o *extra* — *Green*, de Debussy encerrou brilhantemente o recital.

Como pianista acompanhador, participou dos triumphos da cantora, o prof. J. de Souza Lima.

COMPANHIA LYRICA — Graças aos proficuos e louvaveis esforços do maestro Silvio Piergilli teremos no proximo mez de setembro a temporada lyrica official, onde se ouvirão operas conhecidas e amadas do publico, através de algumas celebridades contemporaneas da arte do canto: Josephina Cobelli, Lily Ponts, Ninon Vallin, Tito Schipa e Galeffi. E' intensa a curiosidade por ouvil-os, especialmente as duas vozes novas para a platéa do Rio, as sopranos Cobelli e Lily. Apesar das aperturas financeiras do momento, é grande a procura de localidades. O que prova que, para certo grupo de felizardos, ainda não é muito temerosa a crise que nos assoberba.

UM DESILLUDIDO...

QUANDO a revolução começou, elle não lhe ligou nenhuma importancia. Absolutamente nenhuma. — Pouco se lhe dava que "aquillo" fosse ou não para a frente. Que não ia, com certeza!... Ah, não ia, não! Já não era a primeira vez que essa historia de revolução dava em nada... Ah, não ia!... Si fosse na sua terra, sim, ahi sim... Aquelle povo parecia ter nascido para isso mesmo... Gente de sangue na guelra! Lá se dispunham quatro homens — e zás! — estava no olho da rua o trocatintas dum presidente... Sim senhor! Mas aqui... Qual! Não dava em nada... O pessoal é muito pacato...

Os boatos iam e vinham na cidade. Das boccas para os ouvidos e dos ouvidos para as boccas. Não diga a ninguem, ouvi dizer, consta que, você já sabe, emfim, toda essa gamma curiosissima de palpites, commentarios, volições. Vinham dos quatro pontos cardeaes. Dos collateraes. E até dos sub-collateraes. Eram aos milhares. Havia de todos os feitios, desde o da simples victoria até o documentado, tim-tim por tim-tim, com o sitio do combate, o numero de mortos, a hecatombe de feridos, o montante das peças de artilharia, a estrategia dos generaes...

O Serafim Duarte continuava impassivel a isso tudo. Completamente sereno. Indifferente. Creio mesmo que superior. Com elle não havia revolução nem meia revolução... Tratantes! Que é que queriam? Nem saberiam explicar... Estavam era a desgraçar o paiz... Tratantes!...

* * *

AQUELLA manhã, Serafim acordara um tanto abalado. Tivéra sonhos máos. Presagios. Parecera-lhe ouvir barulhos estranhos na casa. Virou revirou na cama uma porção de vezes, sem conseguir geito para dormir bem. E quando se poz de pé, sem saber explicar porque, se sentiu preoccupado. E perguntou a si mesmo: "Vencerão? não vencerão?"

Pois foi exactamente nesse dia que aconteceu o grande desgosto. Que quasi o poz de cabellos brancos. Tambem não era p'ra menos! A seus olhos — e talvez elle tivesse razão! — o facto assumia a fórma dum brutal attentado ao seu direito de propriedade. Era a mais desleal das concurrencias desleaes. E agora, — hein?! — que elle lutasse, pobre delle, negociante pequeno, de casa aberta, pagando licenças, obedecendo aos preceitos tyrannicos da saúde publica, dispensando mil cuidados a sua mercancia, que elle lutasse contra a companhia toda poderosa, que ahi estava, com todas as facilidades, cheia de franquias, para combatêl-o, destruil-o emfim! Que elle lutasse...

E todo suado, esfalfando-se em gestos:

— Não estava direito! Tenham paciencia... Ah, isso é que não estava direito!... Bem que elle passára mal a noite... Parecia estar adivinhando... Alguma coisa havia de acontecer-lhe áquelle dia. Era presentimento! Não havia duvida! Era presentimento!...

E o Serafim ficava olhando a carroça do leite, defronte do seu estabelecimento, os vendedores trabalha que trabalha, vira, lava, enche, abre torneira fecha torneira, entrega, recebe, numa expressão, todo o mecanismo da venda. E todo o esquema do lucro. Da venda que lhe faltára. Do lucro que lhe fugira. E, como é natural, a antithese, a differença, o prejuizo.

Punha, então, desesperado, as mãos na cabeça:

De Lucio de Sousa

— Qual! Não ganho para o almoço... Qual!...

E ao vêr uma de suas mais antigas freguezas encaminhar-se para a carroça:

— Quem diria! Santo Deus! Até a d. Brigida... Fregueza de pagar por mez... Lá vae ella, por causa dum tostão.... Ah, mas suspendo-lhe a conta! Nem mais um vintem!... Ingratalhona!... Canalha! Uma mulher velha. Devia ter conisderação!

E era aquillo sempre. Os collegas já lhe haviam dito. Onde chegasse a tal carroça — bandida! — era leiteria fechada. Não se tinha mão nella. Invejaram-no até.

— Você, Serafim, é que é de sorte... Está ahi, está você dono do bairro... Não é preciso tabella... Qualquer dia passa a perna ao visconde... Deus conserve assim, que você é bom rapaz...

E alludindo á côr da carroça:

— Aquillo é flor que a febre amarella!...

Agora elle estava como os outros. Com a mesma luta. Tinha que combater com a mesma tenacidade. Triste vida, esta!

A' hora do almoço tinha-se transformado num revolucionario. Dos mais authenticos. E já vivia, de antemão, o delirio da victoria:

— Podem crêr... O governo perde! Tão certo como dois e dois são quatro. Tambem, que contemplação elle merece? Um negocista! Um joguete na mão do grande capital! Então isso era coisa que se fizesse num paiz livre? Uma nação como esta... que é um colosso... onde todos podiam viver folgadamente... Ora essa! Onde já se viram taes privilegios?... E a constituição, não valia nada? Bolas! Era melhor dizerem logo que isto era uma fazenda... Não estava certo! Ou bem que nós todos somos iguaes ou não somos...

E já inteiramente esquecido do que pensára até aquelle dia:

— Por isso é que eu sempre fui partidario da revolução... Haviam de pôr um paradeiro nesse escandalo... Tanta negociata por ahi... Ia acabar... E aquella porcaria da venda de leite nas carrocinhas... Só si Deus não existe é que elles não ganham... As taes carrocinhas... Hão de acabar!...

No dia 24 de outubro elle veiu para a rua. Parecia um doido. Pulou, riu, gritou, usou o lenço vermelho, ajudou a queima dalguns jornaes, participou das arruaças, abraçou desconhecidos, delirou... Finalmente! Estava livre o Brasil!... Tanto elle queria a esta terra!... Era como si fosse delle. Aqui iriam nascer os seus filhos, quando elle casasse... E seriam bons brasileiros... Ensinava-os a amar aquelle dia de 24 de outubro... Revolução bemdita! A liberdade... E aquella pinoia da carrocinha... Era um ar que lhe dava! Com a Republica Nova ia-se o privilegio!... E elle voltaria a ter a sua freguezia de sempre. E a d. Brigida haveria de pagar bem caro a ingratidão. Velha!

* * *

Consolidou-se o governo. Normalizaram-se as coisas. A vida retomou sua fórma habitual. A carroça amarella continuou, porem, defronte á casa do Serafim. E elle, desanimado:

— Quem seria capaz de dizer? Tudo na mesma... Não adeantou nada tanta vida perdida!... Na mesma...

E alquebrado e triste, está á espera de outra revolução...

PHILOSOPHANDO — *A esposa* — Todos os homens são loucos.

O marido — Nem todos...; alguns são solteiros.

REVEZES

LIBANIO de Castro passeava displicentemente a sua elegante "limousine" pelas amplas e bem cuidadas alamêdas da Quinta da Bôa Vista, quando lobrigou num banco de pedra um moço sentado e entretido a escrever numa tira de papel a lapis. Moveu lentamente a alavanca do seu carro e parou-o. Saltou devagarinho e se approximou do rapaz. Mal os seus olhos se encontraram, os braços se abriram:

— Custodio!

— Libanio!

E os dois, ainda abraçados, sentaram-se no mesmo banco.

— Conta-me alguma coisa da tua vida, das tuas aventuras. Ha quantos annos não nos vimos!

— A minha vida foi um labyrintho cuja solução unica seria um tiro na cabeça, si o Destino não me viesse em auxilio.

"Desde que nos separámos no collegio, enveredei no commercio, por insistencia de meu pae, que, como sabes, era negociante e, naquella occasião, em lisonjeiras condições financeiras. Entretanto, eu não me sentia bem naquelle meio, onde não se falava noutra coisa além de algarismos e de compras e vendas de grandes vultos. Sentia a minha vocação torcida e, á noite, quando me recolhia, dava larga expansão ao meu espirito, escrevendo versos até altas horas. Muita vez o sol me vinha surprehender contando, medindo e burilando um soneto ou uma ode, nascidos de uma inspiração vulgar, mas que tomava, ante o meu cerebro cheio de luzes e de fantasias, a fórma de uma divindade ou de uma seducção! Quando meu pae surgia, ás vezes inopinadamente, eu occultava rapido o que escrevera, na certeza de que elle desfiaria um rosario interminavel de recriminações contra mim e contra os meus versos. Eu era, porém, feliz, a despeito de viver fóra do meio que ambicionava. Nada me faltava e, filho unico e querido, era cegamente obedecido e, creio mesmo, estimado pelos auxiliares do nosso estabelecimento.

"Como sabes, sempre fui refractario ás mulheres casadoiras. Gostava do amor facil, das aventuras galantes, e tudo o que me cheirasse a grinalda de flores de laranjeira, era motivo forte para a debandada.

"Vivi dois annos subordinado aos negocios da nossa firma, até que a fatalidade, ou a desgraça, se incumbiu de me pôr á testa da casa. Meu pae, velho e doente, sentindo-se incapacitado para continuar a gerenciar os seus haveres, chamou-me certa noite e disse-me, entre outras coisas, que em breve morreria! Avalia o meu choque! Julguei que elle delirava! Procurei acalmar-lhe e, como resposta, elle sorriu ironicamente.

"O velho não se illudira a respeito do seu physico. Veiu-lhe uma apathia, uma irascibilidade por tudo e por todos que o matou dentro de tres mezes.

"Só e rico, sem a devida orientação commercial, sem o carinho, o agazalho e os conselhos de minha mãe, que morreu pouco depois de meu nascimento, comecei a apalpar as transacções cada vez mais inepto e enfastiando-me terrivelmente por tudo aquillo. Como já não tinha quem me obrigasse pelo respeito e pelo possivel receio de ser desherdado, entreguei-me ás letras, deixando o resto á revelia do meu gerente.

"Os amigos — ah! os amigos! — choviam de toda parte. E tinham sempre bailes, excursões, casinos, mulheres, bebidas e jogos para todas as noites, onde eu ia aos poucos me afundando num baratro profundo e tremendo. Gastava sem medir as consequencias e sem pensar que o meu cofre tinha fundo e nos valores dos Bancos o termino e o conta fechada.

"Num "dancing", certa noite — a noite mais desgraçada e mais memoravel da minha vida — encontre! uma mulher, uma flôr, uma serpente venenosa e tentadora, que me poz a cabeça em fogo e o coração espicaçado por lascivos e incontidos desejos. Satisfiz-lhe a todas as vontades.... Comprei-lhe custosas joias, lindos vestidos, e, por fim, a convidei a um passeio ao Velho Mundo.

"Gastei com essa mulher maldita talvez a metade da minha fortuna.

"Regressávamos de uma noite de orgias num "cabaret" sumptuoso em Paris, quando, ao penetrar no nosso magnifico appartamento, sobre a mesa cheia de flores, encontrei um cabogramma. Era do meu secretario e me communicava que o meu gerente se andava mal nas transacções e que ellas requeriam o meu regresso incontinente. Preparei as malas e fiz-me de volta. Quando aqui cheguei, era tarde. O meu conceituado estabelecimento, de nome quasi universalmente conhecido, havia sido fechado. Fallencia fraudulenta!

"A mulher que me fizera companhia á Europa, ao saber-me pobre, abandonou-me immediatamente sem um pretexto, sem a minima satisfação, sem uma palavra amiga!

"Prenderam-me. Confiscaram-me os bens. Reduziram-me á extrema miseria. Estive um longo anno isolado do mundo e das coisas. Na prisão, durante esse tempo, somente recebia tres visitas por semana: do meu velho criado, do antigo jardineiro e da ama que me embalou e me amamentou, os quaes, sem a minha protecção, ganhavam a vida difficilmente, por ahi além. Jamais, porém, trazendo-me uma censura ou uma queixa pelo que eu, com o meu desregramento e a minha existencia de moço rico, perdulario e libertino, lhes atirara, velhos e impotentes, á procura de subsistencia, depois de se haverem sacrificado aos serviços dos meus paes e meus por longos annos de dedicação e amor. Dos amigos de outrora, nem um! Das mulheres, nem signal! Elles, que gastaram do meu dinheiro sem piedade, e ellas, que bebiam os vinhos capitosos de "Clicquot" pela mesma taça

DE GILBERTO VEIGA

que eu e sob juras de amor infindo!

"Quando sahi da prisão, desilludido e com o pessimismo enraizado no amago do coração, sem bussola nem leme, andei ao acaso, sentindo que a luz era demasiado intensa para os meus olhos habituados á penumbra da cella.

"Tive vontade, confesso, de pôr termo á existencia. E teria levado a effeito o meu desejo, si a Providencia não viesse ao meu encontro.

"Fugia das ruas movimentadas, como fugiam de mim os conhecidos que me avistavam ao longe.

"Uma linda tarde de um dia de domingo, cheia de sol e de azul, eu me sentia cahir de fraqueza. Não comia havia muitas horas. Outro qualquer em meu logar teria pedido um pão, um copo de leite, em qualquer parte; eu, porém, havia occupado um logar de grande relevo na sociedade e o orgulho, mesmo depois dos vexames da prisão e da nodoa da deshonra, não me permittia aviltar-me ainda mais perante um burguez qualquer. E assim, de bolsos e estomago vazios, de roupas surradas e de sapatos rótos, vim ter a este mesmo sitio abençoado onde me encontraste feliz. Neste mesmo banco, sob esta mesma arvore, sentei-me architetando uma porção de coisas monstruosas. Senti que os meus olhos se humedeciam — elles, que nunca choraram, mesmo nos periodos mais agudos — e em breve dois pingos salgados e doridos rolaram-me face abaixo.

"A alegria cantava em torno de mim. Aqui as crianças brincavam risonhas e trefegas, emquanto naquelles balanços outras tantas iam e vinham como as ondas e o destino da gente.

"Olhava a vida e a natureza, indifferentemente, quando uma menina muito bonita, e que teria mais ou menos dez annos, se approximou de mim com as mãosinhas carregadas por uma aza de frango assado e um bocado de pão, offerecendo-me, sem palavra e com o rostinho desconfiado, o improvisado almoço. Recusei. Minhas visceras, porém, á vista daquella aza succulentamente doirada, revolucionaram-se e eu, tomado de uma força estranha e poderosa, olhei em volta de mim, perscrutador. Como notasse que a familia daquella providencial garôta, composta de cinco pessôas, não me prestava attenção, quasi arrebatadamente acceitei e trinquei com um appetite feroz o manjar offertado.

"A pequena abandonou-me um instante para voltar com um copo a transbordar de vinho.

"Tomei-me de cuidados e comecei a observar por quem era ella incumbida. E pude divisar, sem grande difficuldade, uma mocinha, a quem, talvez, a piedade tocára, a olhar-me tristemente. Não era bonita, nem feia. Tinha, porém, uma expressão de doçura tão grande e nos olhos brilhava uma chamma de bondade tão pura, que me desasocegou! "Pois é possivel existir bondade neste seculo de egoismo e usura?!" Ia virar-lhe as costas, quando os seus labios finos se entreabriram, deixando um sorriso brincar á flôr. E, a despeito de minha raiva, sorri-lhe tambem, enviando-lhe nesse sorriso a minha enorme gratidão. Ha quanto tempo eu não sorria!

"Dahi a momentos, eu fazia parte daquelle grupo risonho e tambem me sentia alegre, parecendo que qualquer coisa de bom e suave me embebedava os sentidos. Ha quanto tempo eu não me sentia contente!

"A mocidade, meu amigo, é assim: para a despertar basta uma voz de criança ou um olhar de amor. O contagio dos corações moços é inevitavel. Elles se habituam á ventura ou á desgraça, como as pupillas á sombra ou á luz.

"Aos poucos fui renascendo. Os olhos daquella moça e a dedicação dos seus paes iam acordando-me para a vida. Surprehendi-me dentro de pouco tempo, novamente apto para a luta e para a victoria. Ampararam-me. Não me perguntaram, ao menos, o que fui, o que eu era! Abri-lhes o coração. Disse-lhes do meu passado, falei-lhes do meu presente e da sorte que me estava reservada, quando elles me arrancaram á morte. Humilhei-me gostosamente. Cada palavra que eu lhes dizia era uma culpa de menos que sobre mim pesava.

"Entre mim e Francesca — assim se chama a figura principal da minha historia — brotára uma grande affeição, a principio, e um grande amor veiu completar a nossa convivencia.

"Com a competencia que tenho e que bem conheces, comecei a trabalhar num jornal e, dentro de anno e meio, com o esforço e a perseverança que empreguei, galguei a sub-directoria.

"Casei-me logo que a minha posição e os meus recursos permittiram. E hoje sou inteiramente feliz com o amor e o carinho da minha esposa e a innocencia do meu filhinho, que conta, apenas, oito mezes de vida.

"Abandonei tudo do passado. Jamais, porém, deixei a mania dos versos, que, em grande parte, contribuiram para o meu fracasso, levando-me á penuria. Assim é que, estando minha Francesca veraneando com os paes e o garotinho em Petropolis, e eu aqui ficando pelos deveres que me prendem ao meu jornal, corri a este local para mim sagrado, e dava fim a este soneto que, como vês, é á memoria do meu filho:

"..... A innocencia com elle se balança,
Num bercinho de fitas e de rendas,
Tecendo uma grinalda de esperança."

* * *

O sol acabava de mergulhar no occaso, quando o carro silencioso de Libanio deixou a Quinta da Bôa Vista, rodando sobre o asphalto das ruas, levando os dois amigos e antigos collegas na mais amistosa e confidencial das palestras.

O agente — O senhor tem uma cabelleira tão abundante, e o seu passaporte diz ser o senhor calvo. E' falso este passaporte?

O viajante — Não. O cabello é que é falso.

UM CRIME MORAL

— Quando você visitar Auteuil — disséra-me meu bom amigo doutor Fusch — vá ver meu sanatorio. Mostrar-lhe-ei alguns casos curiosos de enajenação mental.

Prometti-lhe minha visita, mas decorreram varios meses sem que eu pudesse fazêl-a. Assim é que, quando, ha poucos dias, resolvi ir a Auteuil, elle me recebeu com grandes demonstrações de alegria.

A loucura pareceu-me sempre um mysterio cheio de espanto, e nunca pude pensar nella sem angustia. Ser-me-ia impossivel viver entre loucos, tão dolorosa me é sua situação. Seus olhos parecem dotados de um duplo olhar: o longinquo, incolor, desinteressado, e o olhar interno, brilhante, febril, aterrador.

Emquanto eu seguia o doutor Fusch, experimentava mais uma vez essa penosa impressão. Elle andava tranquillamente entre os loucos, falando-lhes como a amigos de quem fosse confidente, ouvindo com serenidade suas divagações.

Ao entrar no quarto dos agitados, ao atravessar o grupo dos inoffensivos, dos idiotas, eu perguntava a mim mesmo si aquillo não seria algum horrivel pesadelo, si não tinha enlouquecido, e sentia que o espanto me invadia o espirito.

Já lamentava minha visita e pedia a Deus que terminasse, quando meu guia abriu a porta de uma cella e me disse:

— Aqui tem você um casal curioso. Olhe-o bem.

Vi dois velhos fracos, enrugados, de aspecto lamentavel.

O homem, calvo, pállido, com os olhos sem brilho, procurava occultar-se atraz da mulher, como um menino assustado.

Mas a mulher, com o nariz encurvado, e os olhos de coruja, parecia uma bruxa hedionda.

Quando nos viram, os dois cahiram de joelhos, juntando as mãos, e balbuciaram:

— Compaixão!... Nós não o matámos... Somos innocentes... Perdão!... Não eramos ricos e nos teria arruinado...

E suas lamentações continuaram sobre o mesmo thema, com phrases incoherentes.

O doutor Fusch fechou a porta, e disse:

— Você acaba de ver dois seres que se transformaram em seus proprios verdugos. A loucura é sua expiação. Eu sou medico e os trato como aos outros. Mas, si fosse juiz, os entregaria a seu castigo. Não assassinaram, porque suas mãos não executaram a acção, mas deixaram morrer, lentamente, um parente a quem poderiam salvar. Ouça a historia:

"Os Panard, depois de retirar-se dos negocios, jovens ainda, viviam folgadamente de suas rendas.

"Levavam uma existencia de ricos egoistas, sem pensar sinão em si mesmos, e não se privando de prazer algum.

"Amontoavam o dinheiro pelo prazer exclusivo de contar suas riquezas.

"O unico parente que tinham era um primo, companheiro de infancia de Panard. Dubois — era este o seu nome — foi seu amigo durante muitos annos.

"Mas chegou um dia em que especulações infelizes o fizeram per-

O homem que foi passear no Jardim Zoológico, com o seu cãosinho...

De Armando Charpentier

der toda a sua fortuna, e desde então a amizade dos Panard se transformou em desdenhosa hostilidade. Dubois tornava-se o parente pobre, comprometedor, e elles começaram a afastál-o, para acabar fechando-lhe a porta.

"Aquillo foi, para o infeliz, a descida progressiva para a miseria, a vida mantida á força de mendicidade. A bohemia o dominou, e durante quinze annos elle rolou por todos os *bás-fonds* da miseria.

"Os Panards sabiam de sua existencia desgraçada, seguindo-lhe de longe as etapas dolorosas, mas nunca lhe extenderam a mão, nunca procuraram levantál-o ou soccorrêl-o. Pelo contrario, gozavam um prazer egoista vendo-o afundar-se cada vez mais. O homem, alguma vez, dizia a sua mulher:

"— Encontrei-me com Dubois... Imagina que agora é vendedor de jornaes...

"— Que profissão! — respondia a mulher. — E' deprimente. E que desgraça que haja semelhantes mendigos na familia!

"E riam, os dois, com riso sinistro e feroz. A idéa daquelle parente que morria de fome e de frio os divertia muitissimo.

"Um dia, receberam uma communicação official, annunciando-lhes que o primo acabava de morrer em um hospital.

"Vencido, Dubois fôra naufragar alli, com a indifferença resignada de um animal que tomba num esforço supremo. Pela primeira vez, havia muitos annos, teve oito dias de tranquillidade, quasi de ventura: os ultimos de sua existencia.

"Os Panard não responderam á communicação, nem enviaram siquer uma corôa. Que o parente fosse dar ao amphitheatro ou á cova raza, pouco lhes importava. Sentiam-se já ao abrigo de todo perigo. A sombra do primo pobre não mais rondaria em torno de suas riquezas.

"Mas sua tranquillidade não durou muito tempo. Poucos dias depois da morte de Dubois, Panard recebeu esta carta tão estranha como inesperada:

"Meus bons primos: Durante quinze annos me deixastes morrer de fome. Um pouco do que vos sobra talvez me salvasse a vida. Muito soffri por vossa culpa. Hoje, vos perdôo: entrei na deslumbrante luz da vida immaterial. Esqueço minha passagem pela terra. Mas os espiritos, meus irmãos, querem vingar-me e castigar-vos. O castigo será terrivel. Farei quanto possa para afastál-o de vós. Vosso primo — *Dubois.*"

"A carta aterrou os Panard. Fez-lhes perder o apetite e o somno. O médo dos fantasmas, das trevas, do ruido dos moveis; o médo de tudo mysterioso que nos rodeia — o mais espantoso de todos os médos se apoderou de seus cerebros e se tornou o hospede que não quer ser despedido, no animal invisivel e deforme que se sente formigar sobre o craneo...

"Chegaram outras cartas mysteriosas, escriptas pelo morto, e que paraphraseavam a primeira, desenvolvendo-a, aggravando-a. A vida dos Panard se tornou espantosa. Elles não se atreviam a mover-se, nem a separar se, nem a entrar nos aposentos escuros. A chegada do carteiro gelava-os de espanto, e permaneciam horas inteiras sem se atrever a abrir a carta que vinha do outro mundo.

"Essa vida de angustias durou algumas semanas. Depois, os primeiros symptomas da loucura se manifestaram tão claramente, que foi preciso trazêl-os para o sanatorio. Ha tres meses que para aqui vieram, e desde o dia de sua chegada estão na mesma attitude supplicante e temerosa. Duvido muito que recobrem a razão. Seu crime escapa á alçada das leis. Mas uma justiça mais alta e mais implacavel que a dos homens os castigou."

— Mas — perguntei ao doutor Fusch, quando elle terminou sua narrativa — como explica as cartas do pobre Dubois?

— E' verdade. Esquecia-me de lho dizer. E' claro que não vinham de além-tumulo. Sua historia é mais simples. Antes de entrar no hospital, Dubois tivéra como vizinho de quarto um desses pintores bohemios, de coração generoso. Esse artista conhecia a sua historia, e em mais de um dia de miseria lhe déra o que comer. Quando soube que Dubois morrêra, escreveu as cartas do outro mundo, e foi pondo-as, successivamente, no correio. Era uma simples pilheria de bohemio, que a justiça das coisas transformou em expiação.

O QUE É PRECISO SABER...

O planeta Marte

Parece fóra de qualquer duvida a existencia de atmosphera no planeta Marte, se bem que muito rareficada que a da terra, por causa da menor força da gravidade ali reinante: no nivel do seu sólo parece ser como a nossa a 20.000 metros de altitude. Tambem se tem comprovada a presença de agua em nosso vizinho planeta, em virtude, principalmente, da analyse espectroscopica e não tanto, como antes se considerava, pelo apparecimento dos chamados "capacetes" polares, ou manchas brancas de seus polos, que bem poderiam ser de anhydrido carbonico congelado, e não precisamente de agua.

A respeito da temperatura média de Marte reina grande diversidade de opiniões: Poyting, Berget e o padre Chevalier, da Ordem dos Jesuitas, julgam-na ser de 40°; Pettit e Nicholson, com a sua pilha thermo-electrica, ultra-sensivel, acharam-na de 25°. Posteriormente, porém, Coblentz, depois de pacientissimas determinações, chegou ao resultado novo e insuspeito de -|- 15°, quer dizer, aproximadamente igual á média geral da terra, embora com amplitudes muito mais extremadas que entre nós, ou seja, de até -|- 70° no verão, e, de 100° no inverno.

A serem verdadeiras, estas apreciações de Coblentz viriam desfazer uma das maiores duvidas levantadas contra a habitabilidade de Marte.

O maior telescopio do mundo — situado no monte Wilson, nos Es-

O TRABALHADOR VICTORIOSO

A questão orthographica, entre nós, tem dado ensejo a muitas discussões. Queimam-se erudição, azedam-se os animos, mas, infelizmente, o ecletismo predomina. Todas as tentativas de uniformidade e simplificação encontraram, até aqui, hostilidades invenciveis. A legião estulta dos conservadores não admitte, absolutamente, a democratização do idioma. E appellam, por falta de melhores argumentos, para a tradição, para o nacionalismo e, até, para a esthethica.

Taes argumentos, ás vezes, partem de homens de valor. E' o caso, por exemplo, do professor Julio Nogueira, adversario intransigente dos reformadores. Quem duvidar do que affirmo que perlustre o seu *Manual Orthographico Brasileiro*.

Mas, apesar de tudo, a reforma orthographica impõe-se, por imprescindivel. Os francezes consideram a anarchia graphica como "verdadeira calamidade nacional". E Ferdinand Brunot, na sua *Grammatica Historica*, a tem por "uma das causas da inferioridade da instrucção na França".

O conceito do philologo emerito ajusta-se, perfeitamente, ao caso brasileiro, porque, como observou Amadeu Amaral, o Brasil "é o unico paiz onde cada um escreve como lhe dá na cabeça. E' o unico paiz onde os professores da infancia não sabem o que hão de ensinar, a respeito de escripta, aos seus alumnos, porque tudo é permittido e tudo póde ser errado".

A Academia Brasileira de Letras, querendo pôr termo a tal situação, tem tentado, por diversas vezes, estabelecer uma reforma. Mas apparecem, immediatamente, centenas de oppositores com eternos e surrados argumentos. Encrespam-se, para logo, phoneticistas, etymologistas e usualistas. Desse debate, aliás, algum proveito temos tido, por isso que multiplas duvidas já ficaram esclarecidas e muita gente tem sido convertida. E dia virá em que toda gente estará, por certo, convertida. "Não duvido, disse Max Muller, que a nossa orthographia irracional tenha a mesma sorte que todas as superstições de que os ho-

tados Unidos, e cuja objectiva mede 2,50 metros de diametro — dá de Marte, apenas uma imagem de uns 80 millimetros quadrados — imagem que corresponde a um objecto real de 80 milhões de kilometros quadrados.

Que se poderá ver, assim, dispondo-se de uma imagem tão diminuta?

E' certo que se appella ainda para a ampliação. Infelizmente, porém, em Astronomia esses augmentos têm de ser muito mais limitados que no microscopio, em virtude da atmosphera interposta, quasi sempre em continuo movimento, e que raras vezes permittirá ampliações maiores de 600 diametros. Fóra desse limite as imagens obtidas são inteiramente confusas e com uma mobilidade parecida á de uma chamma, não permittindo se possa fixar a attenção em qualquer detalhe particular.

Por isso mesmo, os grandes observatorios de hoje estão sendo montados de preferencia em logares muito elevados, com o fim de assim se obter uma certa diminuição da camada de ar interposta. O do monte Wilson, por exemplo, acha-se collocado a 2.200 metros de altitude.

De ha muito se vêm formulando um sem numero de hypotheses e explicações em que, quasi sempre, se fazia intervir o engenho dos habitantes de Marte. Sobre os falados "canaes", Delaunal disse que o que propriamente viamos não eram, realmente, esses canaes, mas a neve formada á margem delles e que, por não poderem acompanhar a rotação do planeta na sua parte superior, se desgarravam em duas porções, dando a impressão, aqui, da terra, de se haverem desdobrado.

O que nunca se chegou a provar, mesmo superficialmente, foi a supposta existencia de sêres vivos no discutido planeta. No emtanto, tendo-se em consideração os constantes progressos da sciencia e a perfeição cada vez maior dos instrumentos de optica destinados ás observações estellares, é licito esperar-se que, dentro de breve prazo, seja resolvida de modo definitivo o debatido e complicado problema.

De Horacio Mendes

mens acabaram por se emancipar."

A orthographia tem sido, como se vê, um rumoroso *casus belli*. E coube ao sr. Gustavo Barroso, o trabalhador victorioso, historiar, e muito bem, em volume agora editorado, tudo o que se tem passado nestes ultimos tempos, especialmente na gloriosa entidade belletristica de que é membro destacado e operoso. O seu trabalho, por esse lado, é de interesse extraordinario. Era precisamente a digressão historica a lacuna mais sensivel dos ensaios até então apparecidos, muitos dos quaes, em verdade, de valor insophismavel. Mas os seus autores não tiveram a feliz idéa do itinerario academico, que nos revela, agora, mais uma faceta do seu engenho privilegiado. Não tinhamos, de facto, o sr. Gustavo Barroso no rol dos especialistas de coisas da linguagem. Sabiamos, tão só, do seu merito de historiador, de ensaista e, sobretudo, de demologista. Mas laboravamos em equivoco muito grave. O folklorista tem, necessariamente, obrigação de conhecer os problemas philologicos e de acompanhar a evolução da lingua. O folk-lore e a linguistica são sciencias que se completam, que mantêm relações estreitas de interdependencia absoluta. Todo bom folklorista é, ao mesmo passo, um philologo avisado. E' o caso, entre nós, de Alberto Faria, de João Ribeiro, de Lindolpho Gomes, de Basilio de Magalhães e doutros mais. O sr. Gustavo Barroso não poderia, portanto, fugir á regra imperiosa. E de como não fugiu temos, neste momento, a prova mais segura. O seu estudo sobre a nova orthographia faz patente o amor que dedica ao idioma. O volume esclarece, de modo mui seguro, o formulario official e traz, por coroamento, um vocabulario de difficuldades. Nem tudo ahi está consignado, como, aliás, não poderia estar. Mas o que registra é o principal ou, como se diz em linguagem mathematica, o necessario e sufficiente.

E', por conseguinte, um livro digno, em tudo, do consagrado autor de tantas obras magistraes.

O ANNIVERSARIO

ALÉM de haver obtido um marido paciente e bonachão, a senhora Arias conseguira um marido rico. O senhor Arias, banqueiro por herança, era um homem de uma paciencia biblica e de uma fortuna persa. Tinha o dom de agradar com seus presentes, de não interpretar as coisas que não se devem interpretar e de não ter olhos nem ouvidos quando não convinha. Sabia fumar um bom charuto e tomar o chapéo quando sua esposa amarrava a cara, e abrir o jornal e pôr os oculos quando via aproximar-se a tormenta domestica.

A vida no *petit-hotel* que o casal Arias habitava na rua Rodrigues Penna deslisava normalmente, apenas com os pequenos inconvenientes emanadores do curso da propria vida. Não tinham, por outro lado, opportunidade de ver-se frequentemente, apesar de viver sob o mesmo tecto. O senhor Arias levantava-se cêdo. Almoçava a maioria das vezes no centro e só regressava para casa á hora do jantar. A's vezes, essa hora coincidia com a da sahida da senhora Arias.

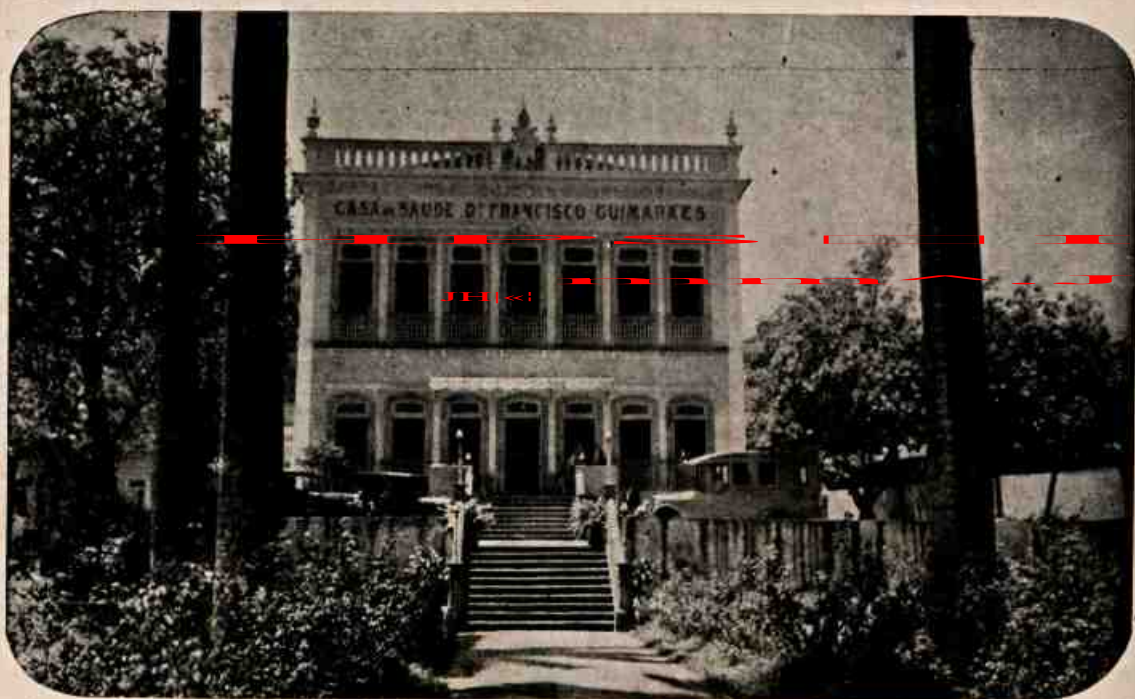
Clara era uma mulher eminentemente social, amiga das reuniões, das festas literarias ou artisticas e até do cinema. Tinha a seu lado um grupo numeroso de amigos que sabiam convidar-se com a melhor vontade do mundo para tal ou qual festa.

Ellas proprias se preoccupavam

A esposa — Tu sabes, queridinho, que entre mim e ti, não devem existir segredos, não é? Pois bem, vou confiar-te um: Se soubesses que vontade tenho de comprar aquelle "manteaux" de pelles que vimos, hontem, na cidade!

em escolher os espectaculos, analysar as obras e resolver tal ou qual passeio. A senhora Arias era sempre parte passiva, pois não tinha genio e possuia muito dinheiro. Limitava-se a deixar-se levar sem protesto nem escolhas. Ainda assim, lhe convinha figurar na bôa sociedade ao lado dos nomes mais sonoros das chronicas sociaes. Estava cansada de ouvir-se chamar a *burgueza*. Nem o brilhante nome de seu marido lhe servia de escudo. Todo mundo recordava que, debaixo delle, se occultava a senhorita Mazicovetti, filha do dono de uma fabrica de calçados mais ou menos bem montada.

*

AQUELLA manhã, a senhora Arias se levantára mais cêdo do que de costume. Projectára com sua amiga a senhora Frias Araya ir á modista, passar pelas casa commerciaes e mandar ondular o cabello. Tudo isso se podia fazer escassamente no cur-

De Bartolomeu Galindez

to espaço de tres horas. A modista, pelo menos, lhe tomaria uma. Outra gastaria nas lojas, e uma terceira no cabelleireiro. Alem disso, de volta, a senhora Arias queria passar por uma confeitaria de luxo. Era o anniversario de seu marido e desejava festejál-o da mais doce maneira.

A' uma hora da tarde, deixou sua amiga na porta de sua casa e dirigiu-se para sua residencia, pensando que ia dar uma verdadeira satisfação a seu esposo, com as compras que fizéra. Sabia que Luiz era um homem excessivamente guloso, que almoçava e jantava com duas sobremesas, e que deixava o melhor dos pratos pelo peor dos doces.

Minutos depois, a senhora Arias, carregada de embrulhos, descia deante da porta de sua casa e tomava o elevador. Subia ao terceiro andar e dirigiu-se a seu apartamento. Tirou o chapéo e a peile. Arranjou os cabellos que lhe cahiam sobre a fronte. Empoou-se um pouco, e, depois de uma breve mirada no espelho, atravessou os compartimentos que separavam a sala de jantar. Um a um, foi abrindo os pacotes e collocando os doces nas travessinhas de porcelana e crystal.

— Luiz vae ficar contente — pensou, arrumando-os com cuidado. — Elle, que é tão guloso!

Recordou sua expressão quasi infantil de dias antes, quando ella, premiando a generosidade delle ao offerecer-lhe um collar de saphiras, enchera a mesa de guloseimas.

— Luiz — disse comsigo — é um homem bom, apesar dos pequenos defeitos de seu genio. Proporciona-me todas as liberdades do mundo e não me faz precisar de nada. E' generoso e...

Continuou arranjando com cuidado a mesa. Collocou algumas flôres, approximou mais os pratos. Depois, tocou a campainha. Appareceu uma de suas criadas.

— Está prompto o almoço? — perguntou a senhora.

— Sim, senhora.

— Pois vá dizer ao patrão, Luiza, que estou na mesa, á sua espera.

— Senhora — respondeu Luiza, surprehendida, — o patrão sahiu.

— Sahiu?! — interrogou a joven senhora, como que offendida.

— Sim, patrôa. Esperou-a até doze e meia. Julgou, possivelmente, que a senhora almoçaria em casa de alguma amiga, como ás

(Conclúe na pag. seguinte)

EM UM RESTAURANTE DE LUXO — *O freguez* — Garçon, faça o favor de trocar este prato; está sujo! *O garçon* — Desculpe-me, senhor, mas é que... — ... isto é a sôpa...

vezes o faz. Pediu o almoço, que mandou servir na outra sala e, em seguida, sahiu.

— Está bem. Não deixou dito nada?

— Nada, patrôa.

A senhora Arias quebrou, furiosa, um pequeno prato que tinha na mão. Depois se levantou. Passou nervosamente em torno da mesa.

— E o peor de tudo — disse, em voz alta, como que falando comsigo mesma — o peor de tudo é que não avisa nem diz nada. Eu, como uma tola, preoccupada com elle, e elle, por seu lado, esquecendo-se de mim.

Quasi rompeu a chorar, mas contentou-se em sentar-se á mesa. Por outro lado, se lembrou de que seu vestido era de mousselline e que o estreára naquelle dia. Um movimento brusco podia rasgál-o.

O ANNIVERSARIO

(*Continuação*)

Emquanto esperava o primeiro prato, se poz a espedaçar, nervosamente, uma fatia de pão.

*

DESDE ás tres da tarde, se comprometteu a jantar com sua amiga a senhora Doyenart. Depois iriam ao theatro.

A senhora Arias queria vingar-se a todo custo de seu marido. Estava quasi certa de que, naquelle dia, elle viria para casa mais cêdo do que de costume, e a esperaria. Ah! contendo o appetite, passaria uma, duas horas pacientemente. O relogio marcaria oito, nove, dez horas, e elle não appareceria. Passada essa hora, ao se resolver o senhor Aria a jantar só, em vista de não chegar sua senhora, acharia a comida requentada e sem gosto. E não teria outra companhia além dos estalidos da estufa familiar ou o tic-tac do relogio colonial. Depois, possivelmente, viriam as explicações, as desculpas de um lado e de outro, e então o senhor Arias, que era comprehensivel, achava muito razoavel a attitude da esposa, sua espera de tres horas, o jantar sem gosto, o esquecimento *voluntario* de sua companheira...

Assim pensando, esfregava as mãos, mais satisfeita.

*

A'S duas horas da manhã, a senhora Arias penetrou em sua casa, na ponta dos pés, depois de se despedir, no automovel, de sua amiga. Chegou a seus aposentos e viu, pela fenda da

ALICANTE

(De "Impressões de viagem" — 1.a parte — Europa.)

EL Castillo! Subida interessante. Collina de aspecto arabesco, dessas que nos trazem os "films" genero *foreign legion*!...

Que panorama bonito se descortina de lá!

Tomámos a carruagem.

O "ayuntamiento", a avenida Mendez Nuñez, a avenida Affonso, o sabio, trechos centraes. Edificios em estylo mourisco e europeu. O "Salon Moderno", adeante, casa de chá e elegancia!

O "mercado de abastos" com sua fachada "puxada" a mesquita...

O Passeio Gomiz, a Explanada, largo e avenida de centro de tamareiras. Tamareiras! Tamareiras! Alicante é assim, cheia dessas arvores nobres. Nas ruas, praças, avenidas e ao longo das praias! Vestigio dos mouros!...

Pittoresca. Cidade primitiva de Hespanha. Mas encantadora, quer por sua gente de syllabas cantantes, quer por seu aspecto simples, por seu sol de oiro. Como é doirada e fresca essa Alicante: de céo tão claro!

Possue um balneario rustico — "La Alianza", já velho, a madeira tingida. Na praia, cascas de laranja, palha e detritos do mar, formando muralha contra muralha... Mas "nuestro balneario" é para alicantenses, *fado!* Não falo por mal... é a verdade! Entretanto, ha tantas coisas bellas ali! Entre as já citadas, temos a praça Joaquim Dicenta, largo de magnificos edificios e o seu passeio de tamareiras, o "Monumento de Canalejas", o portico de alto relevo de Santa Maria.

Mas eu não terminaria bem a minha impressão sobre Alicante, sem recordar o velho cocheiro de nossa carruagem, o Juan, um hespanhol, alegre e bonachão, como sóem ser todos os hespa-

porta, luz em seu dormitorio. Imaginou que seu marido ficára accordado até aquella hora só para reprehendêl-a. Armou-se de coragem. Imaginou a cara iracunda com que elle a receberia. Entreviu, com certa volupia vingativa o gesto áspero, offendido delle. Não vacillou. Resolutamente abriu a porta.

O senhor Arias, envolto em um *robe de chambre*, se encontrava commodamente sentado em uma poltrona de *boudoir*, lendo um jornal da noite. Ao vêl-a entrar, elle tirou os occulos, baixou o jornal e levantou-se.

— Afinal, chegas! — exclamou, sorrindo, depois de beijál-a na fronte, como sempre o fazia.

— Esperavas-me? — perguntou ella, receiosa.

— Sim. Hoje não pude vir jan-

O ANNIVERSARIO

(*Conclusão*)

tar. Perdôa-me. Estava cheio de trabalho. Tive varias conferencias com meus administradores de fazenda. Um montão de assumptos. Tu me desculparás querida.

Não é preciso dizer que o senhor Arias era um homem de bom appetite e de muita fortuna para não deixar um bom negocio por um bom jantar.

Sua esposa olhou-o com desconfiança e desalento.

— De maneira que não vieste jantar? — perguntou.

— Não te disse que não?

— E chegaste agora?

— Mais ou menos ha uma hora.

O olhar da senhora Arias foi fulminante.

— Quer dizer que nem por um momento tiveste o pensamento de que eu te esperava — perguntou.

— Querida, perdôa-me...

— E' que eu, desde cêdo, andei fazendo compras para ti, como no outro anniversario?... — continuou a senhora.

— Que queres dizer com isso de anniversario? — perguntou, elle, sem comprehender ainda.

— Como?! Esqueceste que dia é hoje?

— Hoje, hoje...

Coçou a cabeça, como que procurando lembrar-se.

— Tens razão, tens razão... Eu que andarei pensando eu, que me esqueço até do dia em que nasci?

— Que memoria!

A senhora Arias não respondeu. Olhou de modo desolador para seu marido, e sahiu pisando forte...

Dilke de Barbosa Rodrigues

nhoes dignos desse nome. Em seu carro percorremos toda a cidade "de los datiles".

Queriamos ver as celebres "bodégas" de Alicante...

Parámos na "Compo Alto", á praça Isabel II.

Ao "bodeguero", muito "prolixo", pedimos que nos separasse duas caixas de vinhos e licores de Alicante!

—"*Ah! si, como no* — disse-nos... — *vinos de Alicante, pero exportados de La Huerta!*...

— "Caramba", accrescentei baixinho, como andam vulgarizados os "segredos de estado!"...

Agora, emfim, falemos de Juan. Nascera em Barcelona. Muito moço tentára fortuna em terra alheia.

Estivera no Brasil, no Rio de Janeiro. Linda terra! Fôra ahi quitandeiro. Ficára muito doente e conseguiu, com auxilio de algumas economias, chegar a Alicante. Restabelecera-se depois e não mais pensou em emigrar. A vida hoje para elle era aquella — passear e *ganhar dinheiro*. Na boléa.

O Brasil! Por que o Brasil, que era tão longe, si mais perto, elle podia se estabelecer em sua mocidade? Estavam ali a sua Hespanha, Portugal, França.

—"A Hespanha? Santo de casa não faz milagre!" — Portugal era um deserto. Os portuguezes, logo que nasciam, seguiam para o Brasil.

—"A França, neste caso a peseta..."

A ironia de Juan recrudesceu. Procurou na *chatelaine* de ouro brasileiro, a moeda de um franco e, trincando-a entre os dentes, deu uma formidavel gargalhada...

— O Brasil! sim, senhores, era o seio de Abrahão!...

Não fosse a enfermidade, e elle estaria hoje bem installado na vida como os que se perdem por lá!

Emfim! Deus sabe o que faz. Elle era só e o que ganhava era sufficiente... Era feliz!

—"E viva o Rio de Janeiro, que até parece *S. Sebastiano*"

Que "pretensão" do ironico e loquaz Juan, tão alegre, tão feliz, pobre embora, mas em solo patrio! Philosopho? Positivista?

E' que a gente nunca é pobre ao lembrar-se que é dono de sua terra rica, poderosa, ou pequenina e linda! — Não ha terras feias! Ellas são como as mulheres! Sempre ha alguem que as admire!... Ella é maravilhosa, é nossa. Somos pobres, mas tambem é nosso esse paiz grandioso!

O amor da Patria!...

CAIXA DE SURPRESAS

Os venenos... elegantes

O uso do "cock-tail", que os norte-americanos introduziram no mundo, está sendo combatido por alguns hygienistas. Um delles affirma que o "cock-tail" é um excellente aprendizado para o alcoolismo. Outros condemnam-no, porque, tomado antes das refeições, desce para o estomago ainda vazio e, por consequencia, para um estomago que, rapida e facilmente, absorve o alcool. Este passa para o sangue e vae lavar os centros nervosos, perturbando-os.

Esta maneira de absorver o alcool, na delicia de um "cock-tail", é particularmente nociva para a juventude de ambos os sexos. Nem ha bebida mais perigosa.

O livro maior e mais caro do mundo

O maior e tambem o mais caro livro que se conhece é um exemplar da Biblia, escripto em hebraico, e que pertence á Bibliotheca do Vaticano.

Pesa 162 kilos e para removel-o de um lado para outro é necessario o esforço de tres homens.

A rehabilitação de Lucrecia Borgia

Numa das ultimas reuniões mensaes da Academia de Sciencias Moraes e Politicas, foi lido um notavel trabalho de Funck-Brentano, em que o conhecido historiographo rehabilita Lucrecia Borgia. Depois de demoradas e meticulosas pesquizas nas bibliothecas e nos archivos, Brentano, concluindo suas investigações, chegou a este resultado:

"Lucrecia Borgia é a figura mais calumniada da Historia!"

Algumas das accusações assacadas contra a innocente filha do Papa Alexandre VI carecem — segundo Brentano — de qualquer fundamento. Lucrecia não era, nunca foi uma mulher viciosa.

E Funck-Brentano, em consequencia de tudo isso, pediu fosse rehabilitada sua memoria.

Um museu de cerebros

O dr. Bechterev, illustre scientista russo, acaba de expôr uma idéa cuja realização lhe parece de grande utilidade pratica. Trata-se da creação de um "Museu" onde seriam expostos e conservados os cerebros das personalidades mais eminentes da sciencia, da literatura, da arte e da politica.

Segundo o dr. Bechterev, quando se enterra o corpo de uma pessôa illustre, por sua cultura, se commette uma falta irreparavel ao impedir o exame desapaixonado de seu cerebro, de suas circumvoluções, de todas as suas particularidades anatomicas; emfim, de todo esse complexo mecanismo onde mora o "genio".

O professor Bechterev insiste sobre o conhecido facto de que não existe nenhuma relação entre o peso do cerebro e o talento. O fim principal não está, pois, no estudo do peso, e sim no exame delicado e minucioso das diversas circumvoluções.

As investigações levadas a effeito por elle sobre o cerebro do sabio chimico Mendeleev permittiram-lhe chegar a comprovações e conclusões altamente instructivas, mas que, infelizmente, ainda permanecem isoladas.

O professor Bechterev cita outros curiosos detalhes e justifica a creação do "Museu Cerebral".

PRIMITIVO Brasiliano já brindara as letras brasileiras, tratando do movimento literario hodierno, da historia da literatura, com artigos em torno desses assumptos, chronicas, criticas acerca de determinados livros de autores nacionaes, quando residia na capital do Estado nativo, em cujos periodicos lhe brilhava a penna amestrada.

Não se contentara com estudar certos factos da historia literaria; pesquizara-os através das leis geraes da vida nossa e de outras nações.

No estudo do moderno movimento das bôas letras afigura-se-nos vero critico da belletristica. Reconstroe completamente todo o passado literario, para chegar a esta conclusão: *as escolas modernistas* subdivididas em *impressionistas, primitivistas, cubistas, intercepcionistas*, são derivadas do movimento modernistas de após guerra com os reverberos futuristicos de 1909.

Na qualidade de poeta futurista e bom brasileiro, canta o *verde-amarello*, a *brasilidade*, — quando é certo já haver poeta, que possuia com fulgor e pureza a consciencia da paisia, cantado, ha muito tempo, *o auri-verde pendão* de nossa terra, — quando é certo antigos poetas e escriptores nacionaes não haverem esquecido nossos thesouros folkloricos, nossas paizagens

QUALIDADES

animadas, o luar do sertão, a vida selvagem, nossa floresta; tudo já contado e cantado e que se continuará a fazêl-o através dos annos, dos seculos.

Só admitte, como novidade, composição poetica de diversos metros, — quando magnifico exemplo se encontra até em mestre Raymundo, da trindade parnasiana, na sua *Mazzeppa*, em cuja poesia se emmaranham versos de oito, seis, doze, dez, quatro, cinco, sete, onze, nove syllabas; sendo certo vir, ha muito, o engenhoso Hermes-Fontes renovando conscienciosamente nossa poesia dentro da harmonia do rythmo que a arte do verso requer, seguindo-se-lhe outros brilhantes poetas cheios de talento e originalidades.

Só admitte versos sem rimas, versos brancos, — quando na lingua portugueza a rima não é um enfeite forçado mas uma compleição natural da poesia. Nada mais sem artificio do que as quadras populares em redondilhas; nada mais natural do que o versejar dos poetas do sertão no desafio.

ESTIMUL:

Fabião, "nois sêmo velho" e velho não vale nada;

SEARA ALHEIA

Um credo

Não preciso de crenças, porque sou um homem que, acima de tudo, tem a preoccupação mesma de sua alma.
Não duvido que ao redor dos que nos são familiares, outros seres semelhantes invisiveis nos fitam; não tenho duvida em que a verdade e a belleza estão latentes em qualquer atomo do universo.

Não tenho duvida de que sou um ser sem limites e que o universo não tem fim.
Não tenho duvida de que os mundos percorrem o espaço e de que, como elles, tambem eu, um dia, os percorrerei.

Não duvido que as coisas que passam continuem sempre, pelos seculos dos seculos.
Não duvido que o exterior tenha um interior e o interior um exterior; que a vista encerra outra vista, o ouvido outro ouvido e a voz outra voz.

Tambem não duvido que a morte seja prevista pelos sêres superiores e que tudo aquillo que occorre em qualquer parte e qualquer movimento não esteja previsto na inherencia mesma das coisas.
E creio que a Vida disponha do Tempo e do Espaço, mas creio, ainda mais, que a Morte Divina a todos beneficiará. — Walt Whitman.

Desgraça

Nunca nos pertencemos mais intima e profundamente do que no dia que se segue a uma catastrophe irreparavel. Parece, então, que nos encontrámos a nós proprios e que reconquistámos uma parte desconhecida e necessaria do nosso ser. Produz-se um estranho apaziguamento, uma estranha serenidade interior.

Já de ha dias, e contra a nossa vontade impotente, embora pudessemos sorrir para as creaturas e para as flores, as forças rebeldes de nossa alma lutavam terrivelmente á beira do abysmo, e, agora, que nos achamos no fundo do precipicio, respiramos livremente. Luta, assim, sem descanso, em nossas almas e, frequentemente, a vemos e sentimos, sem dar-nos conta disso — porque nunca abrimos os olhos deante das coisas sem importancia — a sanha desses combates em que a nossa vontade não pode intervir. — Mauricio Maeterlinck.

Solitude

Oh! suave solitude que foges da confusão e do rumor das ruas... Sê minha!

Vem comigo, ali, longe... Longe da multidão inimiga.

Vem commigo onde demoram os valles risonhos, os rochedos escarpados, a cinta de crystal dos rios. Deixa-me ouvir o murmurio das arvores nas collinas, o passo furtivo das rôlas, o revôo das abelhas sobre as rosas.

Oh! solitude! Como é doce vibrar comtigo deante da Belleza suprema! Mas, ainda mais doce é encontrar uma alma que cante em unisono com o nosso amor e os nossos desejos; que se alcandore comnosco ás alturas magicas e vertiginosas do infinito. — John Keats.

DE POETA

Porque só vale quem ama,
Quem traz sua alma enganada!

PORFIA:

Esta minha alma de velho
Anda agora renovada;
Que a paixão é como o sonho:
chega sem ser esperada!

Por que, como o outro aedo, havia o velho Fabião das Queimadas de desprezar a rima, si lhe veiu esta espontaneamente aos labios?

* * *

Consoante o futurismo primitivista, brasilidade e verde-amarello, escreve Primitivo Brasiliano num livro de versos. Faz economia para fazer por conta propria a edição do volume, abandona o emprego publico, para elle supposto humilhante, e vem ao Rio vencer na vida!

Vencer?!... Mas vencer, como, se é elle um caracter diamantino, incapaz de illudir, de pregar a minima mentira; se é elle incapaz de pedir, porque lhe aflue o sangue ás faces e a lingua não o quer auxiliar no momento do pedido?!... Vencer na Metropole... Doce ingenuidade!

E o poeta publica o livro, gasta as economias e aguarda ansioso todos os dias a critica dos jornaes; mas, esta é a dura verdade, não querem os criticos dar-se ao trabalho de lhe estudar a poetica, porque nunca lhe ouviram falar no nome, porque ninguem lhes pediu por elle, porque têm muitos outros volumes de muitos outros publicistas em voga... Demais, no meio do grande numero de livros recebidos, aquelle, cujo autor é ignorado, não tem feitio primoroso e em sua capa não se exhibem traços de algum notavel artista do lapis.

Um livro de formato simples em excesso, de autor desconhecido e... de versos — vae ficando para amanhã, depois, outro dia, até ficar de todo esquecido no meio de innumeravel quantidade de volumes recebidos pelos criticos literarios.

E o autor espera, espera; não lhe criticam o livro; desanima, procura rehabilitar-se ante seus antigos chefes e, como fôra sempre funccionario exemplar, volta ao emprego para não morrer de fome!

Porém, como é artista de raça, de vez em vez publica producções avulsas em certa revista e, assim, vae, pouco a pouco, tornando o nome conhecido, distinguido por bôas qualidades de poeta.

Hermino Lyra.

O DESAPPARECIMENTO DO CAMPEÃO

Mandavam frequentemente, para Baker Street, telegrammas extravagantissimos. Dentre elles, o que maior impressão nos causou foi um que recebemos, haverá seis ou sete annos, numa triste manhã de inverno.

Era assim redigido:

"Peço obsequio de attender-me. Terivel desgraça. Falta o braço direito. Presença indispensavel amanhã.
Overton."

A leitura destas poucas, mas enigmaticas linhas, causou a Sherlock Holmes um quarto de hora de concentrada preoccupação.

Depois de o ler e reler meditativamente, poz-se a examinar a parte carimbada do despacho.

— Foi expedido na estação de Strand ás 10 horas e 56 minutos. O tal sr. Overton, quando escreveu isto, estava, por força, muito agitado e essa agitação explica a maneira incoherente por que o telegramma é redigido.

Emfim, o homem não deve tardar por ahi. Conjecturo mesmo que antes de findar a leitura do meu *Times*, receberemos a visita delle. Saberei então do que se trata. Um enigma, por mais insignificante que seja, porá em jogo toda a minha attenção. Estou já aborrecido com a forçada inacção em que me vejo.

Na verdade, estavamos numa temporada em que nada tinhamos que fazer. E como medico do meu amigo, eu receava a sua innação. O cerebro delle estava tão affeito a um violento e permanente exercicio, que se tornava perigoso deixal-o sem occupação. Pouco a pouco, num lento esforço de annos, consegui que Sherlock attenuasse o habito das injecções hypodermicas. O vicio da morphina chegára nelle a um tal extremo, que o vi em risco de ficar inutilizado para qualquer especie de trabalho. Em tempo normal, a necessidade dos estimulantes artificiaes não se fazia notar, mas eu sabia bem que esse habito diabolico não estava morto, mas unicamente adormecido num somno leve e prestes a despertar agora, por isso que, durante esta epoca de involuntario descanço, reparára muitas vezes, com receio, no fatigado aspecto de Sherlock, nos traços amollecidos do seu rosto de asceta, no desejo contido, mas cada vez maior, que brilhava no fundo dos seus olhos encovados.

Por estas razões, abençoei intimamente a bôa idéa que teve esse desconhecido Overton. Com o seu telegramma confuso, rompera-se a perigosa tranquillidade de Sherlock. Quaesquer aventuras, por mais trabalhosas e exgotantes que fossem, eram para a saude delle, preferiveis á innação. Conforme Holmes previra, o telegramma pouco tempo precedera a vinda do seu expedidor. Acabava de nos ser entregue um cartão com estes dizeres:

> *Cyrillo Overton*
> DO COLLEGIO DA TRINDADE
> CAMBRIDGE.

Poucos instantes decorridos, estavamos em face do visitante. Era um homem de corpulencia herculea, duma distancia de hombros que tomava toda a largura da porta da sala.

Tinha um rosto bem parecido. Notava-se nelle, porém, uma forte ansiedade. Mal chegou, voltou-se successivamente para cada um de nós e inquiriu:

— O sr. Sherlock Holmes?

O meu companheiro cumprimentou-o com um aceno de cabeça.

— Acabo de chegar de Scotland Yard, sr. Holmes. Estive lá com o inspector Stanley Hopkins, que me aconselhou a dirigir-me ao sr. Segundo a opinião delle, o meu assumpto é mais da especialidade do sr. Sherlock do que da policia official.

— Tenha a bondade de se sentar e explique-nos de que se trata.

— Duma coisa terrivel! Verdadeiramente terrivel! Nem sei como os meus cabellos não embranqueceram com a commoção que tenho sentido. Godfrey Staunton... Certamente tem ouvido falar delle... Pudéra! E' o fulcro, a alma de todo o grupo. Antes queria que me faltassem dois dos outros, fosse quem fosse. Mas Godfrey, santo Deus! Ninguem o excede em destreza e valentia. O que vae ser de mim, sr. Holmes?! Póde dizer-me que tenho Moorhouse na reserva do grupo, mas o seu treno é differente do de Godfrey. E' certo que tem uma apreciavel destreza de pé. Falta-lhe, porém, o sangue frio e não dispõe da resistencia do outro. Os nossos rivaes de Oxford. Morton e Honron, ficavam irremediavelmente vencidos. Assim, é impossivel. Setevenson é um jogador habil, mas não chega aos calcanhares de Staunton. Ah! sr. Holmes, estamos perdidos se nos não ajuda a achar Godfrey Staunton.

Sherlock havia escutado, divertidissimo este longo embroglio, que o visitante recitára numa voz vigorosa, accentuando as palavras com fortes palmadas sobre os joelhos.

Tirou de sobre a mesa um diccionario de biographia e começou a folheal-o procurando a letra S.

— Tenho aqui apontamento a respeito de differentes pessôas com o appellido Staunton. Cá está, entre elles, Arthur H. Staunton, que é um falsario de grande futuro. Está aqui tambem Henry Staunton, um outro criminoso, para cujo enforcamento eu concorri. Acerca de Godfrey Staunton, não encontro, porém, uma palavra sequer. Esse homem é, para mim, absolutamente desconhecido, portanto.

O outro ficou surprehendidissimo.

— E' possivel, sr. Holmes, que o sr. desconheça um nome tão celebre?! Mas então, se o ignora, desconhece tambem o meu proprio nome!

Holmes, que estava encantado com todo aquelle aranzel, disse que o não conhecia.

(Sherlock Holmes) — Por Conan Doyle

— Deus de misericordia! exclamou o athleta. Não me conhece?! Pois eu sou o campeão da lucta de "foot-ball" entre á Inglaterra e o paiz de Galles. Eu fui classificado este anno como o primeiro jogador da Universidade. Em confronto com Staunton, nada valho, porém! Nunca suppuz que houvesse alguem na Inglaterra inteira que ignorasse o nome celeberrimo desse meu grande amigo, do mais famoso "foot-ballista" da Universidade de Cambridge, do vencedor de todos os desafios, em Blackeath, e de cinco apostas internacionaes. O sr. Holmes, de certo, tem vivido na lua. Desconhecer Staunton, é de causar espanto!

Holmes sorriu-se do ingenuo desapontamento de Overton.

— Os senhores vivem numa esphera de acção inteiramente diversa da minha. Vivem num ambiente mais salutar e mais agradavel do que o meu. Durante a minha accidentada existencia, tenho-me posto em contacto com a maior parte das classes sociaes. Creio até que seja a sua a unica que me era estranha, não porque ella me não mereça a maxima sympathia, mas porque sempre estive convencido de que nunca teria de occupar-me em inqueritos que se relacionassem com o *sport*. Vejo agora, depois da sua inesperada visita, que nem essa classe tinha de escapar á minha especialidade de trabalho. De resto, inutil é accrescentar que tenho pela juventude que se dedica aos *sports* athleticos o maior apreço. Esses rapazes são a parte mais nobre e mais sã da nossa velha Inglaterra. Peço-lhe que me conte o que se passou. Sem isso, impossivel se me torna poder dar-lhe qualquer indicação util, ou prestar-lhe algum auxilio efficaz.

No rosto de Overton reflectiu-se uma rapida impressão de contrariedade. Decididamente era homem a quem se tornava mais facil o emprego dos musculos que o do raciocinio.

— O que se passou, sr. Holmes, foi o seguinte: como já tive occasião de dizer-lhe, eu sou o dirigente do grupo de "foot-ball Rugby" da universidade de Cambridge. Godfrey é o meu principal auxiliar. Succede que está marcado um desafio para amanhã entre a nossa universidade e a de Oxford. Hontem, viemos, todos os do nosso grupo, para Londres e alojamo-nos no hotel Bentley. A's dez horas da noite percorri os differentes quartos que haviam sido distribuidos á minha gente, para verificar se os companheiros estavam já recolhidos. Fiz isto, por me merecerem especiaes cuidados quaesquer circumstancias que se relacionem com o treno. Ora não ha nada que melhor predisponha um grupo de jogadores de *sport* para a lucta, do que um bom somno reparador feito antes della. Antes de metter-me na cama, conversei uns minutos com Godfrey. Pareceu-me inquieto e notei que o seu rosto estava pallido. Perguntei-lhe o que sentia e disse-me que tinha apenas uma ligeira dôr de cabeça. Desejei-lhe as bôas noites e fui deitar-me. Meia hora depois, o porteiro veiu dizer-me que um homem de barba toda, pobremente vestido, tinha vindo procurar Godfrey, com uma carta. Este não se tinha deitado ainda e, ao lel-a, cahiu meio desmaiado em cima dum *fauteuil*. O porteiro, atarantado com o deliquio, quiz ir avisar-me, mas Godfrey demoveu-o desse proposito e, depois de beber um gole de agua que o reanimou um pouco, desceu ao vestibulo de entrada onde o homem das barbas o ficára esperando, conversou com elle alguns instantes e, em seguida, sahiram ambos. Esta manhã, quando entrei no quarto do meu companheiro, vi que a cama se conservava feita da vespera e que a mala e mais objectos que Godfrey trouxera estavam tal qual eu os tinha visto na noite anterior. Nada bolido. Concluindo: sahiu com o tal barbaças e, até agora nem novas nem mandados. Tenho o presentimento de que nunca mais tornarei a vel-o! O amor ao *sport* penetrára-o até á medulla dos ossos e só uma razão gravissima póde ter dado causa a que elle prejudicasse com uma noite perdida a sua preparação physiologica para a partida a que concorresse, abandonando-nos, para o risco imminente em que o nosso grupo se encontra de ser vencido pelo de Oxford... Ah! Nenhuma duvida me resta: Godfey partiu para não voltar mais. Nunca mais o tornarei a ver!

Sherlock Holmes ouviu a narrativa do athleta com a maxima attenção.

— E o que é que o senhor fez depois do desapparecimento desse seu companheiro, inquiriu Holmes.

— Enviei um telegramma para Cambridge, perguntando se o tinham visto por lá. Não recebi resposta, o que é signal de não ter sido encontrado.

— Mas elle tinha tempo sufficiente para regressar a Cambridge nessa noite?

— Tinha, sim senhor. O ultimo comboio parte ás 11 horas e 15...

— E o que o leva a acreditar que elle não haja partido nesse comboio?

— A circumstancia de não ter sido encontrado em Cambridge.

— E depois da remessa do telegramma para Cambridge, o que fez mais?

— Telegraphei tambem a Lord Mount-James.

— E por que telegraphou a Lord Mount-James?

— Godfrey é o orphão e Lord Mount-James é o seu mais proximo parente.

— Ora ahi está uma informação que projecta uma certa luz sobre o assumpto. Mount-James possue uma das maiores fortunas da Inglaterra. Não é certo?

— E' certo. O proprio Godfrey me falou algumas vezes na immensa riqueza do lord.

— E que parentesco é esse do seu amigo com o lord?

— E' sobrinho, parece-me, provavelmente o herdeiro da sua colossal riqueza. Mount-James tem oitenta annos e está corroido pela gotta. Nunca dispendeu um schilling com Godfrey, porque é duma avareza sordida, mas a fortuna vem, certamente, parar-lhe ás mãos um bello dia.

(Continúa na pagina seguinte)

— E que respondeu o lord ao telegramma?

— Uma palavra apenas: Não.

— E que razões suppõe o senhor que Godfrey pudesse ter para ir procurar Mount-James?

— Na vespera do desapparecimento Godfrey tinha um aspecto muito preoccupado. Se foi uma necessidade de dinheiro o motivo dessa preoccupação, haverá fortes presumpções de que se tenha lembrado de ir pedil-o ao seu velho parente. Se isto se deu, pouco exito deve ter colhido com a viagem. Godfrey não se dava bem com o velho, e, se pudesse alcançar o dinheiro por qualquer outro modo, com certeza não ia incommodar o sovina do tio.

— Averiguaremos isso dentro em pouco. Acceitando, porém, desde já, que o seu amigo tenha ido procurar lord Mount-James, como se explica a visita do tal desconhecido das barbas? E qual terá sido o motivo da grande commoção que abalou Staunton ao effectuar a leitura da carta?

Cyrillo Overton poz-se a esfregar a testa e accrescentou num tom desolado:

— A causa da visita? O motivo do desmaio? Não sei...

— Eu tenho hoje o meu dia livre, disse Holmes. Posso, por isso, occupar-me do seu caso, sr. Cyrillo Overton. Mas, antes de mais nada, deixe-me dar lhe um conselho: continue os seus preparativos para a partida do "foot-ball", banindo inteiramente a idéa de que o seu companheiro possa tomar parte no desafio. Se elle, como o senhor suppõe, abandonou o grupo, por imprevistas e imperiosas circumstancias, ha probabilidades de que essas mesmas circumstancias persistam e o impidam de regressar a tempo. E agora venha dahi commigo, ao seu hotel. Talvez o porteiro me possa dar algumas informações aproveitaveis.

Eu acompanhei-os.

Sherlock Holmes tinha uma habilidade especial para interrogatorios de testemunhas. Não estranhei, por isso, que elle tirasse do porteiro a maior somma possivel de informações. O homem que levára a carta na vespera, á noite, não era nem pessôa de aspecto fino, nem operario, era uma creatura de média classe. Apparentava cincoenta annos. Usava a barba toda a emmoldurar-lhe um rosto pallido e de modesta expressão. Parecia agitado e tremulo. Quando Godfrey desceu a encontrar-se com elle no vestibulo, não lhe estendeu a mão. O dialogo que trocaram foi curto, e, delle, o porteiro recordava-se apenas da palavra "tempo". Quando sahiram, iam a passos apressados. O relogio marcava, nessa occasião, 10 horas e meia.

Holmes assentou-se á beira do leito de Staunton, e, dirigindo-se ao porteiro, perguntou-lhe:

— O senhor faz serviço durante a noite toda?

— Não, senhor. Sou rendido ás 11 horas da noite.

— E o empregado que o rendeu presenceou alguma coisa de anormal durante esta noite?

— Nada se passou digno de nota. Depois da sahida do sr. Staunton, entraram differentes hospedes que tinham ido ao theatro. Mais nada.

— O senhor esteve de serviço durante todo o dia de hontem?

— Estive.

— Veiu alguma correspondencia para o senhor Staunton?

— Veiu um telegramma.

— Ora ahi está uma informação que me agrada. E a que horas foi recebido no hotel esse telegramma?

— Perto das seis.

— Foi o senhor mesmo quem fez entrega do telegramma ao destinatario?

— Eu proprio.

— E onde estava elle quando o recebeu?

— Aqui, neste mesmo quarto.

— E estava presente quando elle o leu?

— Sim, senhor. Esperei para ver se elle queria incumbir-me de mandar a resposta ao telegrapho.

— E incumbiu-o?

— Não senhor. Escreveu effectivamente a resposta, mas foi elle proprio entregal-a á estação.

— Bem. Já disse que estava presente quando o hospede redigiu a resposta. Lembra-se se escreveu a penna ou a lapis?

— A' penna. Eu tinha ficado além, proximo da porta. O sr. Staunton assentou-se áquella mesa para escrever. Quando acabou, disse-me:

"— Não é preciso mais nada. Vou eu mesmo ao telegrapho."

— E em que papel redigiu elle a resposta? Foi nalgum dos impressos deste maço? perguntou Sherlock.

— Foi, sim, senhor. Escreveu-o no impresso que estava por cima desses.

Holmes levantou-se e pegou no maço de impressos. Tirou a folha que estava na parte superior e foi para junto da janella onde a examinou detidamente.

— Logo por fatalidade escreveu com uma penna, exclamou Sherlock. Se assim não tivesse feito, a ponta do lapis teria deixado sobre a segunda folha ligeiros sulcos, que seriam a exacta reproducção das letras ou palavras escriptas na primeira. Assim, não ficou o menor vestigio. Ah! Mas veja, meu caro Watson, elle serviu-se de uma penna de pato, e essas especies de penna fazem o traço muito grosso e espalham portanto, muita tinta no papel. Por conseguinte, hão de existir no mata-borrão, com que enxugou o telegramma, alguns vestigios do texto. Cá estão! disse elle em seguida, e mostrou-nos uma linha de caracteres invertidos, uma verdadeira trama de hieroglyphos.

Cyrillo Overton entrára num estado de grande ansiedade.

— Colloque o mata-borrão em frente do espelho, disse a Sherlock.

(*Continúa no proximo numero*)

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno .... 48$000
Semestre .... 25$000
Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez
Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON - FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barrozo
THESOUREIRO: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Director: 2 - 0377 — Administração: 2 - 4136 — Caixa Postal 97
RIO DE JANEIRO

EMPRESA FON-FON e SELECTA S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Ltd. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431
Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

SUPERETTE

RCA VICTOR

PEQUENO EM TAMANHO!

GIGANTE EM RESULTADOS!

SUPERETTE — O primeiro receptor Super-Heterodyno RCA Victor de grande potencia, em um movel miniatura. Equipado com 8 radiotrons, Alto-falante conico-dynamico, movel compacto e resistente — Preço 2:000$000.

SURGE, finalmente, o primeiro receptor Super-Heterodyno com uma reproducção igual a dos radios mais possantes, em um movel miniatura. Trata-se de um apparelho de radio magnifico, que reune em si as duas maiores virtudes RCA - Victor: a mão de obra impeccavel e a perfeição acustica.

SO' depois de longos annos de experiencias é que os engenheiros da RCA - Victor conseguiram concluir tal apparelho, digno de ser considerado como mais uma gloria para a famosa fabrica RCA - Victor.

O seu preço é modico, e com o nosso systema de vendas á prazo, V. S. não poderá se privar de possuir um "bom" radio.

PEÇA-NOS UMA DEMONSTRAÇÃO — O MAIS BREVE POSSIVEL

Á venda nas bôas casas do ramo, ou nos

Distribuidores Geraes:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98
Rio

S. Bento, 35
S. Paulo

O radio-Superette póde ser facilmente transportado para qualquer logar. Adquira um destes instrumentos e leve-o, no proximo verão, para a sua casa de campo.